

Solange Maria de Oliveira Schramm

Ac. 365271  
EXEMPLAR: 14204852

**TERRITÓRIO LIVRE DE IRACEMA: SÓ O NOME FICOU?**

**Memórias Coletivas e a Produção do Espaço  
na Praia de Iracema**

D  
307.76  
5417  
BCA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia, sob a orientação da Profª Drª Linda Maria de Pontes Gondim.

Fortaleza

Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFC

2001

Dissertação defendida e aprovada, em 14 de janeiro de 2001,  
pela banca examinadora constituída pelos professores:

---

Profª Drª Linda Maria de Pontes Gondim (orientadora)

---

Profª Drª Maria Dias Barbosa

---

Prof. Dr. José Borzachiello da Silva

Para Romeu, Emília e Isabel

## AGRADECIMENTOS

À professora Linda Maria de Pontes Gondim, pela orientação e rigorosa leitura deste texto, beneficiado por suas observações argutas e sensíveis.

Aos professores José Borzachiolo da Silva e Irllys Barreira, pelas críticas e sugestões ao projeto do qual resultou esta dissertação. Pelo mesmo motivo, sou grata ao professor Euripedes Funes.

Ao arquiteto e professor José Liberal de Castro, pelas conversas informais que me revelaram aspectos da história da nossa Fortaleza.

Ao Nirez, pela gentileza em ceder belas imagens de seu rico acervo fotográfico.

A todos os entrevistados da pesquisa, pela acolhida com que fui recebida.

Aos muitos amigos que contribuíram com informações e cessão de material decisivos para elaboração do trabalho.

Aos amigos do 3ARQ, pela constante disponibilidade em colaborar.

À minha amiga arquiteta Marília Borges, a quem devo a elaboração gráfica deste texto.

À arquiteta Clélia Leite Carvalho, companheira de trabalho desde os tempos de nossa Escola de Arquitetura, por sua amizade firme e serena.

À Valdiza Chaves de Lima (Val), que muito tem me ajudado nos cuidados com minhas filhas.

Aos meus pais e a toda minha família, pelo apoio recebido. Ao meu pai agradeço a revisão final desta dissertação.

Ao Romeu, meu marido, pelo carinho, pelo constante incentivo e por fecundas discussões que contribuíram para enriquecer este texto.

Às minhas filhas Emília e Isabel, luz e alegrias no percurso deste mestrado.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	1
<b>CAPÍTULO 1 - A (RE)CONSTRUÇÃO COLETIVA DA MEMÓRIA .....</b>	<b>6</b>
<b>CAPÍTULO 2 - O BAIRRO E A CIDADE: OS DIVERSOS TEMPOS DA PRAIA DE IRACEMA .....</b>	<b>16</b>
2.1. Tempo de Mudanças .....	16
2.2. A Descoberta do Mar.....	24
2.3. A Ocupação da Região da Praia de Iracema .....	31
2.4. E Nasce a Praia de Iracema ... ..	35
2.5. Consagração da Praia de Iracema .....	38
2.6. Destruição da Praia de Iracema .....	43
2.7. Breve Período, Muitas Mudanças... ..	48
2.8. Consolida-se um Pólo de Lazer.....	52
<b>CAPÍTULO 3 - NARRATIVAS QUE CONSOLIDAM A MEMÓRIA .....</b>	<b>58</b>
3.1. Considerações Preliminares - Elementos de Configuração Espacial .....	59
3.2. Um Paraíso Perdido .....	62
3.3. Território Livre de Iracema ( República Independente de Ipanema?) .....	78
3.4. Outras Memórias .....	88
<b>CAPÍTULO 4 - CONSTRUINDO OS LUGARES DE UMA MEMÓRIA .....</b>	<b>96</b>
4.1. A Área de Interesse Urbanístico da Praia de Iracema .....	97
4.2. A "Iracema Histórica" e os Agentes do Setor Privado .....	102
4.3 O Calçadão .....	105
4.4. Os Lugares (dos) Esquecidos .....	109
4.5. O Estoril .....	113
4.6. A Ponte dos Ingleses.....	122
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>126</b>
<b>FIGURAS .....</b>	<b>129</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>164</b>

## RESUMO

Esta dissertação trata do uso conveniente de uma memória coletiva para legitimar a construção simbólica da "tradição" de um lugar. O espaço de referência empírica escolhido foi a Praia de Iracema, situado na orla marítima da cidade de Fortaleza, o qual tem sofrido um processo de requalificação urbanística para atender às novas e crescentes demandas do turismo e do lazer. O estudo foi conduzido através de um processo interpretativo ancorado na proposta metodológica de John B. Thompson e fundamentado numa discussão teórica sobre o tema. À luz do conhecimento de aspectos da história do bairro e da constituição das memórias que o consagraram como um espaço lúdico no contexto fortalezense, foi elaborada uma análise de intervenções operadas naquele território, pelo poder público, em meados da década de 1990, buscando compreender os discursos que as justificam. A pesquisa revelou que a construção do simbolismo do bairro está arrimada nas memórias de grupos sociais de uma elite econômica, política ou intelectual. Importantes decisões de política urbana quanto à definição de patrimônio cultural e à requalificação de espaços do bairro apoiaram-se nas memórias desses grupos, referendando-as como a "tradição" da Praia de Iracema, em detrimento das memórias de outros grupos, que foram sendo apagadas ou obscurecidas.

## ABSTRACT

This dissertation deals with the convenient use of a collective memory to legitimize the symbolic construction of a location's "tradition". The empirical reference area chosen was *Praia de Iracema* (Iracema Beach), a seaside neighborhood in the city of Fortaleza, which has undergone a process of urban re-qualification in order to meet the new and increasing demands of tourism and leisure. The study was conducted using an interpretative process based on the methodological proposal of John B. Thompson and founded upon a theoretical discussion of the theme. In the light of knowledge of aspects of the neighborhood's history and the constitution of memories which consecrate it as a space for leisure in the context of Fortaleza, an analysis was carried out of the interventions made in that area by local government in the mid-1990s, in an attempt to understand the discourse which justified them. This research revealed that the construction of the neighborhood's symbolism is preserved in the memory of social groups within an economic, political or intellectual elite. These memories were used to legitimize important decisions relating to urban policy regarding re-qualification of the neighborhood's space, and referred to them as the "tradition" of Praia de Iracema, to the detriment of the memories of other groups, which became obscured.

## INTRODUÇÃO

*"A memória coletiva não é somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder"*

*(Jacques Le Goff, História e Memória, 1996)*

*"Pois a vida social é, até certo ponto, um campo de contestação em que a luta se trava tanto através de palavras e símbolos como pelo uso da força física."*

*(John B. Thompson, Ideologia e Cultura Moderna, 1995)*

Este estudo aborda relações entre as memórias de alguns grupos sociais e a produção do espaço urbano. Trata-se de investigar os usos que se podem fazer dessas memórias, com vistas a compreender a institucionalização de uma determinada memória coletiva, legitimando-a como a "tradição" de um lugar (Hobsbawn e Ranger, 1984). Essa temática ganha relevo no contexto de um mundo globalizado, em que, em contraposição à homogeneidade de um certo *modus vivendi*, ocorre a busca da diferenciação dos lugares que se inserem no circuito do consumo e do turismo. Nas palavras de Harvey (1999:266):

*"(...)Assim, as qualidades do lugar passam a ser enfatizadas em meio às crescentes abstrações do espaço. A produção ativa de lugares dotados de qualidades especiais se torna um importante trunfo na competição entre localidades, cidades, regiões e nações (...) E é nesse contexto que podemos melhor situar o esforço das cidades (...) para forjar uma imagem distintiva e criar uma atmosfera de lugar e de tradição que aja como um atrativo tanto para o capital como para pessoas 'do tipo certo' (isto é, abastadas e influentes)."*

Como ensina Milton Santos (1997:100), "os lugares reproduzem o País e o mundo segundo uma ordem [unitária] (...), pois as determinações do todo se dão de forma diferente, quantitativa e qualitativamente, para cada lugar". Assim, a partir da questão proposta, desenvolvo um estudo de caso, tomando como referência empírica o bairro da Praia de Iracema, situado em Fortaleza. Inserido na vida da cidade como balneário das elites locais, em meados da década de 1920, teve essa função abandonada vinte anos depois, com a destruição de ampla faixa de praia, em decorrência de alterações nas correntes marinhas, causadas pelas obras do novo porto, no Mucuripe. A partir de então, a Praia de Iracema configurou-se como um pequeno bairro residencial à margem do crescimento da cidade, quadro que começou a mudar na segunda metade da década de 1980, tendo se transformado, nos últimos quinze anos, num pólo de turismo e lazer.

À luz do conhecimento de aspectos da história do bairro e de sua constituição como um espaço de forte referência simbólica na cidade de Fortaleza, pretendo demonstrar que o processo de requalificação da Praia de Iracema, para abrigar essas novas funções, em meados da década de 1990, apoiou-se nas memórias de determinados grupos sociais, referendando-as como a "tradição" da Praia de Iracema, em detrimento das memórias de outros grupos, que foram apagadas ou obscurecidas. Com esse objetivo, elaborei uma análise de intervenções do poder público naquele espaço, buscando interpretar os discursos que as explicam.

Considerando que o objeto deste estudo consiste em "ações, falas, textos que, por serem construções significativas, podem ser compreendidas" (Thompson, 1995:357), decidi apoiar-me na orientação metodológica proposta por John B. Thompson. Enfatizando que o "estudo das formas simbólicas é fundamentalmente e inevitavelmente um problema de compreensão e interpretação", Thompson (1995) propõe um referencial metodológico denominado "hermenêutica de profundidade", o qual subentende que o processo de interpretação se efetue por intermédio de métodos explanatórios ou objetivantes. Nesse sentido, a *hermenêutica de profundidade* compreende diferentes tipos de análise, caracterizando três fases: a análise sócio-histórica, a análise formal ou discursiva e a interpretação/reinterpretação. Thompson adverte que essas fases não consistem em procedimentos estanques e sucessivos, mas dimensões analíticas diferenciadas, articuladas ao longo de um complexo processo Interpretativo, que devem ser precedidas por uma "hermenêutica da vida cotidiana", qual seja: esclarecer, através de técnicas como entrevistas e observação participante, como as formas simbólicas (opiniões, crenças, etc) são interpretadas no contexto da vida dos indivíduos. Apesar de enfatizar sua importância, Thompson adverte que esse momento consiste apenas num ponto de partida, pois a análise das formas simbólicas impõe que se considerem outros aspectos que lhe são inerentes: além de serem construções significativas, interpretadas e compreendidas no contexto da vida social em que surgem e são partilhadas, elas também consistem em "construções que são estruturadas de maneiras definidas e que estão inseridas em condições sociais e históricas específicas" (THOMPSON, 1995:365). O referencial metodológico da hermenêutica de profundidade exige, assim, que se vá além do sentido

interpretado pelos indivíduos no seu cotidiano, através da análise do contexto sócio-histórico e das características específicas de estruturação das formas simbólicas, com o objetivo de propor uma reinterpretação de seu significado.

A primeira fase da hermenêutica de profundidade consiste na análise sócio-histórica. Considerando que as formas simbólicas são fenômenos sociais contextualizados, seu objetivo é reconstruir as condições sócio-históricas específicas em que elas são produzidas, circulam e são recebidas, examinando "as regras e convenções, as relações sociais e instituições, e a distribuição de poder, recursos e oportunidades em virtude das quais esses contextos constroem campos diferenciados e socialmente estruturados"(Thompson,1995:369).

Além de estarem inscritas em contextos particulares, as construções simbólicas manifestam uma estrutura articulada, o que impõe outra fase de análise: a análise formal ou discursiva. Trata-se de esclarecer a mensagem expressa pelas formas simbólicas, pois, como afirma Thompson, elas "têm capacidade, e têm por objetivo dizer alguma coisa sobre algo"(1995:369). Nessa fase, interessa investigar as características intrínsecas daquelas construções, ou seja, sua organização interna, com seus padrões e relações.

A análise formal ou discursiva pode ser empreendida de diversas maneiras: a análise semiótica, a análise da conversação, a análise sintática, a análise narrativa e a análise argumentativa. As circunstâncias da investigação e a natureza do objeto em foco sugerem as abordagens mais adequadas para o estudo da estrutura de uma construção simbólica. Para os objetivos desta pesquisa, interessam, sobretudo, as análises narrativa e argumentativa.

Por narrativa, Thompson entende "um discurso que narra uma sequência de acontecimentos - ou (...) que "conta uma história". A história geralmente contém uma constelação de personagens e uma sucessão de eventos combinados de uma maneira que apresente certa orientação, ou "enredo" (1995:373). O estudo da estrutura de uma narrativa particular possibilita identificar os efeitos narrativos específicos que esta contém, a exemplo das características de seus personagens, que se revelam a partir de suas relações mútuas e do papel que exercem ao longo do enredo. Quanto à análise argumentativa, seu objetivo é reconstituir e explicitar os padrões de inferência existentes no discurso.

A última fase da proposta metodológica de Thompson (1995) consiste na interpretação/reinterpretação. Seu objetivo é a apresentação de possíveis

significados, procedendo por síntese a partir dos resultados da análise operada pelas fases anteriores. Dado o aspecto referencial das formas simbólicas, há "necessidade de uma construção criativa do significado, isto é, de uma explicação interpretativa do que está representado ou do que é dito"(Thompson, 1995:375). O autor refere-se ao fato de ser o objeto da interpretação um campo pré-interpretado pelos sujeitos que o constituem, o que abre a possibilidade de divergência entre os significados por estes construídos e aqueles propostos pelos métodos da hermenêutica de profundidade. A percepção dessa dissensão só é possível com a prévia compreensão do sentido interpretado pelos indivíduos na sua vida cotidiana. Entretanto, esta deve ser superada por um rigoroso processo de reinterpretação, assinalando que a possibilidade de um conflito entre diferentes interpretações é intrínseca ao método da hermenêutica de profundidade (Thompson, 1995:376).

Orientada pelo argumento de Thompson, estruturei este texto em quatro capítulos. Inicialmente, julguei necessária uma discussão teórica de alguns conceitos sobre o tema da memória que serão fecundos para o entendimento da questão a que me proponho. O capítulo seguinte trata de aspectos da história da Praia de Iracema e de sua inserção na cidade de Fortaleza, desde o surgimento do balneário até sua transformação num pólo de turismo e lazer, no final do século passado.

O terceiro capítulo consiste numa tentativa de compreender como se deu a construção social das memórias consagradas da Praia de Iracema e que elementos as estruturam. Por outro lado, busca-se, também, revelar que existem memórias obscurecidas. O último capítulo aborda as intervenções governamentais no espaço da Praia de Iracema que, objetivando sua requalificação para abrigar novas funções, lograram institucionalizar a memória de alguns grupos sociais.

Este estudo foi motivado, sobretudo, pelas reflexões que me suscitaram as oportunidades em que trabalhei com questões vinculadas à preservação do patrimônio cultural edificado, associadas a um conhecimento empírico preliminar de aspectos dessa temática referentes à Praia de Iracema. Assim, meu objetivo foi compreender aspectos das recentes transformações no espaço da cidade de Fortaleza, tentando caminhar na interface da sociologia e da história, com o olhar permeado pela minha formação de arquiteta.

A elaboração deste texto apoiou-se, além da pesquisa bibliográfica e documental indicada, em elementos cartográficos e iconográficos que beneficiaram a análise. Os primeiros permitiram, principalmente, esboçar o quadro da ocupação do bairro apresentado no primeiro capítulo. Quanto aos outros elementos – fotografias, cartões postais, capas de publicações, um cardápio de um restaurante, etc – contribuíram para clarificar nuances da construção das memórias da Praia de Iracema. Busquei utilizar, também, outras fontes como obras de ficção, canções, crônicas, dentre outras, por acreditar que poderiam refinar o entendimento de questões de relevo para os meus objetivos.

Quanto ao trabalho de campo, realizei sete entrevistas, além de alguns depoimentos, os quais não foram gravados. Tive, também, agradáveis conversas informais, que foram fundamentais para aguçar minha percepção de muitos dos fatos com que lidava. Fiz uso, ainda, da observação participante, com o objetivo de conhecer como dá-se a apropriação de alguns espaços do bairro, aventurando-me a lançar um "olhar etnográfico", que revelou-se central para dar conta de aspectos importantes para a construção desta dissertação.

## CAPÍTULO 1

### A (RE)CONSTRUÇÃO COLETIVA DA MEMÓRIA

Para delimitar a discussão de um tema tão amplo como a memória, deve ser explicitado o conceito que mais interessa aos objetivos desta pesquisa: trata-se da memória como uma construção social, o que impõe, inicialmente, uma referência ao pensamento de Maurice Halbwachs (1990). Transcendendo a dimensão pessoal, introspectiva, o autor forneceu uma nova abordagem ao tema, estudando a memória como um fenômeno social. A idéia de que lembrar é um exercício de "subjetividade livre e [de] conservação espiritual do passado" (Bosi, 1987:16), defendida pelo filósofo Henri Bergson<sup>1</sup>, Halbwachs (1990) contrapõe o conceito da memória como uma reconstrução e afirma a impossibilidade de uma memória estritamente individual, pois "[a] rememoração pessoal situa-se na encruzilhada das malhas de solidariedades múltiplas dentro das quais estamos engajados" (Halbwachs apud Jean Duvignaud, 1990:14).

Das recordações não emergem os fatos passados tal como aconteceram: "A memória não é sonho, é trabalho", dirá Ecléa Bosi (1987:17), definindo, metaforicamente, o processo de refazer o passado a partir de circunstâncias e informações colocadas pelo presente. Como ensina Halbwachs, "na sociedade (...) estão todas as indicações necessárias para reconstituir nosso passado": as lacunas de nossas lembranças são supridas com as lembranças dos outros, que, por sua vez, apóiam-se em reconstruções feitas anteriormente (1990:71 e 77). A memória inscreve-se, portanto, num quadro pré-existente, do qual incorpora elementos que podem complementá-la e fortalecê-la. A lembrança é "uma imagem engajada em outras imagens", como o demonstra a sensação de familiaridade que nos suscita o relato de um fato que não vivenciamos historicamente, mas que não nos parece estranho, como se compartilhássemos de um certo "clima" do desenrolar dos acontecimentos (Halbwachs, 1990:73 e 78).

---

<sup>1</sup> "A memória é, para o filósofo da intuição [Bergson], uma força espiritual prévia a que se opõe a substância material, seu limite e obstáculo" (Bosi, 1987:16). O autor investiga as relações entre corpo e espírito: "Não há, no texto de Bergson, uma tematização dos sujeitos-que-lembram, nem das relações entre os sujeitos e as coisas lembradas; como estão ausentes os nexos interpessoais, falta, a rigor, um tratamento da memória como fenômeno social" (Bosi, 1987:16).

Assim, muitas das recordações dos indivíduos consistem em representações a partir de narrativas e depoimentos: "É assim que a memória se enriquece de bens alheios que, desde que se tenham enraizado e encontrado seu lugar, não se distinguem mais das outras lembranças" (Halbwachs, 1990:71,73,78). A memória coletiva consiste, pois, numa reconstrução a partir de fatos reais e representações sociais sobre esses fatos.

A capacidade de evocar lembranças exige a referência a um grupo e ao contexto em que este se insere. Os grupos sociais são, assim, instâncias de ancoragem e construção da memória, ou, na expressão cunhada por Halbwachs, são "comunidades afetivas" (1990:34). É a partir de uma "comunidade de interesses e de pensamentos" (Connerton, 1993:44) que se pode efetivar a reconstituição do passado, apoiada em "dados ou noções comuns" aos indivíduos que as integram (Halbwachs, 1990:34). Para Halbwachs, a existência da memória vincula-se à existência do grupo: "[A memória coletiva] é uma corrente de pensamento contínuo, de uma continuidade que nada tem de artificial, já que retém do passado somente aquilo que ainda está vivo ou capaz de viver na consciência do grupo que a mantém. Por definição, ela não ultrapassa os limites deste grupo" (1990,81 e 82). Arrimadas em grupos sociais distintos, inscritos em tempos e espaços específicos, há, pois, diversas memórias coletivas (Halbwachs, 1990:85 e 86).

### *Memória e História*

Dentre as nuances conceituais referentes à memória, cabe lembrar a fronteira, às vezes imprecisa, que demarca as noções de história e memória. Nesse contexto, é precisa a distinção estabelecida por Halbwachs: uma começa onde outra termina. Para o autor, a memória é o "liame vivo das gerações", "uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo", "um movimento contínuo" que tem por suporte um grupo (Halbwachs, 1990:65,67,81). Em contraposição, define a história como "a compilação dos fatos que ocuparam o maior espaço na memória dos homens". Assim, onde existe história, já não há memória, pois "a história começa somente no ponto onde acaba a tradição, momento em que se acaba ou se decompõe a memória social. Enquanto uma lembrança subsiste, é inútil fixá-la por escrito, nem mesmo fixá-la, pura e

simplesmente"(Halbwachs,1990:80). Na memória abriga-se a "lembrança viva" dos homens e na história informações "impessoais e despojadas" (Halbwachs,1990:67 e 80). No registro da memória reside o seu fim.

Pierre Nora (1993) irá compartilhar da idéia de distinção entre a "história vivida e a operação intelectual que a torna inteligível"(...): A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução. A história é a reconstrução sempre problemática e incompleta do que não existe mais (...) A memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado" (1993:8). O autor concorda com Halbwachs(1990) sobre os aspectos de emoção e razão que distinguem a memória, "afetiva e mágica", e a história, uma construção que "demanda análise e discurso crítico"(1993:9).

Entretanto, com a noção de "lugares de memória", Pierre Nora (1993) coloca outras questões no limite entre os conceitos de memória e história. Segundo Nora, o ritmo vertiginoso das transformações a partir do século passado levou à preocupação com "os lugares onde a memória se cristaliza e se refugia" (1993:7), não apenas lugares topográficos, como os museus e bibliotecas, ou monumentais, como as arquiteturas, mas também lugares simbólicos, como as comemorações ou lugares funcionais, como as associações (Nora apud Le Goff,1996:473).

O autor nota que a uma "memória verdadeira", enraizada na cultura, "espontaneamente atualizadora", sucedeu uma memória residual, voluntária e deliberada ("memória arquivo", "memória dever", "memória distância") (Nora,1993:8). Esvaecendo-se como uma prática social, "vivida do interior", essa memória necessita de suportes exteriores dos quais nutre sua existência: "Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares" (1993:14). Nesse sentido, Nora refere-se à "alucinação artificial do passado": "Paradoxalmente, a distância exige a reaproximação que a conjura e lhe dá, ao mesmo tempo, a sua vibração. Nunca se desejou de maneira tão sensual o peso da terra sobre as botas, a mão do diabo do ano mil, e o fedor das cidades do século XVIII" (1993,19).

Apesar de enfatizar o "aspecto nostálgico desses empreendimentos de piedade, patéticos e glaciais", Nora afirma que nos "lugares de memória" "palpita

ainda algo de uma vida simbólica"(1993:13,14), o que os faz bastiões que asseguram a subsistência da memória, mesmo que dela só permaneçam rastros.

Convergindo com o pensamento de Nora, Júlio Pinto(1998) aborda a noção de memória histórica, afirmando a legitimidade de uma "memória pelos textos", que cristalize a lembrança do vivido e onde diversas temporalidades estejam encadeadas: memória como elaboração discursiva, " uma das poucas expressões tangíveis do tempo corrido" (Cinthia Brown apud Pinto,1998:206). Dessa forma, o autor reconhece que a memória também está presente nas narrativas textuais, resgatando o passado e assegurando a "capacidade de hoje viver o inexistente". A distinção entre a tarefa de recompor a memória e a de fazer a história residiria, portanto, na abordagem que fazem dos referenciais passados, a primeira sensível à multiplicidade de significados que suscitam as memórias, vinculadas a diferentes grupos sociais e a segunda preocupada com a precisão do fato. Nas palavras de Pinto:

*"O referente do lembrar encontra-se no próprio ato, que o cria, não o vinculando necessariamente à experiência vivida, eixo de preocupação do historicizar. Para o memorioso, assim como para os lugares de memória, a experiência pode ser trocada pela ficcionalidade de uma lembrança fortuíta, escapando da história e de seu referente (...) O memorioso e os lugares constituídos para autenticar a presença do passado flanam em torno das múltiplas configurações desse mesmo passado continuamente rescrito, retecido, exorcistas do presente furioso de mudanças"(Pinto,1998:210).*

Ainda na interface entre história e memória, Le Goff (1996 :473) afirma que, no mundo contemporâneo, a história estaria sob a pressão das memórias coletivas, ou seja, diferentes grupos sociais lutam para que o fazer histórico se efetive sob ângulos diversos. Nas suas palavras, trata-se de "uma história que fermenta a partir dos 'lugares' da memória coletiva" (1996 :473), condição que torna fluido o limite entre aqueles dois conceitos, admitindo que a memória coletiva possa ancorar a história.

Nessa abordagem, em contraposição a uma história tornada "oficial", vinculada a grupos dominantes do ponto de vista político, econômico ou intelectual, trata-se de iluminar outras narrativas sobre os acontecimentos, elaboradas por grupamentos sociais minoritários ou marginalizados, aproximando o sentido da história do da memória social: "a construção de um outro horizonte historiográfico se apóia na possibilidade de recriar a memória dos que perderam não só o poder, mas também a visibilidade de suas ações, resistências e

projetos" (Paoli,1992:26 e 27). Ao referir-se à relação dessas memórias silenciadas (que denomina "memórias subterrâneas") com a memória oficial, Michel Pollak (1989:5) lembra que não há, necessariamente, uma oposição entre Estado dominador e sociedade civil, sendo mais freqüente o conflito entre grupos minoritários e o grupamento social maior em que estão inseridos. Com essa advertência, o autor evidencia a disputa pela memória entre os diferentes grupos sociais que integram a sociedade. Nessa abordagem, ganha relevo a história oral, permitindo a ampliação do acervo historiográfico a partir do qual possa ser modificada a imagem do passado, e, em consequência, a interpretação histórica, "dando a palavra aos esquecidos da história" (Le Goff,1996:51).

#### *Os Usos da Memória*

As novas frentes de discussão sobre a memória coletiva têm, pois, evidenciado os aspectos problemáticos que o tema suscita. Por um lado, impõe-se reconhecer que a memória é componente fundamental da constituição da identidade dos grupamentos sociais, pois garante o necessário elo de continuidade entre as gerações, permitindo que as mudanças ocorram a partir do germen das experiências passadas, fonte de referências que dão sentido ao presente: "o grupo, no momento em que considera seu passado, sente acertadamente que permaneceu o mesmo e toma consciência de sua identidade através do tempo" (Halbwachs, 1990:87).

Entretanto, lembra Le Goff, "a memória coletiva não é somente uma conquista, é também um instrumento e um objeto de poder" (1996:476):

*"Tornar-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva" (Le Goff apud Garcia,1992:172).*

Esse aspecto conflituoso dos usos da memória coletiva aponta para a necessidade de se esclarecer como são institucionalizadas memórias construídas por grupos sociais dominantes. Ou seja, trata-se de investigar quais os processos e atores sociais que as tornam legítimas e consagradas, ignorando ou encobrendo a existência de outras memórias, pois, como assinala Connerton (1993:1), "não

há dúvida que o controle da memória de uma sociedade condiciona largamente a hierarquia do poder."

Nesse sentido, cabe também analisar o uso conveniente que pode ser feito dos referenciais passados para legitimar uma ordem social presente (Connerton, 1993:3), o que remete ao conceito de tradição. Para tanto, são fecundas questões levantadas por Eric Hobsbawm (1984) quanto ao fenômeno que denomina 'invenção de tradições'. Na mesma direção do pensamento de Nora (1993), o autor concebe as "tradições inventadas" como uma reação ao contínuo processo de mudanças no mundo moderno, numa tentativa de tornar invariáveis alguns aspectos da vida social, com a especificidade de buscarem criar ligações artificiais com um determinado passado ou forjarem seu próprio passado, passando a criar novos elementos "ou a ampliar o velho vocabulário simbólico" (Hobsbawm, 1984:10,15).

Às tradições, naquele sentido de invariabilidade e vinculação com o passado, o autor contrapõe o conceito de "costume" (que Nora denomina "verdadeira memória"), característico das chamadas sociedades "tradicionais". Aberto às mudanças, "motor e volante" daquelas sociedades, "sua função é dar a qualquer mudança desejada (...) a sanção do precedente, continuidade histórica e direitos naturais conforme o expresso na história".

Entende-se, assim, que o "surgimento" daquelas tradições, com o significado que lhe atribui Hobsbawm, é fenômeno típico, mas não exclusivo, das sociedades modernas: "Provavelmente, não há lugar nem tempo investigados pelos historiadores onde não haja ocorrido a "invenção" de tradições nesse sentido" (HOBSBAWM, 1984:12). Hobsbawm argumenta que o fenômeno está sempre vinculado a uma rápida mudança de uma sociedade, à debilidade das tradições vigentes ou quando estas são eliminadas.

Outro aspecto abordado pelo autor refere-se aos movimentos, comuns entre intelectuais, que defendem o resgate de tradições. Hobsbawm afirma a impossibilidade de preservarem um passado vivo, resultando, portanto, em tradições inventadas. A tais movimentos, contrapõe-se o vigor e a adaptabilidade das tradições autênticas: "Não é necessário recuperar nem inventar tradições quando os velhos usos ainda se conservam" (HOBSBAWM, 1984:16). Tal afirmativa aponta na mesma direção do conceito de "lugares de memória",

estabelecido por Nora (1993), ao analisar a criação de instâncias de conservação do passado.

O historiador inglês enfatiza a importância do estudo dessas tradições, ao elucidar as relações das sociedades com o passado, "pois toda tradição inventada, na medida do possível, utiliza a história como legitimadora das ações e como cimento da coesão grupal (Hobsbawn,1984:21). Nesse sentido, Hobsbawn adverte sobre o poder que têm tais tradições de tornar hegemônica uma determinada visão dos fatos:

*"O elemento de invenção é particularmente nítido neste caso, já que a história que se tornou parte do cabedal de conhecimento ou ideologia da nação, Estado ou movimento não corresponde ao que foi realmente conservado na memória popular, mas àquilo que foi selecionado, escrito, descrito, popularizado e institucionalizado por quem estava encarregado de fazê-lo"* (Hobsbawn, 1984:21).

### *Memória e Espaço*

*"Há alguns anos fui ver a casa em Avalon. Não estava mais lá. Não só a casa, mas toda a vizinhança. Fui ver o salão onde eu e meus irmãos costumávamos tocar, também não existia mais. Não só ele mas o mercado onde fazíamos nossas compras também. Tudo desapareceu. Fui ver o lugar onde Eva morava. Não existe mais. Nem a rua existe mais, nem mesmo a rua. Então fui ver o clube noturno do qual fui dono e, graças a Deus estava lá. Por um minuto achei que eu nunca tivesse existido."*  
(Cena final do filme "Avalon", escrito e dirigido por Barry Levinson.)<sup>2</sup>

"A memória escolhe lugares privilegiados de onde retira sua seiva", diz Ecléa Bosi (1992:146) ao comentar a importância dos liames entre o espaço e os grupos sociais, aspecto que aborda em *Memória e Sociedade: lembranças de velhos*, obra inspiradora de estudos sobre essa temática, no Brasil. Ao longo dos relatos de antigos moradores da cidade de São Paulo, surgem os lugares, ligados aos acontecimentos neles ocorridos. A autora realça aspectos que reforçam a ligação daquelas memórias com a casa, com as pedras da cidade, com o antigo som das ruas, tornados marcos referenciais para os diversos grupos que neles inscreveram sua história, seus valores, seus modos de vida. Numa bela passagem, Ítalo Cavino (1190:14) 1990:14) traduz, numa linguagem poética, mas não menos precisa, o sentido dos vínculos entre os homens e as pedras,

<sup>2</sup> Citado por Alessandri Carlos, 1994, p.196.

realçando o espaço em suas diversas escalas, revelando as temporalidades neles contidas:

*"Poderia falar de quantos degraus são feitas as ruas em forma de escada, da circunferência dos arcos dos pórticos, de quais lâminas de zinco são recobertos os tetos; mas sei que seria o mesmo que não dizer nada. A cidade não é feita disso, mas das relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado(...) A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata (...) Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras".*

Esse elo entre os homens e o espaço, que o lirismo da literatura ou a imagem cinematográfica conseguem tão bem exprimir, é abordado por Halbwachs(1990), ao analisar as relações entre a capacidade de lembrar e a aderência de um grupo social ao lugar que o acolhe. A volatilidade das lembranças encontra a resistência do meio material onde se apóia:

*"Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma à outra, nada permanece em nosso espírito ... (...) É sobre o espaço, sobre o nosso espaço – aquele que ocupamos, por onde sempre passamos, ao qual sempre temos acesso, e que em todo o caso, nossa imaginação ou nosso pensamento é a cada momento capaz de reconstruir – que devemos voltar nossa atenção; é sobre ele que nosso pensamento deve se fixar, para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças" (Halbwachs, 1990:143).*

Halbwachs(1990) afirma que toda memória coletiva refere-se a um quadro espacial, onde se inscrevem aspectos da vida social dos grupos. Na condição de símbolos da vida de uma coletividade, os espaços, prechos de significados, são por ela apropriados e contribuem para forjar um sentido de pertencimento ao lugar, pois este "recebeu a marca do grupo, e vice-versa (...) porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outro tanto de aspectos diferentes da estrutura e da vida de sua sociedade, ao menos naquilo que havia nela de mais estável"( 1990:133).

O lugar não se restringe, assim, a um mero cenário que abriga os acontecimentos, como lembra Gilmar de Carvalho (1998:92), ao discorrer sobre a importância, para os romeiros, de alguns espaços da cidade de Juazeiro do Norte - CE:

*"Um contexto carregado de significação, onde o que pode se apresentar a um turista ou visitante qualquer da cidade como uma pedra, uma inscrição ou um*

*signo passam a representar, para o romeiro, algo que escapa à interpretação racional, à verossimilhança e à equivalência entre o objeto e seu referente."*

Aludindo metaforicamente às "pedras da cidade", Halbwachs (1990) enfatiza que não é fácil romper os vínculos construídos entre um grupo e um determinado espaço, pois, além de prover pontos de referência externos em que se apóiam suas lembranças, nele estão inscritos aspectos que contribuem para dar sentido à existência do grupo:

*"As pedras e os materiais não vos resistirão. Mas os grupos resistirão, e, deles, é com a própria resistência, senão das pedras, pelo menos de seus antigos arranjos na qual vos esbarreis. Sem dúvida, essa disposição anterior foi outrora obra de um grupo. O que um grupo fez, um outro pode desfazê-lo. Mas o designio dos antigos homens tomou corpo dentro de um arranjo material, quer dizer dentro de uma coisa, e a força da tradição local veio da coisa, da qual era a imagem." (1990:137)*

Numa outra perspectiva, que se apoia no pensamento de Nora (1989), o aspecto relacional espaço/memória pode ser visto numa abordagem que considere alguns lugares como instâncias cristalizadoras de memórias. Nesse sentido, ganha relevo a discussão sobre o patrimônio cultural edificado, cujo conceito tem incorporado novos sentidos: da preocupação com a obra singular, excepcional, evoluiu para a noção de conjunto urbano ou territorial. Da visão que contemplava, essencialmente, atributos físicos e aspectos cronológicos ou vinculados a uma historiografia oficial, sucedeu a noção de bem cultural, realçando a importância dos valores de referência que possam ter para as comunidades em que estão inseridos (Gutierrez, 1992:121, 123).

No Brasil, a mudança na política de preservação dá-se a partir da década de 1970, quando a incorporação da idéia de memória social confere nova abordagem à questão. No decorrer daquela década e dos anos 80, foi questionada a visão, até então hegemônica, do patrimônio como "pedra e cal" (Fonseca, 1997). Tal perspectiva permitiu o reconhecimento da importância dos testemunhos materiais de outros grupos sociais que não aqueles ligados ao poder político e econômico. O tombamento de vilas operárias, em São Paulo, e de terreiros de umbanda, em Salvador, são exemplos dessa nova abordagem, abrindo novas possibilidades para a valorização da memória de pequenas comunidades dentro do contexto urbano. A mais recente elaboração do conceito incorpora a noção de patrimônio imaterial, que se refere, como informa o arquiteto

Romeu Duarte<sup>3</sup>, "às celebrações laicas ou religiosas, aos saberes e fazeres, às formas de expressão e aos lugares onde práticas e manifestações culturais se produzem e reproduzem cotidianamente".

Com essa nova visão, foram postas as condições para o debate de conceitos como o de "patrimônio afetivo", lugares privilegiados da vivência cotidiana, contribuindo para a construção de vínculos de sociabilidade e, em consequência, para o fortalecimento da memória dos grupos a eles vinculados, pois, como ensina Halbwachs (1990), há uma ligação inextricável entre os indivíduos e os lugares que os abrigam.

À luz dessas breves considerações sobre a memória como uma construção social, seus usos e sua relação com um quadro espacial, interessa retornar à questão central deste estudo, qual seja a utilização de uma memória para a legitimação de intervenções urbanísticas. Nesse sentido, início, no capítulo seguinte, a apresentação do espaço de referência empírica da pesquisa, a Praia de Iracema, com o objetivo de revelar aspectos de seu quadro sócio-histórico e do processo de sua ocupação físico-territorial, buscando reconstituir, como ensina Thompson(1995), as condições em que foram sendo construídas as memórias desse mitificado bairro fortalezense.

---

<sup>3</sup> Titular da 4ª Superintendência Regional do Instituto Histórico e Artístico Nacional.

## CAPÍTULO 2

### O BAIRRO E A CIDADE: OS DIVERSOS TEMPOS DA PRAIA DE IRACEMA

Num contexto da busca de espaços para fruição de novos prazeres mundanos, inspirados em hábitos em curso em centros mais desenvolvidos, insere-se uma novidade no panorama fortalezense: um bairro à beira-mar, um balneário que passa a congrega os grupos abonados da cidade, introduzindo uma inédita forma de lazer na cultura urbana local. A Praia de Iracema surge na década de 1920, inaugurando o efetivo uso das praias de Fortaleza, especialmente pelas elites. Para o melhor entendimento da inserção do novo bairro na vida de Fortaleza, é necessário, inicialmente, mostrar um panorama da cidade nas primeiras décadas do século XX, pois, como ensina Carlos Nelson Ferreira dos Santos, "cada lugar está carregado do que ali aconteceu antes, é um símbolo de seu próprio passado e um molde do que acontecerá dali para frente". (1988:18).

#### 2.1. Tempo de Mudanças

Nos anos iniciais do regime republicano, entre a última década do sec. XIX até 1930, o Brasil vive um processo de profundas mudanças. Com a abolição da escravatura e a queda da monarquia, o país insere-se de forma mais efetiva na mundialização do capitalismo, com significativos desdobramentos em sua organização social. Acentuam-se os anseios de modernização do país, ensejados pelo novo quadro sócio-econômico que se delineava e amparados nas idéias de progresso, disseminadas entre as classes dirigentes e setores médios intelectualizados. "Considerava-se como fundamental uma vinculação do regime republicano com a idéia de progresso – que foi mesmo incluída em um dístico, na bandeira nacional, contrapondo-se ao regime anterior, cujo vínculo fundamental era a escravidão, ou seja, o atraso econômico e social" (Reis, 1994:9).

Esse panorama de mudanças torna-se especialmente visível nos centros urbanos, cuja modernização consiste numa das metas das primeiras administrações republicanas. As principais cidades brasileiras passam por reformas urbanísticas nas áreas centrais e em seus espaços adjacentes, a

exemplo do Rio de Janeiro, então capital federal, onde se buscava criar uma fachada urbana distante da "anacrônica" feição colonial, tornando-a mais condizente com os novos tempos. A construção da Avenida Central, grande obra de reurbanização que teve à frente o prefeito Pereira Passos, é significativa desses anseios de modernização: em menos de dois anos, foram demolidas 590 edificações, dando lugar a 120 prédios novos, que foram objeto de um concurso de fachadas, envolvendo 107 concorrentes (Reis, 1994:31). O estabelecimento de uma nova imagem impôs, também, a implementação de estratégias de disciplinarização urbana e social, buscando promover a assepsia dos espaços e de sua população (Ponte, 1999:27). No que se refere aos novos espaços reformados, ocorreu um processo de segregação, alijando os pobres do centro das cidades e privilegiando o usufruto deste pelas camadas dominantes (Reis, 1994:15). Entretanto, em que pese a carga simbólica dessas mudanças urbanísticas<sup>4</sup> no desejo de ascender à condição de "civilização", o mesmo autor acentua a importância do que considera o principal motivo de sua implementação: a necessidade de programas de saúde pública, dado o significativo aumento populacional nos centros urbanos, agravando as precárias condições sanitárias, como o demonstra a incidência freqüente de febre amarela, varíola e malária e de doenças endêmicas, como a tuberculose, especialmente nas cidades litorâneas (Reis, 1994:9).

Fortaleza inseriu-se, também, nesse contexto de mudanças. Apesar de não ter sofrido reformulações com a amplitude daquelas operadas em centros urbanos como Rio de Janeiro e São Paulo, a cidade vinha passando, desde meados do século XIX, por um contínuo processo de transformações urbanas e sociais, que se acentuaram após a instauração da república. Ao final do século XIX, a cidade estabelecera sua hegemonia no contexto cearense e já se inscrevia entre os principais centros urbanos do país. Até o início daquela centúria, *"a capital cearense, tomada vila em 1726, nunca passou de mera povoação, escondida à sombra de um pequeno forte arruinado"* (Castro, 1987:211).

<sup>4</sup> Nesse sentido, José Murilo de Carvalho (1990:10) faz uma análise da simbologia (monumentos, caricaturas, hinos) utilizada no momento de implementação do regime republicano: "Tratava-se de uma batalha em torno da imagem do novo regime, cuja finalidade era atingir o imaginário popular para recriá-lo dentro dos valores republicanos".

Fortaleza nasceu nas proximidades do Forte Schoonemborch, construído pelos holandeses, em 1649<sup>5</sup>, depois chamado Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, sob domínio português. O núcleo original definia-se, basicamente, por uma ocupação ao sul e a leste daquela edificação, assim permanecendo até os primeiros anos do século XIX (FIG.1). Até então, Fortaleza permanecia isolada, assumindo apenas as funções administrativa e de defesa: "O Ceará se desenvolvia nos sertões distantes, nas bacias do Jaguaribe e do Acaraú, vias de povoamento em cujas ribeiras prosperavam as fazendas de criação" (Castro, 1982:42).

A desvinculação da capitania de Pernambuco, em 1799, permitindo a comercialização direta da província com o mercado externo, e a expansão da agricultura, sobretudo do algodão, carregado para o porto de Fortaleza, propiciam as condições para que a cidade estabeleça sua posição hegemônica no contexto cearense, o que se consolida na segunda metade do século XIX. A cidade firma sua influência sobre vasta região, para o que foi muito importante a implantação da ferrovia até Baturité, na década de 70 daquela centúria. Convertida em centro comercial e exportador, a capital cearense conhece significativas transformações, dadas as novas funções que passa a desempenhar.

As melhorias urbanas implementadas ilustram o progresso que conheceu a cidade naqueles anos: calçamento nas ruas centrais, em 1857; serviço de águas (escavações de poços) ,em 1863; iluminação pública e domiciliar a gás, em 1865; serviços de bondes de burro, em 1880; telégrafo, em 1878; e telefonia comercial, em 1891 (Castro,1982:54). Dessa época, datam as primeiras tentativas de melhorar as precárias condições do porto da cidade, situação que perdurará até meados do século XX. Outro fato a destacar refere-se à elaboração, por Adolfo Herbster, da *Planta da cidade de Fortaleza e Sobúrbios/1875* (FIG.3), plano de expansão urbana que estendia o traçado em

---

<sup>5</sup> Schoonemborch era o nome do governador da praça do Recife. Quanto ao Forte, tratava-se de edificação de precárias condições construtivas, diversas vezes refeita. Sua atual feição resulta do projeto de Silva Paulet, construído entre 1812 e 1823. (CASTRO/ 1982:37).

xadrez até os subúrbios da cidade, incluindo, no perímetro da área central, a proposta de um circuito de avenidas, chamadas boulevards – atuais Avenida do Imperador, Avenida Duque de Caxias e Avenida Dom Manuel – inspiradas nas reformas idealizadas por Haussmann, em Paris (Castro, 1977:33). Se o plano objetivava disciplinar o crescimento da cidade, o código de posturas, datado de 1893, já revelava preocupações com a aparência urbana, padronizando elementos de fachada, como platibandas e vãos de portas e janelas, buscando, assim, garantir a harmonia do conjunto urbano (Castro, 1987:216). Além da estruturação física da cidade, ocorre também a intensificação de sua vida sócio-cultural, destacando-se a fundação do Instituto do Ceará (1887) e da Academia de Letras (1894), além de outras instituições que desapareceram, como a Padaria Espiritual (1892:1998).

As aspirações modernizantes nascidas com a república tornam-se mais evidentes com a entrada do novo século. Conforme já referido, por conta de limitações econômicas, a cidade não sofre reformas de grande impacto, a exemplo das extensas modificações operadas em outros centros. Entretanto, tem curso o processo de transformações sociais e urbanas, iniciado na centúria anterior. No que se refere a intervenções públicas no espaço da cidade, estas ficarão restritas ao seu *aformoseamento*, "o que significa dizer o ajardinamento de praças e a aparência urbana", como afirma Liberal de Castro (1987:216). No início da década de 1900, são reformadas a Praça do Ferreira e a Praça Marquês do Herval (atual Praça José de Alencar), obras que causam impacto na cidade, cujo único logradouro urbanizado era o Passeio Público (Castro, 1987:16). Aquela época assinala, ainda, o surgimento das primeiras manifestações da arquitetura eclética na cidade, destacando-se, além de algumas casas, a construção dos edifícios da Fenix Caixeiral e da Associação Comercial.

O ecletismo arquitetônico prevaleceu na Europa, no século XIX, incorporando às edificações as conquistas tecnológicas nascidas com a Revolução Industrial aliadas às formas arquitetônicas características dos velhos estilos. Luciano Pateta (1987:13) assim o caracteriza: "O ecletismo arquitetônico era a cultura arquitetônica própria de uma classe burguesa que dava primazia ao conforto, amava o progresso (especialmente quando melhorava suas condições de vida), amava as novidades, mas rebaixava a produção artística e arquitetônica

ao nível da moda e do gosto". Nesse sentido, Liberal de Castro (1987:211) afirma que o ecletismo "representa no Brasil uma forma concreta de demonstrar adesão ao progresso e ajustamento às chamadas civilizações europeias de maior prestígio".

A maior realização do ecletismo na cidade viria em 1910: o Teatro José de Alencar, que teve todos os seus componentes metálicos importados de Glasgow, na Escócia (FIG.18). Como destaca Liberal de Castro(1987:229), o teatro inscreve-se na cidade como a "obra que mais simbolizava material e espiritualmente os anseios e os conceitos de progresso e de civilização então vigentes". No decênio seguinte, devem ser destacadas a reforma da Praça General Tibúrcio , a construção da segunda sede da Fenix Caixeiral e a inauguração, em 1917, do Cine-theatro Majestic, obra de grande significado para a época.

Sobre a nova ordem urbana que se instaurava na cidade, cabe mencionar a indagação que Sebastião Rogério Ponte (1999) formula sobre as motivações do depedramento da Praça Marquês do Herval ocorrido durante a sublevação que derrubou a oligarquia de Nogueira Accioly, presidente do Ceará por três mandatos – 1896 a 1900 e 1904 a 1912. Além da revolta contra os desmandos administrativos daquele governo, o autor considera que pode ter sido um protesto "contra uma ordenação sócio-urbana impactante mas restritiva, que prometia dias melhores via reformas, civilização e progresso, mas que na perspectiva das camadas populares mais parecia uma desordem que estava mudando para pior suas vidas" (Ponte,1999:47 e 48).

Na década de 1920, prosseguem as ações de aformoseamento da cidade, traduzidas pelo ajardinamento de novos logradouros e pela reforma de praças já urbanizadas, como a Praça do Ferreira (com a retirada dos famosos quiosques herdados da centúria anterior) e a Praça José de Alencar (FIG.12 e 13). Nas comemorações pelo centenário da independência, em 1922, há completa reforma do Parque da Liberdade e a inauguração da Coluna do Cristo Redentor, defronte ao Seminário da Prainha. No que se refere à malha viária, a cidade é dotada, no final daquela década, de um conjunto de avenidas ligando a praia ao centro da cidade, seguindo o trajeto de vias já existentes, mas ainda não urbanizadas.

Esse processo de aformoseamento de espaços públicos (destinados ao deleite das elites) e o florescimento do ecletismo na arquitetura, tanto nas edificações mais refinadas quanto nas mais modestas, irão resultar, em torno de 1930, numa "aparência harmoniosa" da cidade (FIG.17), bem distante da paisagem vigente no período imperial, caracterizada "por uma arquitetura acachapada e triste, constituída por alguns sobrados, uma quase totalidade de casas térreas e uma faixa de palhoças circundando a periferia" (Castro,1987:219).

### "Cosmopolitismo Civilizatório"

As melhorias urbanas e as ações de embelezamento com o objetivo de se estabelecer uma nova imagem urbana deram-se em conjunto com um processo de higienização pública e disciplinarização social, tentando construir uma "urbanidade salubre e disciplinada" (Ponte,1999:17). Em *Fortaleza Belle Époque*, o autor analisa esse processo em Fortaleza, o qual buscou instaurar uma "nova ordem capitalista, republicana e racional", promovendo, além da remodelação espacial, o "controle da saúde, dos corpos, gestos e comportamentos" (Ponte,1999:25). Esses anseios de saneamento e normalização social, surgidos a partir da segunda metade do século XIX e intensificados no início do século XX, emergiram em decorrência do crescimento da cidade e de seu adensamento populacional, acentuando os problemas de higiene pública e ensejando ações de disciplinarização social, dada a crescente presença de pobres na cidade. Nesse sentido, implementaram-se "intervenções médicas na capital, tais como as obras de saneamento, à fiscalização constante da higiene pública e privada, o asilamento de loucos e a vacinação a domicílio", ao mesmo tempo em que se deram "práticas assistencialistas e policiais sobre o contingente de pobres" (Ponte,1999:17).

No que se refere às intervenções remodeladoras, acreditava-se no seu papel disciplinador, contribuindo para impor normas de comportamento público. Liberal de Castro afirma ter existido "verdadeira profissão de fé comteana no progresso e na civilização"(1987:218). Tal crença pode ser ilustrada no discurso do intendente Guilherme Rocha, quando da inauguração do Mercado de Ferro, em 1897: "Os grandes monumentos de um povo são escolas de virtude cívica e tem missão civilizadora. N'elles se aprende a amar o progresso que se afirma

pela solidariedade social e pela pacificação dos espíritos e dos corações" (Castro,1987:218). Não foi diferente por ocasião da inauguração do teatro José de Alencar, em 1910, quando "a própria oposição, embora criticando o processo de execução da obra, afirmava: "O teatro é uma escola de costumes, artes e civilização"(Castro,1987:229).

Esse processo redentor do atraso, aspirando a um estado de civilidade, foi promovido, sobretudo, por uma elite intelectual constituída por comerciantes e profissionais liberais de nível superior. O surgimento desses novos segmentos urbanos está relacionado com o desenvolvimento sócio-econômico ocorrido a partir das últimas décadas do século XIX, ancorado no comércio de importação-exportação e fortalecido com o estabelecimento de firmas estrangeiras na cidade. A dinamização de relações comerciais propicia a inserção de Fortaleza na mundialização do capitalismo, num momento em que o novo quadro político acende as aspirações modernizantes, como já foi visto. Nessa conjuntura promissora, os novos grupos urbanos, integrados pelo setor comercial e pela emergente intelectualidade, incorporando novos valores em seus contatos com o "mundo civilizado", serão os mentores da saga civilizatória em curso na cidade.

Disseminando os anseios de modernização em aspectos diversos da vida urbana, as novas elites irão introduzir, naquele favorável quadro econômico, inéditas práticas sociais no que se refere ao convívio urbano e ao lazer, configurando-se, como afirma Ponte, um "cosmopolitismo civilizatório" (1999:17):

*"Os setores dominantes produziram inédito mundanismo elegante(...). Rompendo valores e costumes tradicionais, esse cosmopolitismo provocou novas relações e comportamentos pessoais e públicos, via inserção de modismos chiques, consumo febril de novidades importadas, europeização de condutas e transformação de eventos (como o carnaval) em espetáculos luxuosos" (Ponte,1999:18).*

Esse mundo de novidades exógenas era inspirado no que então ocorria na Europa, principalmente na França, onde havia um "ambiente de euforia, proporcionado pelo capitalismo triunfante", que, tendo se iniciado nas últimas décadas do século XIX, permaneceu até a Primeira Guerra Mundial (Castro,1987:214). Esse período ficou conhecido como *belle époque*, caracterizado por uma burguesia à procura de prazeres mundanos. As principais cidades brasileiras viveriam sua *belle époque* até 1930, quando houve uma "onda de afrancesamento que recobriu as relações sociais" (Ponte,1999:142). O

historiador destaca que, em Fortaleza, houve verdadeira "epidemia francesa", citando como exemplos eloqüentes a utilização de termos e nomes franceses e a influência no meio literário local, entre outros.

Para abrigar as novas formas de convívio social, essa elite criará territórios para seu deleite exclusivo, como os clubes elegantes. Sebastião Rogério Ponte expõe o panorama desse mundanismo, assinalando que, em 1868, eram inaugurados o Clube Cearense e a Associação Comercial do Ceará, com o objetivo de atender aos "interesses de classe e a necessidade de lazer e sociabilidade dos segmentos burgueses afluentes"(1999:135). Em 1884, surge o Clube Iracema, que passou a reunir uma "nova elite menos nobiliárquica e jovial, e que veio para revigorar o lazer e a civilidade da capital" (Ponte,1999:137).

Na década de 1880, a cidade ganha o Passeio Público, que viria a constituir-se num dos principais locais da sociabilidade fortalezense até a década de 30 deste século<sup>6</sup> (FIG.11). A partir do nível do mar, o logradouro foi disposto em três planos, o mais alto integrado à cidade e seccionado por "avenidas", cujo uso era pautado pela segregação social: na Avenida Caio Prado, os setores dominantes; a Avenida Mororó acolhia os setores medianos; e a Avenida Carapinima era reservada aos pobres (Castro,1977). Em *A Normalista*, há um trecho em que Adolfo Caminha mostra essa segregação:

*"A avenida Caio Prado tinha o aspecto fantástico de um terraço oriental onde passeavam princesas e odaliscas (...) Senhoras de braço dado, em toilettes garridas, iam e vinham (...) Na Mororó, mais larga do que as outras, havia uma promiscuidade franca de raparigas de todas as classes (...) O Zé Povinho denominava avenida dos charutos a Avenida Carapinima, por ser mais frequentada por gente de cor (...) [era o] ponto dileto de cozinheiras e raparigas baratas da Rua da Misericórdia"(1973:103,105,108).*

Essa forma de utilização segregada do espaço público acontecia, também, na Praça do Ferreira. Por ocasião do carnaval, até então uma verdadeira "orgia pública", transformada em "festividade comedida, luxuosa" pela elite local (Ponte,1999:141), aquele logradouro acolhia os diferentes setores urbanos em espaços diferenciados. Os grupos abonados restringiam-se ao "Jardim 7 de

<sup>6</sup> "(...)Os passeios públicos se incluíam entre os programas solicitados por muitas cidades brasileiras no século passado, feitos à imitação do Passeio Público do Rio de Janeiro, de fins do século XVIII, todos traduzindo bem os primeiros apelos de sofisticação da incipiente vida urbana do país. O nosso não fugiria à regra, tendo nele transcorrido a vida social da cidade até às vésperas da Revolução de 1930"(CASTRO,1977:28).

Setembro", uma alameda implantada no centro da praça por ocasião da reforma de 1902, enquanto as outras camadas da população ocupavam as demais porções do logradouro (Ponte, 1999:140). Montenegro (1959:44) também discorre sobre o uso da praça: "A Praça constituía o ponto de reunião da sociedade elegante e das camadas mais humildes. Retreta e carnaval nela se realizavam. Havia perfeita separação de classes. Brancos pobres e pretos na periferia e mestiços ricos e brancos no centro. Havia um gradil separando a gente de boa família do canelau".

Sempre sedentas de novidades, as elites fortalezenses introduziram, nos últimos anos do século XIX, as "recreações esportivas", praticadas em logradouros públicos dos quais os grupos dominantes se apropriaram: "o *"skatingrink"* (1877), patinação no Passeio Público; o *"bicycle sportif"* (1900), ciclismo nas praças, e o *"turf"* (1895), corrida de cavalos no Campo do Prado, área vizinha ao bairro do Benfica, onde se localizavam as grandes chácaras" (Ponte, 1999:140). Os setores dominantes usufruíam, assim, dos novos espaços e daqueles reformados como palco de uma sociabilidade nova e refinada, como afirma Liberal de Castro: "A valorização da cidade como vitrine da civilização, exigindo a modificação dos espaços urbanos, incentiva o surgimento de novas formas que permitissem o conforto ou que favorecessem a exibição das classes dirigentes" (1987:215).

## 2.2. A Descoberta do Mar

### *Aspectos da "Descoberta" do Mar na Europa*

Nas cidades brasileiras, a descoberta do mar para usufruto de contemplação e lazer vincula-se ao que ocorria na Europa, onde já existiam praias de veraneio desde a primeira metade do século XIX. A percepção do mar para deleite das elites europeias construiu-se gradualmente a partir do século XVII, quando, sob a égide das idéias iluministas e de uma concepção antropocêntrica do universo, o mar deixou de ser o "grande abismo, lugar de mistérios insondáveis" (Corbin, 1989:11) e passa a ser contemplado, pois "a beleza da natureza atesta o poder e a bondade do criador" e, assim, "o homem

deve tornar-se o leitor piedoso do livro de Deus" (apud Corbin,1989:34 e 35). A partir da metade daquele século, tem início o discurso médico que proclama as benesses do mar: "O banho do corpo na água fria favorece a longevidade", dirá Bacon em 1638 (apud Corbin,1989:75) . No século seguinte, o banho de mar ou de rio, que consistia em prática não recomendada, visto como "distração imoral, própria do povo sem educação", passa a ser utilizado para fins terapêuticos, pois acreditava-se que o mar pudesse sanar "os males da civilização" (Corbin,1989:69 e 71). Além dos benefícios à saúde, havia ainda a "possibilidade de distrair-se em meio à sociedade elegante que passará a freqüentar em breve os balneários da moda" (apud Corbin,1989:74).

Na segunda metade do século XVIII, outro aspecto de usufruto do mar torna-se corrente: trata-se de deslumbrar-se com o espetáculo marinho. O culto à natureza, próprio do romantismo, inspira a prática de "viagens pitorescas", excursões integradas pela entediada elite europeia. "O frescor do maravilhamento, o engajamento do corpo e a exaltação caracterizam essa aurora do turismo de grupo ao longo do litoral" (Corbin,1989:147). Ao final daquele século, instalam-se equipamentos de apoio à prática de contemplação do mar : bancos, belvederes, placas de orientação. Começa a delinear-se a invenção da praia, vinculada, inicialmente, à emergência do mar como fonte terapêutica e , posteriormente, às novas formas de sociabilidade decorrentes de novos usos.

Entre o final do século XVIII e início do século XIX, começam a surgir as estações balneares para atender às práticas higienistas vigentes, que proclamavam as virtudes das águas do mar e das fontes termais, entre outras. A partir de 1820, em países como Alemanha, Inglaterra e França são construídos grandes estabelecimentos de banho, onde tem curso o mundanismo elegante da elite europeia. O relato de um cronista, datado de 1830, ilustra a vida social que caracterizava as "temporadas" naqueles conjuntos arquitetônicos:

*"O gentleman na moda interessa-se aqui antes de tudo pela equitação, pela caça, pelo iatismo, pelo críquete; dança no Old Ship; informa-se sobre a hora em que poderá cruzar com os notáveis no Chain Pier; é ávido dessas fofocas, dessas novidades que rechearão sua conversa. As damas dedicam a manhã à leitura, à música e ao desenho, a tarde às visitas, às butiques, à caridade, ao passeio marinho, e a noite às "conversas" e à dança" (Corbin, 1989:290).*

Além desses novos espaços de sociabilidade, a época assinala, ainda, o uso de desfrutar os fins de semana num ambiente diverso daquele da moradia e do trabalho, um "hábito anunciador da modernidade laboriosa"(Corbin,1989:269). O texto de um autor francês, escrito em 1808, ilustra tal afirmação:

*"Nenhum marselhês um pouco abastado poderia privar-se de uma quinta(...) O próprio artesão possui um casebre que ele chama de quinta(...) Vai-se no sábado à noite; Passa-se aí o dia de domingo na companhia dos amigos hóspedes, e retorna-se na segunda-feira de manhã". (Aubin-Louis Millin in Corbin, 1989:269).*

A partir de meados do século XIX, na Inglaterra, a prática de freqüentar as praias torna-se uma opção de lazer para outras camadas da população. Para tanto, concorreram a melhoria dos meios de transporte e a difusão das virtudes terapêuticas do mar, e, também, um comportamento imitativo dos hábitos das camadas dominantes (Corbin,1989:294). Além da pequena burguesia, a praia começa a atrair, também, a população trabalhadora. Essa descoberta do litoral por outros grupos irá promover um uso da praia bem diverso da "sociabilidade finamente codificada que caracteriza então a vilegiatura marítima", resultando numa segregação espaço-temporal, com a delimitação de territórios e períodos do ano a serem freqüentados por cada grupamento, pois, como afirmou um membro daquela elite, por volta de 1840, seria desanimador "entrar na água em meio a tanta pobreza e tanta feiúra" (Corbin,1989:294 e 295).

#### *A Descoberta do Mar em Fortaleza*

Como ensina Murilo Marx, "as primeiras fundações se fizeram no litoral para sua ligação com a metrópole lusitana e com o resto de um império voltado, conformado e cimentado pelo mar" (1980:19). Antigas praças de cidades brasileiras, como a Praça Municipal de Salvador (a primeira praça cívica do Brasil) e a Praça XV de Novembro, no Rio de Janeiro, foram construídas abertas "para o mar como se abre para o Tejo a Praça do Comércio, antigo terreiro do Paço, em Lisboa" (Marx,1980:51).

Entretanto, apesar da diversidade de formas de implantação em relação ao mar, as aglomerações urbanas concentradas ao longo da extensa costa brasileira tinham em comum o uso das faixas de praia apenas para atividades pesqueiras e portuárias ou para despejo de lixo, situação que permaneceu, em muitas cidades, até o início do século XX. O exemplo da ex-capital federal ilustra

esse fato. No Rio de Janeiro, nessa época, "as áreas junto à costa permaneciam como locais de depósito de lixo e de lançamento de barris de esgoto, coletados pelos escravos nas habitações urbanas" (Reis, 1994:21).

Esse quadro será alterado com a implementação de políticas de saúde pública e das obras urbanísticas a partir de 1903, resultando numa "melhoria extraordinária das condições sanitárias, permitindo, ao mesmo tempo, a renovação do centro da cidade e a reurbanização efetiva dos bairros junto às praias, que passaram a ser habitadas pelas classes dominantes" (Reis, 1994:17). O mar passa a ser usado para a prática de esportes náuticos, como o remo e natação, esta já usual desde a segunda metade do século XIX. Uma passagem de "Dom Casmurro" (Machado de Assis, 1984:210), ambientada por volta de 1870, ilustra esse hábito:

*" - O mar amanhã está de desafiar a gente, disse-me a voz de Escobar, ao pé de mim.*

*- Você entra no mar amanhã?*

*- Tenho entrado com mares maiores, muito maiores. Você não imagina o que é um bom mar em hora bravia. É preciso nadar bem, como eu, e ter estes pulmões, disse ele batendo no peito, e estes braços; apalpa."*

Com o acesso facilitado, as praias já fora da baía, como Leme, Copacabana e Ipanema, são ocupadas. Nesse sentido, é significativo o depoimento do cronista carioca João do Rio sobre Ipanema, em 1917: "Eu não via mais a paisagem lunar de um ano atrás. Via uma cidade monumental, surgindo ao sol da tarde"<sup>7</sup>. João do Rio comenta, ainda, sobre a venda de terrenos, a extensão da linha de bondes, o arruamento, a construção de casas luxuosas e a chegada do comércio (Castro, 1999:191). Ao serem descobertas pelas camadas mais abonadas da população, as praias tornam-se locais de usufruto diferenciado, de lazer e novos prazeres mundanos.

No que se refere a Fortaleza, seu ordenamento físico revela, até as primeiras décadas do século XX, o isolamento da orla marítima. Durante o século XIX, as edificações construídas ao norte do núcleo central, a partir da face oeste do forte ( atual Rua João Moreira) – o Passeio Público, a Santa Casa de Misericórdia, a Penitenciária e a Estação Ferroviária – foram se constituindo numa

<sup>7</sup> Trecho de uma crônica de João do Rio do livro de sua autoria "O Paiz", publicado em 1917, e citado por Castro (1999:191).

barreira que dificultava o contato com o mar (Rocha,1984:33). Esse isolamento foi acentuado pelo gradativo distanciamento das linhas de maré, o que resultou numa área vazia entre aquelas edificações e o mar, posteriormente ocupada pelas instalações comerciais de apoio ao porto e, na direção oeste, pelo Arraial Moura Brasil (Rocha,1984:33). Comparando a "Planta Exacta da Capital do Ceará/Abril de 1859" e a "Planta da Cidade da Fortaleza e Subúrbios/1875", ambas de autoria de Adolfo Herbster, Liberal de Castro (1982:68) afirma: "(...) a denominação "rua da Praia" mudara de logradouro, aplicada agora à via mais próxima ao mar, cuja linha de marés se afastava gradativamente (atual Avenida Pessoa Anta, em lugar da Rua José Avelino)".

Outro fato que ilustra o desinteresse pelo mar era a presença, ao longo daquele século, de serviços insalubres na área fronteiriça à faixa praiana: o antigo "Paiol de Pólvora", onde posteriormente foi construído o Passeio Público; o Gasômetro, por trás da Santa Casa de Misericórdia; e a "rampa", local onde se depositava o lixo da cidade, na área em declive das ruas Amélia (atual Senador Pompeu) e Formosa ( Barão do Rio Branco) (Castro,1982:67 e Rocha,198:33).

A exemplo de outras cidades brasileiras, não havia a procura do mar para banhos<sup>8</sup>. Entretanto, a literatura cearense apresenta alguns registros daquela prática por razões terapêuticas ou por deleite, ainda que de forma discreta. No romance "A Afilhada", de Manuel Oliveira Paiva, ambientado na Fortaleza de 1880, aproximadamente, há uma referência sobre os banhos de mar no "tempo do caju"<sup>9</sup>, tidos como bons para a saúde:

*"Em Meireles, ainda demoram uns bons sítios de recreio, onde não faltam cajus aos derradeiros meses do ano, a ponto de ir-se até ali, para banho de mar, em dias havidos bons para a saúde, os do "tempo de caju". Mulher "vestia a camisola de banho" e depois de gozar as delícias da água, punha-se a andar descaça, "chinelo na mão"(...) até pertinho do Mucuripe...". (Oliveira Paiva,1961:16).*

Gustavo Barroso também se refere aos banhos de mar em seu romance "Mississipi", quando grupos familiares acorriam, em noites enluaradas, à praia localizada atrás do então novo prédio da Alfândega:

---

<sup>8</sup> O arquiteto Liberal de Castro lembra do medo que havia dos mares bravios, já descritos por Alencar, tornados mais tranquilos após a construção do quebra-mar do Mucuripe (Comunicação pessoal, feita em outubro de 2000).

<sup>9</sup> O "tempo do caju" corresponde aos meses de setembro a dezembro, quando ocorre a safra dessa fruta, considerada de propriedades depurativas.

*"E as famílias aproveitavam a pouca claridade das ruas e a muita claridade das praias para tomarem banho de mar... Meninas, moças e senhoras, acompanhadas de mucamas e moleques, guardadas pelos homens da casa, de cabelos caídos aos ombros, saia e blusa, arrastando chinelos, desciam pelas ladeiras do Gasômetro, da rua de Baixo, do Boris e da Conceição para as praias da Alfândega e do Pocinho" (Barroso, 1961:159).*

Há, ainda, depoimentos de protagonistas daqueles tempos, como o de José Barros Maia<sup>10</sup>, sobre a Praia Formosa, revelando o inusitado do uso das praias em torno de 1915<sup>11</sup>. Seu relato permite, também, entrever aspectos do culto ao corpo, que então vigorava, e a introdução dos esportes coletivos. Revela, principalmente, nuances do conflito que então se estabelecia entre os pescadores, antigos moradores do lugar, e os novos grupos que começavam a chegar:

*"Depois disso, havia a praia, não para banhos de mar, porque, quando eu comecei muito moço a fazer ginástica no velho Náutico, que funcionava em uma guarita depois do Passeio Público, muitos pescadores atiravam pedra na gente. A gente estava acostumado. Havia isso. Não havia a prática de esporte, a não ser o futebol, que sempre houve. Iniciava-se o vôlei, o basquete...era início de tudo. A gente descia para o Náutico, acabava o banho de mar, vinha para a guarita, onde sempre guardávamos os calções e havia uma barrica cimentada, com água fresca, água doce, pra gente se lavar do sal do banho do mar. E umas quadrazinhas de esporte, mas muitas vezes ocupadas pelos pescadores, que nos viam fazendo ginástica e pensavam que a gente era doido" (Souza & Ponte, 1996:41).*

Na Praia do Peixe, em meados da década de 1920, quando o local se constituía no balneário das elites fortalezenses, o banho de mar já se tornara um pouco mais usual, principalmente entre os homens, mas continuava atraindo olhares curiosos. Figurando ainda como medida terapêutica, a prática dos banhos começava a se inscrever como nova opção de lazer, ainda que restrita a alguns grupos sociais. As praias já figuravam, também, como espaço admirado por sua beleza, como atesta a canção "Praias do Ceará", composta por Diva Câmara, na década de 1920:

<sup>10</sup> José Barros Maia (Mainha), nascido em 1900, foi projetista autodidata, com intensa atuação na cidade de Fortaleza entre as décadas de 1920 e 1950.

<sup>11</sup> Sobre o uso de depoimentos individuais para recompor um quadro sócio-histórico, Pereira de Queiroz (1988:20) afirma: "Narrativa linear e individual dos acontecimentos que (...) considera significativos, através dela [da história de vida] se delinham as relações com os membros de seu grupo, de sua profissão, de sua camada social, de sua sociedade global..." Assim, como argumenta Leite Pereira (1996:94); em alusão ao pensamento de Roberto Cipriani, "o dado biográfico não tem nunca um conteúdo somente pessoal, tendo ponto de contatos que o prendem à comunidade local e à sociedade mais ampla".

*" Minha casinha situada à beira-mar  
Ali fica bem pertinho, onde a onda vem quebrar  
E tem ao lado um frondoso cajueiro  
Onde um bando de graúnas  
Vem cantar o dia inteiro*

*Não há, decerto, não há  
Como as praias do Ceará"*

Uma crônica daqueles tempos aborda aspectos como a presença feminina aos banhos, as virtudes curativas da água do mar, a atenção aos atributos do corpo e, sobretudo, o referido conflito que se instalava no novo espaço de sociabilidade que surgia. O cronista comenta sobre uma medida policial que proibia o usufruto dos banhos às "criaturas alegres", autorizando-o apenas às "pessoas graves e sisudas":

*"O venerando sr. Chefe de policia do Estado, acaba de tomar uma providencia que ficará celebre entre aquellas que se relacionam com a policia de costumes. Na Praia do Peixe, às últimas horas da tarde, "nas horas tristes em que a tarde finda", cerca de 1 kilometro do litoral offerece aos olhos dos curiosos, que para alli se dirigem, ao espectáculo sempre attrahente dos banhos de mar, em que os cavalheiros, as senhoras, as senhorinhas e as creanças, retroagindo aos tempos primeiros, velando o tronco e exhibindo pernas e braços, uns mais grossos, nédios e roliços, outros mais finos, ossudos e angulosos, correm, ao ar livre, rolam na areia e mergulham nas águas mytologicamente, como Neptunos e Sereias. O banho de mar é uma terapia elegante e de tanta efficacia quanto aquella nauseabunda e prosaica do azeite de carrapateira. O corpo medico preconiza aos seus doentes de affeções nervosas, porque os facultativos observam que os pacientes se tonificam e enrijam ao contacto das aguas salgadas. Muita gente, entretanto, mergulha no mar por mero desporto, por medidas de hygiene, ou pór volupia de exhibir, ao sól dos tropicos, as curvas musculosas "que a natureza fartamente quis lhe dar". O sr. chefe de policia deliberou, porém, restringir os banhos de mar às pessoas graves e sisudas, não permitindo que as creaturas alegres alli se possam igualmente banhar, com o mesmo vestuario do resto das gentes. Ora, o Oceano Atlantico não é privilegio de ninguém da Praia do Peixe. Qualquer mortal poderá facilmente alli morrer afogado. No que respeita ao pudor, não é lógico que o chefe de policia queira ir além da trapobana, exigindo de qualquer Lagartixa maior circumspecção do que a que se permite e se applaude e se vê nas Penelopesea nas onze mil virgens."*  
(Revista Ceará Illustrado.Fortaleza, 5 de julho de 1925, Nº52)

A Praia de Iracema surge nesse contexto de novas formas de usufruto do mar. Conforme será visto, a Praia da venda do peixe passará a abrigar novas formas de convívio social na cidade, a partir do surgimento do balneário das elites fortalezenses.

### 2.3. A Ocupação da Região da Praia de Iracema

#### *A Zona do Porto*

A ocupação da região em que se insere a Praia de Iracema remonta ao início do século XIX, quando já se registra a presença de algumas edificações após a margem direita do Rio Pajeú, até então o limite leste da pequena vila da Fortaleza (FIG.1). Trata-se da zona conhecida outrora como "Prainha" (definida pela atual Avenida Pessoa Anta e adjacências), já assim denominada na "Plancta da Villa", mapa de Fortaleza elaborado, em 1818, por Silva Paulet (Castro, 1982:45). Essa ocupação deu-se em razão da localização das instalações portuárias, que, no início daquela centúria, foram transferidas da enseada do Mucuripe para a área defronte ao núcleo original da cidade, onde permaneceram até meados do século passado.

Um "núcleo da praia", vinculado às atividades portuárias, pode ser observado na planta da cidade elaborada pelo Padre Manuel do Rego Medeiros, em 1856 (FIG.2), e na "Planta Exacta da Capital do Ceará", elaborada por Adolfo Herbster, em 1859. Nesta carta, "... aparece definida a Praça da Alfândega, repartição esta então funcionando no local onde se eleva a sede da Capitania dos Portos. Já estavam traçadas as Ruas da Alfândega (Dragão do Mar) e da Praia (José Avelino) (...) Consoante as legendas da planta, toda essa zona não passava de um areal ensombrado por coqueiral denso." (Castro, 1982:45).

As preocupações em dotar a cidade de melhores instalações portuárias vinculam-se ao momento em que esta se afirma como entreposto comercial, na segunda metade do século XIX, com a função de escoadouro, principalmente, da produção de algodão, café, couro e cera de carnaúba. As diversas tentativas de estabelecer um porto naquela porção da costa fortalezense, sujeita a fácil assoreamento, resultaram insatisfatórias. Após a construção de alguns trapiches, é implantado, na década de 1880, o projeto do inglês John Hawkshaws, com a construção de um quebra-mar, que, partindo do mar, ficava ligado à praia por meio de um viaduto. Essa obras também acabaram assoreadas, "formando uma pequena bacia de águas paradas popularmente conhecida por Poço da Draga"(Castro, 1982:77). No relatório que acompanhava seu projeto, Hawkshaws

reconhecia as vantagens da localização do porto no Mucuripe, porém, dado o interesse do setor comercial, elaborou o projeto para a área fronteiriça à cidade<sup>12</sup>.

Em 1879, é instalado um ramal ferroviário com a função de fazer ligação com o porto. Na década seguinte, com a abertura da linha da praia, a região passa a ser atendida por bondes a tração animal, ligando o mercado, no Centro, à Alfândega Velha<sup>13</sup>, que situava-se na atual Rua Dragão do Mar. O novo edifício da Alfândega seria inaugurado em 1891 (FIG.16) (Castro,1982:74,76 e 77). Assim, foi sendo ocupada a área compreendida entre o núcleo central e a praia, com a dotação de infra-estrutura e a instalação de edificações que davam suporte ao porto: armazéns, casas de comércio, repartições públicas.

Em 1906, é inaugurada a Ponte da Alfândega, "um viaduto com estrutura de ferro e piso de madeira", que mantinha as precárias condições de embarque e desembarque de cargas e passageiros, pois os navios ficavam ao largo e o percurso até o trapiche era feito por lanchas, alvarengas e botes (Girão,1979:215) (FIG.81). Na literatura cearense, encontram-se registros que ilustram essas condições, como no romance "O Quinze", de Rachel de Queirós:

*"O catraieiro chegou, agarrou um menino em cada braço e desceu a escada correndo. Assombrados, os pobrezinhos principiaram a dar gritos agudos. Já Cordulina descia também, vagarosa e trêmula, rebocada por outro catraieiro que lhe gritava:*

*-Vamos, dona, depressa! Olhe quando o bote encosta, para pular!*

*E ela pulou, sem jeito, empurrada. Depois, Chico Bento, numa agilidade inesperada, transpôs sozinho o espaço entre a escada e o bote." (Queirós;1984:83,84)*

Na década de 1920, é iniciada a construção de outra ponte, a chamada Ponte dos Ingleses, em alusão à firma inglesa Norton Griffiths Co., que a construiu. Essa ponte não chegou a ser concluída e, apesar de mais nova, ficou sendo chamada de Ponte Velha. A Ponte da Alfândega, cujo nome oficial era

<sup>12</sup> "O Relatório de John Hawkshaws, de 1875, cujo teor se acha na Revista do Instituto do Ceará, v.23, pp.183-188, contém muitos detalhes interessantes, com decisiva simpatia pelo porto do Mucuripe. 'Se a costa do Ceará fosse completamente desabitada - afirmou - e se tratasse da escolha do melhor porto, é indubitável que Mucuripe seria o preferido'. Mas adverte: 'Entretanto, o Ceará (Fortaleza) representa um centro comercial, a cidade, que é asseada e cômoda, já existe e dispendeu-se considerável capital em armazéns, prensas de algodão, repartições e edifícios para o comércio". (Girão,1979:212).

<sup>13</sup> "O sistema (de bondes) devia, pois, pôr o centro em contato com quatro pontos, isto é, Alfândega, na "Praia", com a estação ferroviária, com o matadouro e, é claro, com a própria estação de bondes"(Castro,1982:74)

Viaduto Moreira da Rocha, passa a ser conhecida como "Ponte Metálica", após reforma ocorrida em 1924 (Castro,1982:77) (FIG.82).

As instalações portuárias, que permaneciam próximas à área central, ensejaram o surgimento de novos armazéns e instalações comerciais, consolidando a ocupação entre a praia e o Seminário da Prainha (FIG.14). Apesar das evidências de ordem técnica, que privilegiavam a enseada do Mucuripe, a mudança da localização não se definia. Fato ilustrativo é a valorização da ponte de desembarque no Plano Nestor de Figueredo, datado de 1933, que pretendia dela fazer surgir um feixe de avenidas.(Rocha,1984:26).

Nessa época, o bairro da Prainha cumpriu, ainda, função residencial de setores mais abonados, conforme depoimento de Mozart Soriano Aderaldo (1993): "E, ao simplório bairro do Outeiro, trecho da cidade sito a leste do Riacho Pajeú e alcançado por ínvios caminhos, quais eram o Corredor do Bispo (atual rua Rufino de Alencar), o Beco do Pocinho e o início da futura rua Pinto Madeira, se agregava a Prainha, alcançada também pela antiga rua da Praia (atual Pessoa Anta) e habitada por "gente boa" da terra"( 1993:233)<sup>14</sup>. A partir da década de 1930, iniciou-se movimento pela transferência das atividades portuárias para a enseada do Mucuripe (Castro,1982:77), sendo a construção de um novo porto iniciada em 1938; a primeira atracação ocorreu em 1951(Rocha, 1984:26).

#### *A Ocupação da Região Praiana*

Em 1875, o plano de expansão urbana de Adolfo Herbster já previa a implantação da malha urbana até a "Rua da Aldeota" (atual Rua Gonçalves Ledo), a leste, e até o Boulevard da Jacarecanga (Rua Filomeno Gomes), a oeste (Castro,1982:64) (FIG.3). Essas regiões permaneciam sem maior expressão e não foram beneficiadas, na década seguinte, com a instalação de linhas de bondes, importante vetor de expansão urbana (Castro, 1982:75). Entretanto, tem início, no último quartel do século XIX, uma gradativa descentralização da área de moradia, em decorrência da maior intensificação da vida urbana e do desejo de adotar novas formas de habitar já usuais em outros centros urbanos

<sup>14</sup>O bairro do Outeiro, ou Outeiro da Prainha, situava-se no alto da encosta, caracterizada como uma zona "marcada por certa desorganização urbana e socialmente mal vista" (Castro, 1987:236).

(Castro,1982:73). Surgem, então, ao longo do percurso e ao fim das linhas de bondes, as "chácaras", uma forma de atender "às aspirações de usufruir a vida citadina junto das delícias do campo" (Castro, 1982:73). Uma passagem do romance *A Normalista*, de Adolfo Caminha, ambientado na década de 1880, é ilustrativa dessa afirmação:

*"A verdadeira casa do Loureiro, o ninho em que ele ia passar a lua-de-mel com a Lídia, era no Benfica, uma casinha de porta e janela, mas muito fresca e alegre, nova, ainda cheirando à tinta(...)Da igreja iria diretamente "para a chácara"(...) Uma miniatura, a casinha de Benfica, um sonho de poeta lírico, assobradada, com sua fachada azul ainda fresca, recebendo em cheio até o meio-dia toda a luz do nascente.(Caminha, 1973:130-131).*

Esse processo de descentralização intensifica-se no início do século XX. Por volta de 1912, os setores mais abonados passam a buscar os arredores do centro como local de moradia, estimulados pela maior facilidade de transportes, com a introdução dos bondes elétricos e, ainda que numericamente reduzidos, dos automóveis (Castro, 1987:234). O crescimento da cidade passa a acentuar um processo de segregação social, "com o aparecimento dos bairros dos ricos, dos remediados, dos pobres e dos muitos pobres" (Castro,1987:234). É nesse contexto que surge o arrabalde da Jacarecanga, na zona oeste, configurando-se como o primeiro bairro elegante da cidade, reunindo um conjunto de palacetes construídos segundo os preceitos formais do ecletismo arquitetônico (Castro, 1987:235) (FIG.19 e 20). Outros bairros passam a se destacar por apresentar residências apalacetadas, como o Benfica, que já abrigava muitas chácaras, o Alagadiço (atual bairro Alagadiço São Gerardo), na zona oeste, e a Praia de Iracema, na zona leste. Esse último distingue-se por abrigar residências com uso preferencial durante as férias, onde as famílias abonadas iam passar temporadas(Castro,1987:236).

#### **2.4. E Nasce a Praia de Iracema...**

O surgimento da Praia de Iracema vincula-se à extensão da linha de bondes, pela atual Rua dos Tabajaras, em 1925, ocorrida em razão da reforma

que se operava na ponte de desembarque, concluída no ano seguinte (Castro, 1987:236)<sup>15</sup>. Até aquela época, a praia era local exclusivo de moradia de pescadores, sendo por isso denominada Porto das Jangadas ou Praia do Peixe. O humilde bairro, "lugar onde só [tinha] (...) jogo de caipira, pinga e facada de pescador"<sup>16</sup> recebeu a nova denominação quando se transformou no balneário das elites fortalezenses.

Por volta da década de 1920, a vida social de Fortaleza consistia de festas residenciais, da frequência aos cinemas *Majestic* e *Moderno*, das retretas na Praça do Ferreira e no Passeio Público e da programação dos clubes, como o *Iracema* e o *Diários*, todos situados no centro da cidade (Jucá, 1993:403). O crescente processo de segmentação social e de segregação urbana, já referido, irá fomentar o surgimento de novos espaços para a vida social. A Revista *Ceará Ilustrado*, publicação semanal voltada para aspectos desse mundanismo, fundada em 1924, registra, em algumas edições daquele ano, o início da inserção da praia na vida da cidade. Numa edição de outubro do mesmo ano<sup>17</sup>, sob o título *Aspectos de Fortaleza*, aparecem duas ilustrações, lado a lado: uma do Passeio Público e a outra do "Porto das Jangadas". Trata-se de um indício de que aquele local já se inscrevia como um importante espaço de sociabilidade em Fortaleza.

A referida revista informa os novos usos que passam a ocorrer no bairro, como a existência de uma casa de projeções, o *Cinema Beira-Mar*:

*"Neste apraível Cinema, sito à Praia do Peixe, será focado, hoje às 7 ½ da noite o admirável film americano A CRUZ DOS OUTROS, do qual é principal personagem o aplaudido artista William Strong, já por demais conhecido do nosso público."*  
(Edição de N°23, de 14 de dezembro de 1924)

Há, também um comentário, numa coluna sugestivamente chamada "Farpas", sobre a presença do automóvel, introduzido na cidade havia pouco mais de uma década, de uso restrito a proprietários abonados, e, em consequência, símbolo de elevado prestígio social: "Porto das Jangadas, sob um luar de quarto

<sup>15</sup> Vale lembrar que nas cidades brasileiras, os bondes tiveram o papel de indutores da expansão urbana e de valorização imobiliária (Castro: 1982:72 e 75).

<sup>16</sup> Em depoimento a Oswald Barroso e Silas de Paula, um antigo morador da Praia de Iracema, Zairton, fundador do "Balneário Gruta da Praia", em 1944, disse ter ouvido de seu pai: "O que você vai fazer num lugar onde só tem jogo de caipira, pinga e facada de pescador?" (Barroso, Oswald & Silas de Paula. Serão os Iracemitas Dom Quixote? Jornal *O Povo*, 09 de junho de 1984).

<sup>17</sup> Edição de N°16, 26 de outubro de 1924.

minguante. O Studebaker roda para lá e para cá, como a pêndula de um relógio (...)”<sup>18</sup>. A praia começa a constituir-se em palco de novidades, sendo até mesmo comparada à sua congênere carioca:

*\*Praia do Peixe*

*Copacabana aldeota em que as banhistas entram no mar com as roupas velhas dos paes. Quanta perna fina de gente que nunca andou de passo, que nunca pulou de corda ...”*

*( Revista Ceará Ilustrado, Nº 22, 07 de dezembro de 1924)*

A ocupação da Praia do Peixe é intensificada com a construção de casas alpendradas ou do tipo “bungalow”, de frente para o mar, recuadas em relação aos limites do lote, muitas delas assobradadas (FIG.21). Essa forma de implantação diferia daquela tipologia residencial então predominante na cidade, ou seja, a “casa-corredor”, construída no alinhamento da rua e presa aos recuos laterais. Nesse sentido, Liberal de Castro informa:

*“ A tipologia da casa urbana fortalezense atravessaria todo o século XIX presa ao velho sistema de lotes profundos e estreitos, modificando-se apenas por volta de 1930, por consequência da nova legislação urbana posta em prática, que exigia os recuos laterais das casas” (Castro, 1982:72).*

Outra novidade consistia na valorização do descortino da paisagem, ao voltarem-se as residências para o mar. Esse novo quadro inspirou o depoimento de um antigo frequentador da praia, recordando os longínquos anos de sua infância:

*“Ir à Praia de Iracema era ver um mundo novo...Casarões diferentes de todos os casarões que nós víamos lá no aglomerado do Centro da cidade, porque lá [no Centro] não tinha ninguém isolado (...)Toda casa era conjugada. Então, na Praia de Iracema, a gente via aqueles palacetes bonitos, onde moravam os ricos da época...”*

As novas funções urbanas da velha praia da venda do peixe expulsam os moradores dos casebres à beira-mar. Muitos sobem o “morro”, como alguns antigos moradores ainda denominam a encosta ao sul da atual Avenida Historiador Raimundo Girão. Os pescadores permanecerão, entretanto, no seu antigo ofício, passando a conviver com os novos grupos que chegavam.

#### *Mudança de Ares – Mudança de Nome*

<sup>18</sup> Edição de Nº 21 de dezembro de 1924.

A Praia do Peixe passa a abrigar novos usos e ocupação, com a construção de residências destinadas, preferencialmente, ao veraneio ou às "temporadas" (Castro, 1987:236). Com o estabelecimento de outras formas de sociabilidade, muito diversas das que lá ocorriam, os grupos que chegavam criam a necessidade de se forjar uma nova imagem para aquele lugar, que expressasse seus hábitos e valores. A primeira manifestação pública que permite antever o futuro nome da praia ocorre em 1924, quando a cronista social Adília de Albuquerque Moraes lança a idéia para que se construa um monumento à heroína de José de Alencar<sup>19</sup>, a ser erigido na orla marítima. Em resposta ao pleito da jornalista, tem início, em meados de 1925, uma campanha, apoiada pela imprensa local. Como será visto no terceiro capítulo deste texto, os discursos enaltecem aspectos da urbanização em curso na Praia do Peixe, ao mesmo tempo em que saúdam a nova e bela denominação de Praia de Iracema, em contraposição à sua antiga designação: "Aquella estação balnear, com os seus confortáveis chalets de stylo moderno, requer, por certo, outra denominação menos repulsiva"<sup>20</sup>

Um abaixo assinado é encaminhado, pelos novos moradores do bairro, ao então prefeito Godofredo Maciel, solicitando "que mude a denominação imprópria e vulgar por que é conhecido aquelle encantador trecho de Fortaleza para a de "Praia de Iracema"<sup>21</sup>. As ruas do bairro ganham nomes de tribos indígenas cearenses: Tabajaras, Potiguaras, Guanacés, Groairas, Tremembés, entre outras. Construía-se, assim, a nova imagem do bairro.

Ao final daquele ano de 1925, é publicada uma crônica que traduz a vida social que a antiga Praia do Peixe passou a abrigar. Sob o título "Balneárias", é descrito um quadro, tendo ao fundo a paisagem da praia, em que figuram os representantes das elites locais e aspectos dos hábitos elegantes que introduzem, pois já se "faz o verão ali". "Está chic agora a praia...", informa o texto<sup>22</sup>. As novas formas de uso e ocupação daquele trecho da orla marítima

<sup>19</sup> Revista Ceará Ilustrado, N°13, de 5 de outubro de 1924.

<sup>20</sup> O Nordeste, 02/07/1925. Apud Castro (1987:251).

<sup>21</sup> Revista Ceará Ilustrado, N°57, 09 de agosto de 1925.

<sup>22</sup> Revista Ceará Ilustrado N°70, 8 de novembro de 1925.

inserem o bairro como local de elegante sociabilidade, situação que perdurará pelos vinte anos seguintes.

## 2.5. Consagração da Praia de Iracema

A Praia de Iracema alinha-se às novidades que a cidade aplaudia como formas desejáveis de civilidade (Ponte,1999:193). De sua criação até metade da década de 1940, o novo bairro será a estação balneária da cidade.

### *A Praia de Iracema e a Cidade de Fortaleza ( 1925 – 1945)*

A consolidação da nova função do bairro coincide com o período em que, como já foi mencionado, as idéias de modernidade e progresso têm curso na cidade, num favorável ciclo econômico baseado nos negócios de exportação da cera de carnaúba, dos óleos vegetais, dos couros e, principalmente, do algodão (Castro,1997:3). A população de Fortaleza, que, em 1920, era de 78.536 habitantes, é estimada em cerca de 130 mil em 1933. A partir de então, acentua-se o contínuo fluxo migratório de contingentes rurais, motivado por problemas estruturais no campo e reforçado pela implantação da malha rodoviária convergente para a capital. Em consequência, começam a surgir as favelas na periferia urbana. A imprensa local registra impressões do problema da pobreza, que começava a se aguçar. O Jornal "O Povo", em 1928, elabora uma matéria sobre a "phase estranha de favelismo perigoso por que passa a cidade". Em outro artigo, exhibe a fotografia de um grupo de pobres, com a legenda: " Um amontoado miserável de casebres, em plena rua, coito de decahidas e vagabundas" (Edições de 17.02.28 e 18.02.28, respectivamente).

A cidade se expande, sobretudo na direção oeste, registrando, entretanto, o surgimento de um novo bairro na porção leste, a Aldeota, que passará a congregar os ricos, em detrimento da Jacarecanga. A ocupação das áreas a leste do centro de Fortaleza já era uma preocupação do arquiteto Adolfo Herbster, quando, em 1875, na elaboração de sua planta para a expansão do núcleo central da cidade, define um vetor principal de penetração naquele sentido, a Avenida Santos Dumont (ver item 1.3). Entretanto, somente a partir da década de 1930,

com a ocupação paulatina da zona oeste da cidade por instalações industriais e por contingentes de baixa renda, ao longo da via férrea ou em terrenos públicos ou abandonados, os segmentos sociais mais abonados começaram a migrar para áreas situadas a leste do centro, a exemplo da região que veio a constituir o bairro da Aldeota.

No que se refere ao disciplinamento urbano, surge, em 1932, o primeiro Código de Obras da cidade (em substituição aos antigos códigos de posturas). O crescimento rápido e desordenado que se verifica ensejará, em 1933, a contratação, pelo poder municipal, do arquiteto Nestor de Figueredo, para elaboração de um plano urbanístico para a capital cearense, que não chegou a ser implementado. O mesmo ocorreria com o Plano Sabóia Ribeiro, concebido em 1947.

Quanto à aparência urbana de Fortaleza, os anos de 1930 a 1945 registram alguns fatos significativos: a pavimentação das vias públicas com paralelepípedos e a concreto; o uso de meios fios de pedra, nivelando as calçadas; a iluminação elétrica de logradouros públicos; o controle do sistema de tráfego; a arborização das ruas centrais; a difusão dos bangalôs como nova forma de moradia ; o aparecimento dos primeiros arranha-céus com o uso do concreto armado (Castro,1988). No que se refere às edificações, o período assinala a disseminação da estética *Art Déco*<sup>23</sup>, adotada como um símbolo de modernidade, em substituição ao ecletismo que vigorara nas décadas anteriores (FIG.43).

#### A "Praia dos Amores" (1925 a 1945)

*"Bajo el azul cálido del cielo, se alegra la playa con una fiesta de jangadas  
Playa de Iracema, donde la vida es tan buena"  
(Gastón Figueira)<sup>24</sup>*

Na década de 1930, novidades como o rádio e o cinema falado inserem-se na vida da cidade, que ainda tinha na Praça do Ferreira e adjacências o local por excelência da vida social, onde se concentravam diversas funções urbanas. Naquela época, a Praia de Iracema surge como um novo espaço voltado para o lazer, que, em certa medida, rompeu a hegemonia da referida praça. Além das

<sup>23</sup> O movimento Art Déco surge a partir da Exposition Internationale des Arts Décoratifs e Industriels Modernes, realizada na França, em 1925, e teve rápida e ampla difusão internacional. (CASTRO, 1997:2).

temporadas ou finais de semana em que se usufruíam os bangalôs, a maioria deles alugados, iniciava-se o hábito de vir à praia apenas para os banhos de mar, efetuando-se a troca de roupa na casa de algum conhecido (FIG.21). Havia, ainda, o uso da extensa faixa de areia para passeios à beira-mar, nas manhãs de domingo ou em noites enluaradas, como ilustram depoimentos de Ciro Colares e Blanchard Girão, testemunhas daqueles tempos:

*"Naqueles anos 30 e 40 da nossa meninice, passear na Praia de Iracema correspondia, mais ou menos, a ir hoje à Beira-Mar(...) Com meu pai e irmãos menores, no gozo inefável da felicidade infantil, íamos de bonde, vez por outra, ver o mar e apanhar búzios nas alvas areias de Iracema, inesquecível viagem que acontecia depois da missa das 9 na Sê antiga, aos domingos".*  
(Colares, 1993)

*"Nas noites de lua, com os sapatos pisando a areia úmida, fazia-se da praia, avenida, as mesinhas com água de côco, o pessoal passeando como se estivesse numa paisagem selvagem, assim como nos filmes com pedaços do Havaí..."*  
(Girão, 1993)

Em 1931, instala-se no bairro a sede praiana do Ideal Clube. Naquela década, surge, também, um pequeno restaurante que ganharia fama, O *Ramon*. Localizado vizinho onde hoje se encontra o Bar Pontal, no "calçadão" da Praia de Iracema, o *Ramon* "jactava-se de ser o único restaurante, por esses dias, a atender a freguesia ao ar livre. Valia-se de slogan próprio: 'Indo a Fortaleza, vá ao Ramón, mesmo que chova...' " (Montenegro, 1950:73). No final da década de 1930, seria construído um importante marco referencial do bairro: a Igreja de São Pedro, padroeiro dos pescadores, erguida por solicitação de um grupo de senhoras católicas (FIG.24).

A inserção da Praia de Iracema na vida da cidade pode ser ilustrada com peças iconográficas da época, como um cartão postal da *Loja Crysathemo*, de 1930, que mostra um casario e grupos de pessoas passeando à beira-mar (FIG.22). Da mesma forma, em 1935, a Revista *Fortaleza* traz em sua capa uma ilustração, que sugere a imagem do sol, em cujo centro aparece uma paisagem marinha com raios exibindo ícones urbanos: a Igreja do Pequeno Grande, construída em 1903; a Coluna da Hora, erguida em 1933, com estética *Art Déco*; O Hotel Excelsior, o primeiro construído especificamente para esse fim; o Parque da Liberdade, reformado em 1922; uma cena tipicamente urbana, com um

<sup>24</sup> Citado por Gurgel, Márcia. Poetas encantados fazem de Iracema sua musa inspiradora. Jornal *O Povo*, Caderno Sábado, 03 de junho de 1995.

jornaleiro numa praça; e, finalmente, a Praia de Iracema, com os "mares bravios" em primeiro plano, o casario ao fundo e banhistas na faixa de areia (FIG.26).

Na década de 1940, é difundido o hábito dos banhos de mar e consolidada a praia como espaço de lazer: "(...) os banhistas, aproveitando os domingos e feriados, espalhavam-se por toda a sua extensão, gozando os efeitos do sol, jogando o futebol "canelau" e enfrentando as vagas revoltas"<sup>25</sup> (FIG.23). Inauguram-se os "balneários", pequenas instalações comerciais, onde a um bar agregava-se local para troca de roupa (alugavam-se calções de banho) e guarda de pertences dos banhistas. Destes, o mais conhecido foi o "Gruta da Praia", localizado à Rua dos Tabajaras esquina com Rua dos Tremembês. Outros clubes instalam-se na Praia de Iracema, como o Praia Clube e o América, além de pequenos bares. Na época, ganharam fama o Jangada Clube, freqüentado pela boêmia de classe média e alta da cidade, e o Hotel Pacajus, o primeiro construído à beira-mar.

Em 1944, durante a Segunda Guerra Mundial, um fato novo viria agitar aquela faixa de praia: a instalação do "cassino dos americanos" na Vila Morena (atual Centro Cultural e Restaurante Estoril), residência do comerciante pernambucano José Magalhães Porto. Tratava-se de um clube, chamado de U.S.O. (United States Organization), destinado aos soldados americanos baseados em Fortaleza ou em trânsito pela cidade, vindos de alguma missão de guerra ((FIG.70). A repercussão que o clube, de acesso quase exclusivo aos estrangeiros, teve na cidade deveu-se às suas noitadas patrocinadas pelo governo americano, com danças, jogos e shows de celebradas artistas do cinema, como a famosa Heddy Lamar. Presenças bem vindas ao clube eram das moças da terra, que passaram a ser conhecidas como "coca-colas", numa alusão ao famoso refrigerante, que ainda não era consumido na cidade. O testemunho do jornalista Ciro Colares (1993) revela aspectos das noites de farra:

*"De madrugada (...) no clube dos americanos, ainda se via um restinho de farra, com cochilos pelas cadeiras, ao som baixo da radiola que rodava "La Conga" ou um bolero na voz de Pedro Vargas, nunca um samba, nunca uma marcha, apenas aqui e ali, raramente, um fox-trot ou um blue."*

O balneário inseria-se na vida da cidade ao mesmo tempo em que se processava a ocupação do "morro", a encosta entre a atual Avenida Historiador

<sup>25</sup> Peri Augusto. "A Tragédia da Praia de Iracema. Jornal O Povo, 07 de fevereiro de 1946.

Raimundo Girão e a Avenida Monsenhor Tabosa. Uma análise da cartografia existente mostra que, em 1929, já estava toda loteada a área ao sul daquela primeira avenida, compreendida entre a Rua Cariris ( defronte à Ponte Velha ou Ponte dos Ingleses) e a Rua Ararius (confrontando com a área em que foi construída a Igreja de São Pedro) (FIG.4). Para o morro, chamado de Morro do Alto Alegre por antigos moradores, dirigiram-se muitos dos pescadores expulsos da faixa de praia com a urbanização que ocorrera, aos quais se somaram novos habitantes que chegavam ao bairro. Naquele ano, já se registra a ocupação consolidada das ruas Itapipoca e Tomás Lopes, nas adjacências da área dos armazéns, bem como o início da ocupação da área próxima à Rua João Cordeiro. Essa última área já aparece, em 1945, como uma mancha contínua de ocupação (FIG.5). Um passeio pelas ruas do bairro revela edificações remanescentes das décadas de 1920 e 1930, principalmente nas Ruas Atualpa B. de Lima, Padre Justino e Tigipió, muitas apresentando estética *Art Déco* ou mesmo elementos decorativos do ecletismo, implantadas em lotes estreitos e de feição modesta (FIG.31,32,33 e 34). Permaneciam desocupadas a área do "coqueiral da Maria Júlia", que se estendia até o Ideal Clube, e as áreas adjacentes à pequena lagoa próxima à Rua Dragão do Mar, denominada o "Açude do Tancredo" (FIG.5)<sup>26</sup>.

Na Praia de Iracema, coexistiam, assim, o balneário e o local de moradia e trabalho de pescadores. Eram famosas as corridas de jangadas que lá ocorriam, como ilustra a iconografia da época: "Aos domingos, quando estavam de folga, sem a preocupação de enfrentar o oceano bravio para ganhar o pão com o pescado difícil, os jangadeiros realizavam corridas, proporcionando ao povo e aos visitantes ilustres matinais inesquecíveis"<sup>27</sup>. Fato que ganhou notoriedade, ainda lembrado por antigos moradores, foi a viagem que, em 1941, quatro jangadeiros fizeram ao Rio de Janeiro, a bordo da jangada *São Pedro*. Comandados por Manuel Jacaré, líder da colônia de pescadores do bairro, seu objetivo era levar ao então presidente Getúlio Vargas as reivindicações da categoria, o que conseguiram cumprir. A saga dos jangadeiros inspirou ao cineasta Orson Wells o filme *It's All True*, que resultou inacabado.

<sup>26</sup> Trata-se de recurso hídrico integrante da Bacia da Vertente Marítima.

<sup>27</sup> Peri Augusto. "A Tragédia da Praia de Iracema. Jornal *O Povo*, 07 de fevereiro de 1946.

## 2.6. A Destruição da Praia de Iracema

A partir de meados dos anos de 1940, as obras do porto do Mucuripe provocaram alteração no movimento das correntes marinhas, que atingiram violentamente a Praia de Iracema. A destruição de parte do casario e a drástica redução da faixa de praia iriam provocar o abandono dos usos que lá se verificavam: o balneário entrou em decadência e os pescadores, em sua maioria, partiram para outras praias, a exemplo do Poço da Draga e do Mucuripe. A destruição daquele espaço ensejou falas de saudade, que, cantando sua beleza perdida, contribuíram para aumentar a fama da Praia de Iracema, como será visto.

### *A Cidade de Fortaleza (1945-1965)*

Entre os anos de 1940 e 1950, Fortaleza experimentou um acelerado processo de crescimento, quando a população passou de 180.185 para 270.169 habitantes, um acréscimo populacional de 50%, aproximadamente. A tendência se manteria nas décadas seguintes, com os índices de crescimento de 90% no período 1950/1960 e de 66% no decênio 1960/1970 (Souza apud Silva, 1982:29). Com o aumento do fluxo migratório de populações expulsas da área rural, acentuam-se a expansão desmesurada da cidade e a proliferação de favelas, principalmente dadas as precárias condições sanitárias, com "apenas 12% dos prédios ligados à rede de abastecimento de água – dando respaldo à caracterização de Fortaleza como 'cidade inchada' "(Gondim, 2000:11). Nesse quadro de crescimento indisciplinado, o arquiteto Hélio Modesto seria contratado, no início da década de 1960, para elaborar um plano diretor para a cidade, que, apesar de concluído, não chegou a ser implementado.

Acentuava-se a segregação espacial, como ilustra o relato de José Stênio Lopes, cronista da cidade, publicado em 1957 (Lopes, 1957:89):

*"Há um afastamento bastante sensível entre os ricos e os pobres, até mesmo na discriminação dos bairros de moradia da classe média ( Benfica, Otávio Bonfim, Soares*

*Moreno, Outeiro, etc) e os da classe rica (Aldeota, parte de Jacarecanga, 13 de Maio [Bairro de Fátima], certas zonas da praia, etc), sendo nitidamente destacados os bairros proletários (Monte Castelo, Pirambu, Carlito Pamplona, etc) (FIG.6)*

A construção do porto do Mucuripe, iniciada em 1938 e concluída em 1951, quando começa a operar, acarretou importantes mudanças na estrutura da cidade. Em consequência das obras do porto, houve significativas alterações na configuração da orla marítima, especialmente na Praia de Iracema. A transferência de grande parte dos armazéns conduziu à estagnação da antiga zona portuária. Nas adjacências do novo porto, passam a concentrar-se estabelecimentos estreitamente dependentes do transporte marítimo, como frigoríficos de pesca e moinhos de trigo. A oferta de mão de obra e de terrenos ainda desocupados atrai famílias de baixa renda, ensejando o surgimento de novas favelas nas áreas próximas. A construção do ramal ferroviário Parangaba/Mucuripe, dos anéis de contorno e, na década de 70, da Avenida Leste-Oeste foram importantes intervenções no sistema viário, ligando o porto ao pólo industrial da Av. Francisco Sá (FIG.6).

A década de 1950 assinala, ainda, alguns fatos significativos para o Estado do Ceará, como a criação do Banco do Nordeste do Brasil, da Universidade Federal do Ceará e da Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste (Sudene), instituições que contribuíram para promover a metropolização da cidade. Para tanto, concorreu, também, na década seguinte, a ação do Banco Nacional da Habitação (BNH), financiando habitações para os segmentos de baixa e média renda, além de investimentos em obras viárias e de infra-estrutura (GONDIM, 2000: 11).

No que se refere aos espaços de sociabilidade, ocorre a gradativa perda da hegemonia da Praça do Ferreira, até então o principal núcleo aglutinador. A Aldeota consolidava-se como o bairro elegante da cidade. A inauguração das novas instalações do Náutico Atlético Cearense, o "colosso do Meireles"<sup>28</sup> seria um marco no deslocamento de outras sedes de clubes para aquela praia. Quanto à aparência urbana e aos novos hábitos das elites, o já referido cronista comentava: "Fortaleza apresenta (...) uma característica de cidade que progride, procurando a pompa dos arranha-céus, dos clubes elegantes, dos ambientes fechados" (Lopes, 1957: 90).

<sup>28</sup> Jornal O Povo, 18 de janeiro de 1950. Serão inauguradas todas as instalações do Náutico.

"Adeus, Praia de Iracema..."

A partir de meados dos anos 40, as obras do Porto do Mucuripe provocaram alterações no comportamento das correntes marinhas, causando erosão de faixas de praia e avanço das marés. As praias a oeste do porto, como Meireles, Pirambu, Formosa e, principalmente, a Praia de Iracema, foram violentamente atingidas: "O quebra-mar do Mucuripe foi levantado com mil sacrifícios e em consequência, o oceano raivoso, não concordando com a inovação, avançou [sobre] a Praia de Iracema afora, e derrubou casas, comeu palacetes, arruinou armazéns, e quase chegou até o leito das linhas de bonde"<sup>29</sup> (FIG.29 e 30). Em 1946, já eram sensíveis os estragos causados pelas águas e a imprensa local começava a falar em decadência daquele espaço: "A Praia de Iracema acha-se inteiramente abandonada (...) Uma senhora descreveu-nos o abandono em que se encontra aquele outrora aprazível recanto da cidade de Fortaleza"<sup>30</sup> Em outra matéria, chama-se a atenção dos moradores abonados da orla: "Impõem(sic) que os habitantes da Praia de Iracema, que são, de um modo geral figuras de destaque em nosso meio, se movimentem também, junto às autoridades ..."<sup>31</sup>. Meses depois, a situação se agravaria:

*"Nestes próximos dias, a maré investirá com grande violência, vindo a atingir, talvez, os ricos 'bungalows' da nossa aristocrática praia. Destacam-se entre os prédios mais-visitados pela fúria do mar os de propriedade da família João Gentil, do sr. José Porto, a antiga sede da United States Organization (U.S.O.) e o do antigo 'Ideal Clube'(...) O fato é que estamos mais uma vez diante de uma situação difícil, pois se a maré próxima for impetuosa assistiremos à eliminação dos 'bungalows', com prejuízo para a própria estética da cidade."*<sup>32</sup>

O quadro de desolação pode, enfim, ser resumido no título de uma matéria: "Encantos da velha Praia do Peixe são cousas do passado"<sup>33</sup>. Com o desaparecimento da ampla faixa de praia, o balneário entrou em decadência e as famílias de posses foram paulatinamente deixando o local. Por conta da

<sup>29</sup> Menezes, Raimundo. Fortaleza foi uma cidade que progrediu com a Guerra. *Jornal O Povo*, 28 de janeiro de 1946. \*,28/01/46.

<sup>30</sup> *Jornal O Povo*, 16 de janeiro de 1946. A Praia de Iracema acha-se inteiramente abandonada.

<sup>31</sup> *Jornal O Povo*, 24 de janeiro de 1946. Estão novamente em perigo as casas da Praia de Iracema.

<sup>32</sup> *Jornal O Povo*, 27 de abril de 1946. Uma nova investida do oceano contra a praia.

<sup>33</sup> Sarasate, Paulo. Encantos da velha Praia do Peixe são cousas do passado. *Jornal O Povo*, 6 de abril de 1946.

destruição das áreas à beira-mar em que moravam e das condições de acesso ao mar, dificultadas com a implantação de enrocamentos de contenção paralelos à costa e da construção do espigão, grande parte dos pescadores migraram para outros pontos da orla, sobretudo para o Mucuripe e o Poço da Draga: "Os banhistas, turistas e admiradores da Praia de Iracema lamentam, acima de tudo, a ausência das jangadas, que dali desapareceram como por encanto. A colônia de pescadores que ali operava, em face das condições em que se acha o mar presentemente, teve que mudar de pouso"<sup>34</sup> O depoimento de Luís Ribeiro, conhecido por Bonitinho, pescador remanescente daqueles tempos, informa que o espigão "matou a praia": "O espigão "empaiou" nossa passagem e com isso a maior parte vendia suas jangadas, desgostosos"<sup>35</sup>.

Com a mudança do porto, também entrou em estagnação a área dos armazéns e casas comerciais ligadas aos negócios de exportação, na região conhecida outrora como Prainha, nas imediações da Praia de Iracema. Alguns dos estabelecimentos, além de prédios residenciais, que já existiam desde o início do século, permaneceram na área, passando a ser ocupados por usuários mais pobres. Outros edifícios tiveram seus usos alterados, com a instalação de prostíbulos.

Ao longo das duas décadas seguintes, a porção praiana do bairro, apesar da decadência em que se encontrava, ainda terá outros pontos de atração. O Hotel Iracema Plaza, instalado no Edifício São Pedro, construído na segunda metade da década de 1940, inscrevia-se como uma novidade elegante em Fortaleza (FIG.25). Tratava-se do primeiro grande edifício à beira-mar, com instalações de esmerado acabamento, aliando as funções hoteleira e residencial, pois também abrigava amplos apartamentos, quando essa forma de habitar ainda não estava em uso na cidade. Na coluna *Mundanismo* do Jornal *O Povo*, de 1960, há notas que ilustram esses aspectos. Numa edição, há nota sobre reunião social acontecida no apartamento de um dos moradores. Em outra edição, fala-se da inauguração de uma "boutique de roupas femininas" no mesmo edifício<sup>36</sup>.

<sup>34</sup> Peri Augusto. A Tragédia da Praia de Iracema, Jornal *O Povo*, 07 de fevereiro de 1946.

<sup>35</sup> Citado por Bonfim (1988:37).

<sup>36</sup> Edições de 08 de fevereiro de 1960 e 10 de fevereiro de 1960.

Na década de 1950, foi inaugurado, defronte ao hotel, o Restaurante Lido, que figurou, até os anos 70, como casa de pasto que reunia a elite fortalezense, ficando, também, afamado como local de vida boêmia. Alguns bares surgiram nas ruas de toponímia indígena, em meio às residências da população de classe média e classe média baixa do bairro: Tonny's Bar, El Dourado, Nick Bar, Jangadeiro. O Restaurante Estoril, funcionando desde 1948 na antiga residência da família Porto, onde funcionara o cassino dos americanos, começou a atrair os boêmios seresteiros da cidade :

*"...Tempo em que o Estoril era principalmente visitado por gente que lá ia (...) para um longo sarau: pandeiros, violões, cavacos e bandolins. Por esse tempo a turma jovem não havia descoberto ainda o lugar. Os donos da noite do Estoril eram cobras criadas, músicos e poetas maduros(...) Essas pessoas vararam mil e uma madrugadas, ao som de cordas, teclados e belíssimas vozes, aqui neste território livre (quase independente) da Praia de Iracema." (Maia, 1995:25)<sup>37</sup>.*

Por essa época, prosseguia a ocupação da porção sul do bairro. Dois núcleos de setores populares – um próximo aos armazéns, nas Ruas Tigipiô e Tomás Lopes, outro nas imediações do cruzamento da Avenida Monsenhor Tabosa e Rua João Cordeiro – já estavam consolidados (FIG.5). Entre o início da década de 1950 e meados da década seguinte, a área onde espraiava-se o "coqueiral da Maria Júlia", próxima à Avenida Historiador Raimundo Girão, passou a ser ocupada por edificações com características típicas de classe média: prédios de apartamentos de até três pavimentos e um conjunto de casas da Aeronáutica ((FIG.35 e 36). Fora dos limites formais do bairro, a área do Poço da Draga acolheu muitos dos pescadores que migraram da faixa de praia destruída pelo mar, conforme referido. A área abrigava, além de um casario disperso, uma concentração de casebres ao longo do trilho do trem, a que ficou restrita a favela homônima, quando um estaleiro foi implantado na área na segunda metade da década de 1970. Permanecia desocupada a ampla área nas imediações do "Açude do Tancredo", onde as mulheres do "morro" lavavam roupa e as crianças brincavam.

<sup>37</sup> O autor cita alguns nomes: o ex-radialista João Ramos, o musicólogo Christiano Câmara, o jornalista Guilherme Neto, o professor e poeta Antônio Girão Barroso, os músicos Vilamar Damasceno e Aleardo Freitas.

## 2.7. Breve Período, Muitas Mudanças...

A partir do início da década de 1970 e até os primeiros anos da década seguinte, a Praia de Iracema passa a ser "descoberta" por frequentadores de outro matiz. Era a época da ditadura militar e alguns locais do bairro foram adotados por artistas e intelectuais como um refúgio em meio à censura e às perseguições. O bairro tornou-se palco de encontros culturais e políticos, bebida, violão, namoros: "mesmo com as torturas rolando pelo país, a vida era uma festa..."<sup>38</sup>. A partir da década de 1980, tem início um processo de transformações sócio-espaciais no bairro, em razão dos novos papéis que passa a cumprir no contexto da cidade.

### *A Fortaleza de então : 1965-1985*

No ano de 1970, Fortaleza alcança uma população de 850.980 habitantes, registrando um crescimento populacional de mais de 66% em relação à década anterior. Taxa semelhante seria verificada no decênio seguinte, com a população tendo atingido 1.308.910 habitantes em 1980. A capital do Ceará transformara-se numa metrópole regional, suplantada apenas por Recife e Salvador, mantendo, entretanto, a característica de cidade "inchada", dada a sua frágil base econômica (Gondim,2000:11).

No que se refere à organização do espaço urbano, grandes mudanças se efeturaram naquelas décadas. A partir dos anos 70, conjuntos habitacionais de baixa renda são implantados na periferia oeste de Fortaleza, acentuando a segregação espacial, que já vinha se delineando nas décadas anteriores. Na outra porção da cidade, a Aldeota e adjacências passam, a partir de finais dos anos 60, por um acentuado processo de ocupação, com construções destinadas a residências para as classes média e média-alta, em grande parte financiadas pelo Banco Nacional de Habitação (BNH). Nas décadas seguintes, esse bairro e outros situados a leste, como Varjota e Papicu, sofrem rápida valorização e um processo de verticalização a partir da aprovação da Lei de Uso Ocupação do Solo nº 5122-A, em 1979, quando grandes extensões de suas áreas foram

<sup>38</sup> Tribuna do Ceará, 15 de janeiro de 1996. Estoril ou Ex-toril.

classificadas como zonas residenciais de alta densidade, permitindo a construção de edifícios com até 12 pavimentos. Os bairros novos, situados a sudeste, como a Água Fria e Seis Bocas, tiveram sua ocupação favorecida com a implantação de equipamentos públicos e privados, a exemplo do Centro de Convenções, da Universidade de Fortaleza e do Shopping Center Iguatemi, além do Centro Administrativo Governador Virgílio Távora. Para a expansão urbana que se verificou, foram também decisivas intervenções no sistema viário que facilitaram o acesso à região (Gondim, 2000: 12 a 14).

Naquelas décadas, a Avenida Beira-Mar inscrevia-se como espaço de sociabilidade na cidade. Sua abertura, em 1964, havia determinado o fim da hegemonia da Praça do Ferreira, o que já se delineava desde a década anterior, como foi mencionado. Além dos clubes elegantes e das praias ao longo dos três quilômetros daquela avenida, havia bares e restaurantes. Uma nota numa coluna social publicada em jornal local evidenciava isto: "Vai melhorando a vida noturna da Cidade. Até por volta das 2:00 da matina se encontra restaurante funcionando com boa freguesia na Av. Beira Mar"<sup>39</sup>

A partir de 1979, a nova legislação urbanística municipal favoreceu a verticalização em algumas áreas de Fortaleza, resultando na alta valorização dos terrenos lindeiros àquela avenida e provocando uma nova ocupação, principalmente por hotéis e condomínios de luxo. A presença desses novos empreendimentos, construídos a partir de propostas arquitetônicas que não previam a utilização do pavimento térreo por outras atividades, concorreu, também, para a migração de muitos empresários do setor gastronômico para a Varjota e Praia de Iracema.

#### *Da "Ponte para o Céu" ao Inferno do Barulho...*

Na década de 1960, a Praia de Iracema podia ser caracterizada como um pequeno bairro residencial, marginalizado espacialmente, habitado sobretudo por uma população de classe média baixa, incluindo alguns setores mais pobres. Além dos frequentadores de uns poucos bares e restaurantes que abrigava, o bairro era visitado pelos banhistas que procuravam a estreita faixa de praia que

<sup>39</sup> Jornal O Povo, 12 de janeiro de 1970. Tablóide Utilidade Pública, Seção Panorama.

lhe restara: a "piscininha"<sup>40</sup> e a Praia do Lido. "Era uma comunidade pacata, visitada noturnamente", como definiu um freqüentador do bairro<sup>41</sup>. A partir do final daquela década e início da seguinte, alguns lugares, sobretudo o Restaurante Estoril e a ponte velha ( "a ponte para o céu", como era chamada por seus freqüentadores), passaram a atrair novos grupos de setores intelectualizados da cidade, que vieram somar-se aos boêmios seresteiros que sempre acolhera (FIG. 71 e 72). Outros estabelecimentos, como os restaurantes Lido e Panela (este instalado no Iracema Plaza) eram visitados por uma clientela diversa, composta por integrantes das elites locais, que, entretanto, também contribuía para firmar a imagem boémia do bairro.

Nos primeiros anos da década de 1980, tem início um gradual processo de mudanças no uso e ocupação daquela região, para o que concorreram sua localização privilegiada na cidade - a meio caminho do Centro e dos bairros da zona leste - a infra-estrutura já existente e a proximidade do mar. Em 1980, sob o título "Depois do Mar, a voragem da especulação imobiliária", uma matéria jornalística já se referia à "ameaça de especulação imobiliária dos grandes edifícios de apartamentos que afrontam a paisagem do lugar"<sup>42</sup>. A faixa praiana do bairro havia sido classificada como ZE-7 pela lei nº 5122-A, de 1979, permitindo os mesmos índices urbanísticos praticados na Avenida Beira-Mar, o que explica a vinda de investidores do setor imobiliário para aquela porção da Praia de Iracema. No ano seguinte, já estaria construído o edifício Morada Vento Leste, com dez pavimentos, defronte ao mar.

Diante das possibilidades de mudanças no uso e ocupação da área, tem início, em 1981, a mobilização de alguns moradores do bairro no sentido de sustar aquele processo, quando enviam documento ao então prefeito Lúcio Alcântara solicitando, além de algumas melhorias, que a Praia de Iracema fosse reconhecida como patrimônio cultural e sentimental da cidade. Naquele ano, o Conselho de Desenvolvimento Urbano já havia deliberado pela preservação do bairro, através da permissão exclusiva de edifícios residenciais unifamiliares.

<sup>40</sup> Como será visto no 4º Capítulo, a piscininha, que se caracteriza por sua intermitência, de acordo com as marés, resultou do enrocamento implantado no final da década de 1940 para proteção da faixa de praia.

<sup>41</sup> Entrevista à autora, em março de 1999.

<sup>42</sup> Jornal *O Povo*, 26 de maio de 1980.

Sobre essa decisão, uma matéria jornalística informou que "o bairro mais típico da cidade ficará como um documento vivo do passado"<sup>43</sup>.

Em 1984, seria fundada a Associação de Moradores da Praia de Iracema, que, numa ação em conjunto com outras entidades e amigos do bairro, conseguiu, naquele ano, a aprovação de uma lei estabelecendo a área como ZE-2 – Zona de Renovação Urbanística, com o objetivo de deter o processo de verticalização em curso, além de estabelecer diretrizes para compatibilizar os usos residencial e de lazer. Por falta de regulamentação da referida lei, houve a construção do edifício Lido, com dezoito pavimentos, no mesmo local do restaurante homônimo. Seguiram-no o Hotel Tabajaras e Edifício Mirante de Iracema, na Rua dos Tabajaras. O movimento pela preservação daquela área do bairro teve a adesão de artistas e intelectuais, que lançaram, por ocasião do início da construção daquele primeiro edifício, o "Manifesto em Defesa da Praia de Iracema", que será, mais adiante, objeto de análise mais detalhada (ver item 3.3).

Conforme já referido, a vida noturna da cidade, que ocorria, principalmente, na Avenida Beira-Mar, transferiu-se para a Praia de Iracema. Bares e restaurantes, além de pousadas e pequenos escritórios passam a se instalar na Rua Tabajaras e adjacências. A valorização dos imóveis acarreta a elevação dos aluguéis, provocando a saída de antigos moradores, minando o antigo caráter residencial e acentuando características comerciais. Os moradores reclamam do barulho e da insegurança que passaram a caracterizar aquela área: "O bairro tranquilo, isolado do Centro, das conturbações e onde os moradores formavam uma grande família, já não existe mais", comentou, então, um antigo morador do lugar<sup>44</sup>. Os títulos de matérias jornalísticas publicadas entre 1984 e 1985, no Jornal *O Povo*, ilustram o processo de mudanças que se operavam naquele trecho do bairro: "Praia de Iracema contra a força da grana que ergue e destrói coisas belas" (02/08/84), "Praia de Iracema – Reduto histórico e cultural em busca de sua preservação" (16/11/84), "Entidades vêem ameaça à Praia de Iracema" (28/07/85), "Praia de Iracema: saudade e resistência" (02/08/85), "Praia de Iracema perde sua identidade" (20/11/85).

<sup>43</sup> Jornal *O Povo*, 26 de maio de 1981. Praia de Iracema será preservada

<sup>44</sup> Jornal "O Povo". "Iracema perde sua identidade". 20/11/85.

O outro setor do bairro, ao sul da Avenida Historiador Raimundo Girão, ainda permanecia distante desse quadro de transformações, conservando seu caráter residencial, com duas exceções: as quadras próximas aos antigos armazéns do porto, que, mesmo em decadência, sempre abrigaram algumas atividades comerciais; e a região lindeira à Avenida Monsenhor Tabosa, que sofreu alterações de uso em meados da década de 1970, quando aquele logradouro transformou-se num corredor de lojas de calçados. Na porção central do bairro, a área nas adjacências da pequena lagoa, a que já se fez referência, continuava sem ocupação. Quanto ao movimento em prol da preservação da Praia de Iracema, a acolhida foi inexpressiva naquela porção do bairro, dado serem outros os interesses da comunidade que lá habitava, como será visto.

Fora dos limites formais da Praia de Iracema, a área do Poço da Draga, tradicional zona de pescadores, passaria, na segunda metade dos anos 70, por profunda mudança com a instalação de um grande estaleiro, a Indústria Naval do Ceará, ficando as casas da comunidade restritas às margens da linha férrea que conduzia ao antigo porto. Aquele equipamento constituiu-se numa barreira de acesso ao mar, agravada com a presença da CIPA, fábrica de óleos também implantada na área e da construção de um edifício do Departamento Nacional de Obras Contra a Seca, no final daquela década (Rocha, 1984).

## **2.8. Consolida-se um Pólo de Lazer**

No final dos anos 80, intensifica-se o processo de mudanças no uso e ocupação da Praia de Iracema, que foi, assim, convertida em local de lazer, especialmente noturno, para toda a cidade. Na década seguinte, intervenções governamentais em setores diversos do bairro vieram a acentuar o referido quadro de transformações. Tais projetos inserem-se num processo mais amplo de qualificação de espaços de Fortaleza, reforçando o papel de pólo turístico em que se pretende transformar a cidade (Gondim, 1997).

Desde a segunda metade da década de 1980, com a ascensão do grupo político liderado por Tasso Jereissati, do PSDB, tem sido implementado um projeto político-administrativo que objetiva a construção de "um novo Ceará" (Gondim,1987:3). Para viabilização desse projeto desenvolvimentista, que privilegia o setor industrial e a atividade turística, a partir da década de 1990, o governo do Estado vem promovendo significativas mudanças na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF)<sup>45</sup>, as quais têm gerado forte impacto na capital cearense. Grandes investimentos têm sido implantados, e outros estão previstos, no sentido da consolidação de um parque industrial na RMF e suas proximidades: o porto do Pecém, com área industrial; novas indústrias nos vizinhos municípios de Pacajus e Horizonte; o trem metropolitano – Metrofor – ligando a cidade com os municípios de Maracanaú e Caucaia. No campo do turismo, a construção do Aeroporto Internacional Pinto Martins e da ponte sobre o Rio Ceará, facilitando o acesso às praias da costa oeste, são exemplos da infra-estrutura de que a cidade vem sendo dotada.

Àqueles investimentos, somam-se obras de grande impacto no espaço da cidade, implementadas pelo governo estadual e pela Prefeitura Municipal: reforma da Praça do Ferreira, reconstrução do Instituto José Frotta, Mercado Central, Mercado São Sebastião, Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, além de obras viárias e reforma de logradouros públicos. Cabe ressaltar que o município tem sido administrado, desde 1990, pelo grupo político que tem à frente o médico Juraci Magalhães, do PMDB, opositor de Tasso Jereissati. Assim, estas intervenções inscrevem-se, também como elementos da disputa entre o Estado e o Município. Entretanto, a par desse projeto desenvolvimentista em que se insere a cidade, persiste um panorama de pobreza e de desigualdade social. Na Região Metropolitana de Fortaleza, um terço das famílias tem rendimentos iguais ou inferiores a dois salários mínimos. Quanto à distribuição de renda, 1% da população apropria-se de 13% da renda global, enquanto 33% detêm 8% (Gondim,1997:2).

<sup>45</sup> Além da capital, a Região Metropolitana de Fortaleza é integrada pelos Municípios de Aquiraz, Eusébio, Pacatuba, Guaiuba, Itaitinga, Maranguape, Maracanaú, Caucaia, Pacajus, Horizonte, Chorozinho e São Gonçalo do Amarante. Com área total de 4.963,5 Km<sup>2</sup>, a região abriga uma população de 2.975.703 habitantes, dos quais 71,8% residem em Fortaleza ( Fonte: IBGE – Contagem populacional de 1996 e dados preliminares do Censo Demográfico de 2000).

Além da ação governamental no espaço da cidade, devem ser destacados, desde a década de 1980, os investimentos da iniciativa privada : "(...) os shopping-centers, os supermercados, as grandes prestadoras de serviços, os centros empresariais, as torres residenciais e os condomínios fechados que proliferam na cidade com pequena ação reguladora na qualidade do espaço urbano" (ADUFC et ali,1990:10). Devem ser mencionados, ainda, a acentuada degradação do centro da cidade, esvaziado de sua função de centro cívico, com a saída das sedes dos poderes legislativo, executivo e judiciário a partir da década de 1970, além da migração de serviços e do comércio mais sofisticado para outros bairros, que passam por crescente processo de autonomização, como Aldeota, Papicu e Cidade dos Funcionários (FIG.6).

Fortaleza vem adquirindo, assim, feições metropolitanas e tem se consolidado como lugar de destinação turística. Nesse sentido, a orla marítima tem sido privilegiada para qualificação de espaços para atender àquele novo papel que a cidade passa a desempenhar, a exemplo das recentes obras de reurbanização da Avenida Beira-mar, concluídas no ano 2000, e o Projeto Ícone Fortaleza, atualmente suspenso, que propõe uma intervenção no Serviluz. Como será visto, esse processo tem ocorrido na Praia de Iracema desde meados da década de 1990, através de intervenções urbanísticas implementadas pela Prefeitura e pelo Governo do Estado (ver capítulo 4).

#### *Um Bairro "Temático": Turismo, Vida Noturna e Cultura*

Em meados da década de 80, intensifica-se a abertura de bares e restaurantes na Praia de Iracema, destacando-se o Cais Bar e, principalmente, o Bar O Pirata, em 1986. Aumentam as queixas dos moradores sobre problemas como a violência, congestionamento de veículos e barulho do som dos carros e dos bares, que passam a promover shows e noitadas de fórró. " 'Sexta-feira de cão': é como os moradores da Praia de Iracema estão definindo o caos instalado nas ruas que circundam a Igrejinha de São Pedro"<sup>46</sup>. As maiores mudanças no uso e na ocupação do espaço, especialmente a diminuição do uso habitacional, ocorrem na área do bairro mais próxima ao mar, nas adjacências da Rua dos

<sup>46</sup> Jaguaribe, Elisabete. Praia de Iracema quer o fim do caos. Jornal *O Povo*, 03 de julho de 1991.

Tabajaras. Em meio às rápidas transformações sócio-espaciais, acentua-se a preocupação, por parte de uma parcela dos moradores do bairro e, principalmente, de seus freqüentadores, com a preservação de alguns locais da Praia de Iracema, nomeadamente o Estoril e a Ponte do Ingleses. A Associação dos Moradores da Praia de Iracema encampa o pleito, resultando na lei que instituiu normas de proteção, preservação e conservação para o imóvel referido, assinada, em setembro de 1986, pela então prefeita Maria Luiza. Três anos depois, a ponte seria objeto de legislação semelhante (ver itens 4.5 e 4.6).

Na década seguinte, as transformações começam a ser sentidas do outro lado da Avenida Historiador Raimundo Girão. Como informa uma matéria jornalística do ano de 1993, "freqüentadores fogem do rebuliço e descobrem novos points"<sup>47</sup>. O texto refere-se aos bares Coração Materno e Besame Mucho, situados na Rua Dragão do Mar. Surgem também, nessa via e na Rua José Avelino, diversos ateliês de artistas, ocupando galpões desativados. Na segunda metade da mesma década, a referida área do "Açude do Tancredo", que, até então permanecera vazia, passa a ser ocupada por edifícios de apartamentos. O trecho da Praia de Iracema compreendido entre a citada avenida e a Avenida Monsenhor Tabosa, excetuando-se os imóveis lindeiros a essa via e à área dos galpões, ainda preserva, no seu conjunto, acentuadas características residenciais (FIG. 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38 e 39).

O ano de 1994 marcaria uma significativa intervenção na faixa praiana do bairro: a construção, pela Prefeitura Municipal, do chamado "calçadão" (ver item 4.3), contíguo ao mar, entre a Ponte dos Ingleses e o molhe de pedras a poucos metros do edifício Lido, envolvendo a área da "piscininha" (FIG. 10, 57, 59, 60, 65 e 66). A partir da implantação desse equipamento, aquela área passa a ter uma intensa utilização pela população, incentivando a abertura de novos bares e restaurantes. Observam-se, também, maiores mudanças na aparência de muitas edificações, novas ou já existentes, especialmente nas proximidades da Rua dos Tabajaras, as quais passam a apresentar elementos arquitetônicos inspirados em modelos antigos ou numa mistura de estilos, resultando numa paisagem artificial, estranha àquele lugar (FIG. 45, 47 e 48) (ver item 4.2). O ano de 1994 registra, ainda, a reforma da Ponte dos Ingleses e o início da reconstrução do Estoril, que

<sup>47</sup> Jornal O Povo, 03 de abril de 1993.

desabara, em consequência de fortes chuvas, para sua transformação num centro cultural do Município (FIG.74 e 80) (ver itens 4.5 e 4.6). No ano seguinte, seria votada legislação urbana específica para o bairro, estabelecendo a Área de Interesse Urbanístico da Praia de Iracema (ver item 4.1), propiciando o necessário aparato legal para a nova função que o bairro passou a assumir. A década registra, ainda, o anúncio de um megaprojeto da Prefeitura Municipal, a Baía de Iracema, que não chegou a ser implementado.

O final da década de 1990 assinala novas mudanças no perfil sócio-cultural e físico-territorial da Praia de Iracema e áreas adjacentes. Em 1999, seria inaugurado oficialmente o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, que resultou em forte impacto urbano, promovendo rápida mudança de usos, com a instalação de ateliês, bares, danceterias e casas de shows em muitos galpões desativados, configurando-se em mais um pólo de vida noturna (FIG.51,52 e 53). O surgimento de novos usos vinculados ao que se tem denominado "prostiturismo" - boates e estabelecimentos afins - além do acirramento de conflitos como violência e insegurança, têm caracterizado o entorno do referido centro, bem como a área nas imediações da Rua dos Tabajaras.

No ano 2000, com o argumento de proteção e regeneração das Praias de Iracema e Meireles, a Prefeitura executou o aterro de uma faixa de 100 metros por aproximadamente um quilômetro de extensão, entre o espigão existente e o que foi construído à altura da Avenida Rui Barbosa (FIG.56). Por fim, está em andamento o projeto do Centro Multifuncional de Feiras e Eventos, do Governo do Estado, previsto para a área do Poço da Draga, com a proposta de um aterro de 19 ha e área construída de 55 mil m<sup>2</sup>, abrangendo vasto programa, que inclui espaços para convenções e exposições, teatro e lojas. O projeto prevê a remoção das trezentas e cinco famílias que habitam o local, com a promessa de alojá-las nas proximidades. Devem, também, ser mencionadas as recentes emendas à Lei de Uso e Ocupação do Solo de Fortaleza, ora em processo de votação, que prevêem a liberação do gabarito de edifícios em algumas áreas da cidade e a ocupação dos terrenos acrescidos de marinha (caso do referido aterro), medidas que, se viabilizadas, poderão causar profundas alterações no bairro.

Após mais de quatro décadas em que permaneceu à margem do crescimento da cidade, o pequeno bairro de outrora ressurge com nova roupagem

e em nova escala, com a expansão informal de suas fronteiras, sob a égide do lazer e do turismo. O depoimento de Júlio Trindade, proprietário do Bar Pirata, expressa esse sentido:

*"As pessoas tem que entender que hoje, do mesmo jeito que temos o Parque do Cocô, o maior parque urbano da América Latina, eu penso que, no futuro, a Praia de Iracema, que vai começar no Marina Park, até à [Rua] João Cordeiro, indo até Monsenhor Tabosa e Cristo Redentor, vai ser, certamente, o maior centro de lazer da América Latina. Hoje, a Praia de Iracema não pode ser considerada apenas de duas ou três três pessoas que reclamam disso ou daquilo. A Praia de Iracema é de todas as pessoas de Fortaleza, das pessoas que nos visitam (...) As pessoas precisam de lazer. Então, a nova boemia é essa. Ninguém pode lutar contra o progresso. A Praia de Iracema é uma festa e ninguém pode fazer nada contra isso..."<sup>48</sup>*

Traçado, pois, um quadro que esclarece aspectos da história da Praia de Iracema, especialmente no que se refere à ocupação e uso de seu território, cabe entender como foi sendo tecida, ao longo do tempo, a memória que consagrou o bairro como o espaço do lúdico e do "cultural".

---

<sup>48</sup> Transcrito de **Iracema – Praia dos Amores**. ( Filme em VHS com roteiro de Dulcinéa Gil, Direção de Produção de Beatriz Furtado, Direção Geral de Nilton Melo Almeida). Fortaleza, TV Ceará Canal 5, 1994.

## CAPÍTULO 3

### NARRATIVAS QUE CONSOLIDAM A MEMÓRIA

*\* (...) A memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir.*

*(Italo Calvino, As Cidades Invisíveis, 1990)*

*"Palavras, contos, lendas, poemas, músicas, todas as interpretações destinam-se a demonstrar a beleza e a poesia que envolvem a personagem: Praia de Iracema. Mística, musa, deusa, mulher. Por isso, enigmática. Ela se desnuda. Recebe gregos e troianos, fazendo-se dona da cearensidade. Contudo, continua absorta em seu pedestal. Única. Dona da imagética plena das letras e de todas as artes. Forte e bela permanece ou não a mesma?"*

*(Jornal O Povo, Caderno Sábado, 03 de junho de 1995)*

O cenário idealizado da Praia de Iracema consiste numa construção simbólica, amalgamada através da vasta produção de narrativas elaboradas sobre aquele espaço ao longo de sua história. Halbwachs (1990) afirma que as narrativas consolidam uma determinada memória coletiva, um acervo de lembranças socialmente construídas e referenciadas a um grupo. Conforme já referido, Thompson define uma narrativa como um discurso que "conta uma história" (1995:373). Nesse sentido, é oportuna a distinção que Walter Benjamin estabelece entre a noção de narrativa, vinculada ao "extraordinário e miraculoso" e a noção de informação, que necessita ser plausível (1994:202). A informação só tem importância enquanto é nova: "Ela só vive nesse momento, precisa entregar-se inteiramente a ele e sem perda de tempo tem que se explicar nele". A narrativa, ao contrário, "conserva suas forças e depois de muito tempo ainda é capaz de se desenvolver", pois possui uma autoridade mesmo que não seja "controlável pela experiência" (Benjamin, 1995:203 e 204). Assim, à narrativa não cabe transmitir a precisão da coisa narrada, pois os episódios são representados como modelos da história do mundo: "Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso" (Benjamin, 1995:205,209).

Se, como lembra Walter Benjamin, a memória é a musa da narrativa (1995:211), cabe, pois, analisar algumas das muitas narrativas existentes sobre a Praia de Iracema, buscando revelar que elementos as estruturam e como foram

construindo uma memória coletiva que àquele espaço consigna os atributos de um lugar idílico, "romântico", "underground" ou "cultural".

### 3.1. Considerações Preliminares ( Elementos de Configuração Espacial)

Sob a denominação Praia de Iracema, define-se um território com área de aproximadamente 40 hectares, situado entre o Centro e o Meireles. O bairro nasce na faixa de praia que lhe empresta o nome e finda na Avenida Monsenhor Tabosa, sendo delimitado, a oeste, pelas Ruas Senador Almino e Cariris e, a leste, pela Rua João Cordeiro. Essas fronteiras são permeáveis, pois as quadras que ficam em suas imediações integram-se, de formas diversas, à vida do bairro. Entretanto, os limites oficiais foram adotados, neste estudo, pela necessidade de demarcar um território para análise de alguns aspectos (FIG.6,7 e 8).

Esses limites foram informalmente ampliados após a instalação, em 1998, do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura na área outrora denominada Prainha. Tendo permanecido isolada desde a transferência do porto para o Mucuripe, a implantação desse equipamento cultural resultou, conforme referido, em mudanças no uso de seu espaço envoltório, com o surgimento, principalmente, de estabelecimentos de lazer noturno, que, anteriormente, concentravam-se nas proximidades da Rua dos Tabajaras (FIG.51,52 e 53). Fora daqueles limites, há, ainda, a favela do Poço da Draga (que ficou conhecida como Favela Baixa Pau), nas imediações da Ponte Metálica.

Como já foi visto, a Praia de Iracema é configurada por porções diferenciadas quanto ao processo de ocupação e uso do espaço, podendo-se, esquematicamente, estabelecer quatro áreas (FIG.8): aquela área mais próxima ao Centro, nas imediações do antigo bairro da Prainha, abriga os vestígios da ocupação inicial da região, vinculada ao antigo porto; a porção praiana do bairro, definida pela área ao norte da Avenida Almirante Barroso, entre a Ponte dos Ingleses e a Rua Ildefonso Albano, teve ocupação posterior, especialmente a partir da década de 1920, vinculada à função de balneário; os arredores da confluência da Avenida Monsenhor Tabosa com a Rua João Cordeiro e as Ruas Tigipió e Tomás Lopes tiveram ocupação que, também, remonta àquela década, caracterizada algumas por ruas de traçado mais irregular, com lotes de dimensões reduzidas, abrigando, ainda, remanescentes do casario original; por

fim, a área próxima à Avenida Historiador Raimundo Girão foi ocupada por setores médios da população, a partir do final da década de 1940.

Constata-se, assim, que, apesar de suas exíguas dimensões, o bairro tem apresentado, historicamente, diversidade na ocupação e no uso de seus espaços, apropriados por grupos diversos, que imprimiram, a partir de suas práticas, significações distintas para cada porção daquele território. Nesse sentido, Gilberto Velho (1986:49) lembra da relação entre a organização social do espaço e a demarcação da identidade de grupos sociais:

*"As diferenças e particularidades de bairros, áreas da cidade, setores de bairros, eventualmente ruas, são percebidas e representadas pela população urbana como importantes na demarcação de identidades. O trabalho, o lazer e a boêmia são algumas dimensões que podem distinguir grupos e segmentos sociais. Este processo é (...) basicamente contrastivo, acirrando e enfatizando estereótipos, preconceitos e até estigmatização".*

No que se refere à Praia de Iracema, os diferentes setores do bairro vinculam-se a vivências e práticas de grupos diversamente aquinhoados no que diz respeito à renda e prestígio social: o mundo do trabalho ligado, por um lado, à área dos armazéns, e, por outro, à antiga atividade dos pescadores; a moradia dos pobres no "morro" e a dos grupos de melhor renda mais próxima ao mar; o lazer de grupos mais abonados, quando da instalação do balneário, e, posteriormente, a vida boêmia, na porção praiana do bairro. Essa divisão informal pode ser ilustrada com a leitura daquele espaço feita por Hélio Rola<sup>49</sup>:

*"Em torno do Iracema Plaza, fica o pessoal da "alta", senhores e senhoras que frequentam reuniões da igreja e acontecimentos sociais. No extremo oposto, por trás do prédio do DNOCS, se acotovelam os habitantes do "Baixa Pau"...Entre a gente da "alta" e do "Baixa Pau" se acomoda a classe média (...), velhos e novos iracemistas. Por trás, além da Avenida Almirante Barroso, habita a gente do morro. Pessoas simples que dão valor a uma boa conversa na calçada, acompanhada de um joguinho de baralho".*

Apesar da diversidade dos setores do bairro, a imagem que se consagrou do lugar é estreitamente vinculada à sua porção praiana. Alguns elementos próprios de sua configuração espacial, ao longo do tempo, podem ter contribuído para reforçar seu estatuto de um local lúdico na cidade de Fortaleza. Como notou o arquiteto e antropólogo Carlos Nelson Ferreira dos Santos(1986:60), " Os

<sup>49</sup> Citado por Barroso & Paula. Serão os Iracemitas Dom Quixote? Jornal O Povo, 09 de junho de 1984.

lugares (...) apresentam conformações cumulativas. Estão no presente, mas podem demonstrar como já foi e como, talvez, será. Assim, não só com-formam. Também in-formam". Nesse sentido, pode-se afirmar, metaforicamente, que a Praia de Iracema já nasce sob a égide de uma "invenção", que se inscreve no próprio território em que se situa: a porção praiana do bairro consiste em terrenos acrescidos de marinha, dado o afastamento progressivo da linha de marés na costa fortalezense, fato este já referido. A linha da preamar média de 1831 situava-se onde atualmente corre a Avenida Almirante Barroso, indicando que toda área ao norte daquela via são terras ganhas ao mar<sup>50</sup> (FIG.8). Aquele espaço inscreve-se, pois, como um território relativamente recente na cidade de Fortaleza. A sua pouca integração à malha viária da cidade decorre de só ter sido posteriormente incorporada ao tecido urbano, sem, entretanto, seguir o traçado ortogonal tão característico da cidade. Assim, aquela região triangular apresenta-se apartada do restante do bairro, como definiu Luciano Maia (1994):

*"O território, como costumamos chamar este bairro outrora semi-anárquico-nefelibata, ostenta um estatuto (...) de autonomia digno apenas dos lugares notoriamente carismáticos: dentre todos os bairros de nossa cidade, a Praia de Iracema é o único (pelo menos um dos pouquíssimos) que nos faz sentir o momento em que penetramos as suas fronteiras físicas, que funcionam, melhor dito, como fronteiras psicológicas".*

Limitada pela Avenida Almirante Barroso, uma via mais larga que acentua o seu isolamento, e por uma exígua faixa de praia, a área caracteriza-se por apresentar quadras de formato irregular, com ruas estreitas e de trajeto curto, que permitem ao olhar a apreensão de toda sua extensão, conformando uma escala mais "aconchegante", mais intimista (FIG.8). O casario de feição eclética ou *art-déco*, já quase totalmente desfigurado, apesar da manutenção de sua escala, contribuía para conferir àquele espaço uma feição harmoniosa. Completando o quadro, a presença do mar, enriquecendo e ampliando, com seus sons e seus odores, a apreensão do espaço (Tuan, 1984:18)<sup>51</sup>. O depoimento do arquiteto Campelo Costa (1994) alude a esses aspectos:

<sup>50</sup> Tal fato pode ser confirmado pela análise da cartografia da cidade, de modo especial pela planta anexa à Portaria Nº331, de 1974, do Serviço de Patrimônio da União, Delegacia do Ceará, além das plantas elaboradas por Adolfo Herbster em 1859 e 1875, anteriormente citadas.

<sup>51</sup> Esse aspecto é também referido por Kevin Lynch, ao analisar elementos constituintes da imagem de um lugar: "Quase todos os sentidos estão envolvidos e a imagem é o composto resultante de todos eles" (1988:12). Essa perspectiva experiencial remete ao pensamento de Gaston Bachelard (1993), quando evoca os valores oníricos, intangíveis, dos espaços,

*"Mais que um pedaço da cidade.*

*Mais que um lugar confinado por duas velhas pontes, uma pequenina igreja e uma muralha de enormes blocos de granito a contemplar e a conter o mar.*

*Mais que tudo isso... o que a caracteriza [a Praia de Iracema], incomparavelmente, são aquelas ruelas estreitas de saborosa nomenclatura indígena e a sobrevivência patética de um casario baixo e alguns graciosos casarões, uns três terrenos baldios e a incontornável dessemelhança com as torres despidas de nenhum caráter que a insensibilidade e a sanha especulativa ergueram à força do dinheiro e da ganância.*

*Esse ar apequenado confere-lhe uma estesia intrínseca, algum fascínio e certos aspectos comportamentais que beiram o cinismo pelo clima de eternamente em festa."*

A sua condição de isolamento, seu "ar apequenado" e os citados elementos físicos que caracterizam aquele espaço certamente concorreram, como ilustram os depoimentos citados, para amalgamar os significados, socialmente construídos, atribuídos ao bairro da Praia de Iracema, definido pelo poeta como "notoriamente carismático"<sup>52</sup>. Como lembra Milton Santos (1990:101), "tornada forma-conteúdo pela presença da ação, a forma (espacial) torna-se capaz de influenciar, de volta, o desenvolvimento da totalidade, participando, assim, de pleno direito, da dialética social". Cabe, assim, investigar os marcos da constituição da Praia de Iracema como um espaço de acentuada referência simbólica na cidade de Fortaleza, desvendando como lhe foram atribuídas significações que o tornaram elemento veiculador de determinados valores.

### 3.2. Um Paraíso Perdido

*"No hay otros paraísos que los paraísos perdidos"  
(Jorge Luis Borges, Posesión del ayer)<sup>53</sup>*

As primeiras narrativas sobre a Praia de Iracema remontam à época de sua "criação", quando deixou de ser a Praia do Peixe, a praia da venda do peixe,

---

considerando as sensações e as lembranças elementos constitutivos da apreensão espacial. Nessa direção, aponta, também, a narrativa ficcional de Italo Calvino (1990). Sua linguagem lírica aguça a sensibilidade para perceber nuances da leitura do espaço.

<sup>52</sup> Kevin Lynch (1988) define a estrutura urbana das cidades ocidentais como produto da interação de alguns elementos, tais como os caminhos, marcos, articulações, barreiras, limites e bairros. Assim, a cidade com seus bairros, demarcados por barreiras e limites, são atravessados por caminhos, pelos quais se chega às articulações, estando repletos de marcos socialmente construídos.

<sup>53</sup> Citado por Pinto (1998).

mas a bucólica Praia de Iracema, de Alencar. Conforme já referido, os novos grupos que, em meados da década de 1920, acorriam à praia impuseram-lhe uma nova denominação. Pretendiam, assim, forjar-lhe uma nova imagem, na tentativa de extirpar sua história anterior, vinculada aos moradores pobres do bairro, como será visto. Ao ato de apossar-se territorialmente da Praia, somou-se uma apropriação simbólica, por parte das elites, resultando na "fundação" de um novo lugar. A Praia de Iracema "nasce", assim, em 1925 a partir do estabelecimento de sua nova denominação<sup>54</sup>. Utilizando-se de seu "capital simbólico"<sup>55</sup> (Bourdieu, 1989), os grupos dominantes instituíram, através de um ato de nomeação, a nova condição do bairro.

### *Saneando a Praia do Peixe*

A campanha para mudança da denominação da praia, da qual participaram vários órgãos da imprensa local, tem início em 1924, quando a cronista Adília de Albuquerque Moraes faz um fervoroso chamamento enaltecendo as virtudes de Iracema, alçada a símbolo da mulher cearense, com um apelo, "sem distinção de posição e de classes" para que se construa um monumento àquela heroína de Alencar<sup>56</sup>:

*"Gentil leitora, é, antes de tudo, para vós, a minha idéa.*

*Como seria feliz o nosso gesto, se concorréssemos, com o nosso maior esforço, para perpetuar-se no bronze, a figura gentil e idêal de Iracema, cognome pelo qual sois conhecida, lá fóra - symbolo de vossa vontade hospitaleira - dedicação no amor, coragem no sacrificio e na dor! Iracema! Vulto synthetico que um de nossos maiores filhos também viveu e creou. José de Alencar, não o ouvideis, delineando as formas graciosas da cabôcla, dando-lhe excepcionais qualidades de coração e calma na adversidade, exteriorypou a mulher cearense que nunca desmentiu o julgamento imparcial que d'ella fez o seu maior escriptor.*

<sup>54</sup> Referindo-se à idade de um lugar, Santos (1997:46) afirma: "A materialidade artificial pode ser datada, exatamente, por meio das técnicas: técnicas da produção, do transporte, da comunicação, do dinheiro, do controle, da política e, também, técnicas da sociabilidade e da subjetividade".

<sup>55</sup> O conceito de "capital social" foi desenvolvido por Pierre Bourdieu. Para o sociólogo, a sociedade define-se como um espaço multi-dimensional constituído por diferentes campos, onde agem os indivíduos, segundo regras neles vigentes. Neles, os agentes ocupam diferentes posições, travando relações sociais em torno de certos interesses. A luta, a concorrência por aquilo que está em jogo no campo o caracteriza como um espaço de conquista de poder. Este embate desenvolve-se entre agentes sociais desigualmente dotados de "capital social". Para Bourdieu, capital social consiste na posse de um crédito, de uma força, o poder de impor, a possibilidade de definir as regras.

<sup>56</sup> Revista Ceará Ilustrado, Nº23, 5 de outubro de 1924.

*Avante, pois: reunamo-nos. Sem distinção de posições e de classes, promovamos, por todos os meios ao nosso alcance, a realização d'um propósito que tão alto nos honrará.*

*Ergamos o monumento!*

*Este deverá ser erigido em uma das nossas praias, em frente aos "verdes mares que brilham como líquida esmeralda aos raios do sol nascente".*

*Não deixemos que grite em vão as jandaias nas frondes dos coqueiros que orlam nossas dunas tão sugestivas e mestas!*

*Adília de Albuquerque Moraes*

*Praia do Peixe, 1º de outubro de 1924.\**

Os editores da Revista Ceará Ilustrado, onde a cronista atuava, entusiasma-se com seu pleito, referendando o culto àquele personagem, afirmando tratar-se de "tradição cheia de poesia e de sentimento":

*"A lembrança de nossa apreciada colaboradora, d. Adília de Albuquerque Moraes, impressionou vivamente o nosso espírito. Somos, igualmente, de opinião que, ao Ceará, cumpre o dever de cultivar uma das mais formosas lendas da literatura brasileira e de melhor forma não se poderia corporificar esse culto do que pela erecção de uma estátua à "virgem dos lábios de mel".*

*Nas letras, ficará, para sempre, o livro de Alencar, deliciando os espíritos. Na praça pública, ao alcance da vista, deverá levantar-se o bronze dessa tradição cheia de poesia e de sentimento.*

*O "Ceará Ilustrado" abraça, dedicadamente a lembrança de d. Adília de Albuquerque Moraes e pede a todos os colegas da imprensa cearense para a propaganda dessa idéia e consequente organização dos trabalhos para positivá-la.*

*E, nesse propósito, abre em suas columnas uma subscrição em que figura Ceará Ilustrado 100\$000."*

A figura de Iracema já era há muito cultuada, pois a obra homônima, de José de Alencar, tivera ampla acolhida desde sua publicação, em 1865. O maior representante do romantismo brasileiro, "movimento a que Alencar está ligado por formação e estilo"; (Braga, 1965:28) foi ao encontro dos ideais populares e nacionalistas dessa vertente. Desde a publicação de "O Guarani", em 1857, o escritor cearense, criando figuras indígenas mitológicas, alcançara enorme sucesso, que se repetirá com "Iracema". O fenômeno teve alcance nacional e, mais especialmente, no Ceará, por ser o chão histórico em que se desenvolve a trama<sup>57</sup>. Relato metafórico da saga dos índios e dos brancos em terras cearenses, a obra e sua heroína inscrevem-se como uma grande "tradição" local, inventada por José de Alencar. A invenção de Alencar tem origem na própria denominação de seu personagem, como informa Braga Montenegro (1965:32):

<sup>57</sup> A informação da grande aceitação popular da obra de José de Alencar e, especificamente, de "Iracema", foi fornecida, em conversa informal, pelo Professor José Liberal de Castro, em outubro de 2000.

*"Alencar, entretanto, era um talento "criador de nomes", na expressão restritiva de Silvio Romero, e nada mais plausível do que, apoiado nos escassos conhecimentos que possuía do idioma tupi, tenha concebido o alvitre poético com que nomeou sua heroína e deu título à novela imortal".*

Na análise que Braga Montenegro elabora de "Iracema" o autor afirma a inexistência de qualquer evidência histórica que justifique a designação de "lenda do Ceará". À exceção de documentos de que se valeu o escritor para compor o cenário em que se desenrola a trama, "não preexistiu à invenção alencarina qualquer lenda ou tradição que servisse de apoio ao argumento romanesco por ele utilizado" (Braga, 1965:33). Na alusão que faz José de Alencar a uma história que teriam lhe contado, residiria uma tentativa de sugerir "um elemento lendário com que estivesse lidando e do que seria apenas um intérprete perante o leitor" (Braga, 1965:33). Porém, enfatizando a forma como inseriu-se a novela no imaginário popular, afirma Braga Montenegro (1965:34):

*"O tempo, todavia, proporcionaria o elemento coadjuvante para confirmar os propósitos do autor, e o idílio de Iracema e do guerreiro branco incorporou-se à imaginação popular, não apenas como uma idealidade mítica, mas sobretudo como uma legenda simbólica da terra conquistada".*

Nesse sentido, é muito significativa a generalizada adoção do nome Iracema para designações diversas, como ilustra uma matéria intitulada "Notas Apressadas de uma Viagem ao Norte", em que o escritor Viriato Correia discorre sobre características do personagem, comentando sua inserção na vida cotidiana da população<sup>58</sup> (FIG. 27 e 28):

*"Para o cearense, Iracema não é uma ficção, é uma figura real : vive, palpita, estremece e julga. Sentem-na, vêem-na, amam-na, idolatram-na. É como que uma irmã de todos, a quem todos querem bem, uma deusa querida das almas. É a mascotte de tudo. Dá nome às pharmácias, às livrarias, às lojas de modas, aos theatrinhos, aos clubs, armarinhos, garages, caldos de cana, restaurantes, vândalos, chacaras e principalmente às moças".*

Arrimada na referida "tradição" cearense, é proposta a-nova denominação da praia, obscurecendo o antigo nome, vinculado à tradição pesqueira daqueles que sempre a habitaram. O nome do personagem de Alencar, tão enraizado no imaginário coletivo, ("sentem-na, vêem-na, amam-na, idolatram-na") teve, assim, um objetivo "civilizatório", contribuindo para que se consolidasse o espaço de

<sup>58</sup> Revista Ceará Ilustrado, N° 47, 31 de maio de 1925.

refinada sociabilidade que a cidade então ganhava, como ilustra o texto publicado pela referida Revista Ceará Ilustrado:

*"PRAIA DO PEIXE! Uma fila de casas alpendradas, à beira dos verdes mares bravios, orlando aquella extensão em que a "praia beija a vaga e em que a vaga beija o mar".*

*Aquelle recanto, aquella marinha cearense, perde muito de sua beleza com esse nome de Praia do Peixe, nome que exhala tanta maresia e tão intenso fartum de vísceras de garôpa expostos ao sol à vista cubiçosa dos urubus malandros.*

*Foi, por isso, muito feliz a idéia daquelles moços, idéia abraçada de prompto pelas famílias que habitam a Praia do Peixe - de atirar-se fora, lá para longe, esse nome tão prosaico e que parece dizer uma tolice - que as demais praias não têm peixe...*

*PRAIA DE IRACEMA, SIM!*

*Praia de Iracema, da "virgem que tinha os lábios de mel e os cabellos mais negros que as azas da graúna!! ...*

*Vença a idéia feliz!"<sup>59</sup>*

Ao iniciar com a tradicional denominação da praia em destaque, seguido de uma bucólica descrição do lugar, faz-se uma "oferta" para induzir a resposta que o narrador está buscando (Thompson, 1995:383), ou seja, estabelecer uma tensão entre a paisagem, com a "fila de casas alpendradas", e as rudes práticas que lá se davam ( os peixeiros e as "vísceras de garôpa"). Com considerações de desprezo pelo nome da praia da venda do peixe e o apelo às famílias que lá habitam ( certamente as famílias dos veranistas e não a dos pescadores), o texto sugere uma estratégia de exclusão social, propondo o "saneamento" da imagem do lugar.

O jornal *O Nordeste* integra-se à campanha, com discurso de teor semelhante, ressaltando as qualidades do balneário que surgia e desprezando seu antigo nome. A revista *A Jandaia* também participa do movimento, louvando o nome emblemático de Iracema e, mais uma vez, exaltando o novo e moderno espaço de sociabilidade que a cidade estava ganhando. O bairro é comparado à cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro, que desde o império constituíra-se, durante o verão, no local de refúgio das elites cariocas:

#### *PRAIA DE IRACEMA*

*"É esse o nome que se procura dar ao antigo bairro - Praia do Peixe. Não há dúvida que a idéia é sympathica, por se tratar da heroína do romance de José de Alencar - Iracema, a virgem dos lábios de mel - symbolo de ternura e amor dos filhos da terra do sol.*

*Achamos, entretanto, que se pudessemos simplificar tal designação, melhor ficaria a pronúncia e sobretudo a elegância do nome.*

<sup>59</sup> Revista Ceará Ilustrado, Nº51, 28 de julho de 1925.

*Temos por exemplo: Petropolis, de Pedro II; Florianópolis, de Floriano Peixoto; porque não se poderia dizer também Iracemapolis, em vez de Praia de Iracema? A significação é cidade de Iracema. Porventura a Praia do Peixe com a sua construção moderna, intensa população, futura rede de transporte (linha da light...), etc, não se lhe ajustaria o título de cidade? Ahi fica a nossa suggestão, aliás com justo julgamento. E praza aos céos que a Prefeitura consulte os philólogos da terra, para decidir pró ou contra ..."*  
(Revista A Jandaia, Nº56, 23 de agosto de 1925)

Como foi visto no capítulo anterior, uma matéria publicada na *Revista Ceará Ilustrado* informa que o chefe de polícia do Estado proibira os banhos, na Praia do Peixe, às "creaturas alegres" ("lagartixas"), restringindo o seu uso às "pessoas graves e sisudas" (ver item 2.2)<sup>60</sup>. A presença incômoda das prostitutas destoava dos novos usos da praia, que se tornara, como informa uma nota, na mesma edição que veicula a medida policial, o "encanto da (...) sociedade elegante". As narrativas, que até então limitavam-se a cantar as belezas da praia, passam a enaltecer seus usuários:

*"Parece que, com a mudança do feio nome de Praia do Peixe, a mais formosa marinha cearense, encanto da nossa sociedade elegante, está adquirindo um desusado movimento nestes últimos dias.  
Ranchos de namorados felizes e sorridentes confundem os seus arrulhos com o marulho das ondas; automóveis businam; ouvem-se risadas e canções.  
Consta mesmo que alguns poetas indígenas tencionam abrir nesta revista um concurso de sonetos sobre as maravilhosas perspectivas que aquella praia nos suggestiona.  
Influência do novo nome ..."*<sup>61</sup>

Como já referido, é feita uma solicitação, através de um abaixo assinado, para que se efetue a mudança do nome oficial do bairro. A poética denominação de Praia de Iracema foi, certamente, inspiração para que muitas ruas recebessem nomes de tribos indígenas cearenses, como sugere a referência a "poetas indígenas" e o citado contexto de louvação ao mitificado personagem de Alencar. Impunha-se, assim, a nova imagem da Praia do Peixe, mais adequada para seus novos usos, pois o mundo do trabalho parecia não ter mais lugar na praia que se tornava um símbolo do lazer das elites de então :

*"Praia de Iracema. Maravilhoso morrer do dia. Tarde gris - de - perle. As jangadas com suas enfunadas velas brancas demandam a costa.  
Banhistas em maillot, flanam na praia. Tranways e outros passam.  
Os bungalows ricos espiam mudos as ondas que vão e veem, veem e vão ..."*

<sup>60</sup> Ao informar o fato, o autor da matéria faz críticas à arbitrária proibição.

<sup>61</sup> Revista Ceará Ilustrado, Nº52, 05 de julho de 1925.

*Ali o Palacete dos Valetes onde vive um punhado distinto de moços. Mais além uma república luzida de rapazes do Banco do Brasil. Acolá os bungalows do Cel. João Carvalho e do Cel. Plácido.*

*Lá adiante os palacetes em construção do Desembargador Moreirinha e do Cel. José Porto.*

*Está chic agora a Praia. Quanta gente elegante faz o verão ali.*

*Lá vem um bouquet encantador. São: Melles Margarida Carvalho, Zeneida Motta, Alice Verissimo, Juracy e Theodora Carvalho.*

*Naqueia jangada o poeta Salles Campos diz versos, enquanto o cronista Raimundo de Menezes conta novidades de Paris e o jornalista Júlio Ibiapina brada que se deve baixar o preço dos bondes.*

*O capitalista Alberto Klein, surge num Dodge ... O deputado Jorge da Rocha sorri alegre em certa rodinha à beira - mar. O Moraezinho, o Telles, o Proença caem n'água, com elegância ...*

*A senhorinha Denize Vieira passava encantadora.*

*Outras figuras de realce de nosso grand monde vão aparecendo .*

*É uma grande parada de elegância. Todas as tardes, na nossa mais linda e mais pitoresca praia de banhos - a Praia de Iracema.*

*Assinado por João Kodak<sup>62</sup>*

O texto, qual um roteiro cinematográfico, fornece todos os elementos para o cenário que se deseja revelar. A praia tem novos donos: na paisagem figuram os "bungalows ricos" e os "palacetes"; novas práticas são inauguradas por integrantes do "grand monde": flanam, dizem versos, dirigem automóveis, caem n'água; "Tarde gris -de perle", sem o "fartum de vísceras de garôpa": já não se faz menção à "feiúra" de seu antigo nome; transformada numa "grande parada de elegância" e promovida a assepsia através do sugestivo e sonoro nome, a praia, agora, é de Iracema.

### *Um Lugar "Encantado"*

*"A Praia de Iracema é muito mais do que um ponto de boêmia, uma musa inspiradora, um pólo turístico ou um local de produção cultural. Durante décadas, representou o sonho de gerações, seus amores, ideais e projetos de vida"*

*(Rodrigo França)<sup>63</sup>*

A partir da destruição parcial da Praia de Iracema, em meados da década de 1940, com a conseqüente decadência do balneário e dispersão da maior parte dos pescadores, surgem narrativas diversas - poemas, matérias jornalísticas,

<sup>62</sup> Revista Ceará Ilustrado, N°70, 8 de novembro de 1925.

<sup>63</sup> França, Rodrigo. Praia de Iracema é a musa inspiradora da cidade. *Diário do Nordeste*, 13 de dezembro de 1996.

canções - chorando a sua ruína e enaltecendo os seus atributos . Reduzido nos seus aspectos físicos, aquele espaço permaneceu presente através das representações diversas que se elaboraram. Através da análise de algumas dessas peças discursivas, é possível perceber os elementos que compõem a memória que se preservou.

Um primeiro registro consiste numa matéria jornalística intitulada "A Tragédia da Praia de Iracema"<sup>64</sup>. Datada de 1946, contemporânea à destruição daquela faixa de praia, o texto inicia com o relato dos últimos acontecimentos sobre os estragos causados pelo avanço do mar, utilizando-se de uma linguagem romanceada ao afirmar que "os poetas(...) justificam a fúria oceânica como sendo a cólera de Netuno com ciúmes dos encantos daquele trecho de mar". A seguir, trata de aspectos de sua inserção na vida da cidade:

*"Antigamente, nos distançados dias em que aqui chegou o primeiro colonizador branco, a Praia de Iracema era orlada de palmeiras e coqueiros, tendo por traz densa e impenetrável mata... (...) Com o evoluir dos tempos, foram crescendo as habitações em torno das praias, notadamente da Praia de Iracema. (...) A Praia de Iracema, que se assemelhava a um dos trechos da ilhas dos mares do sul, ficou americanizada, algo parecida com Miami."*

Com o subtítulo "O que foi a bela praia", o texto apresenta um lugar paradisíaco, com matas verdejantes, sugerindo paisagens de ilhas idílicas apresentadas em filmes americanos da década de 1940. Numa época de grande difusão dessa forma de entretenimento, quando a cidade ganha o imponente Cinema Diogo<sup>65</sup>, novas imagens passaram a povoar o imaginário coletivo, como ilustram as palavras de Liberal de Castro (1997:14): "Entre as moças, comumente entre as morenas,<sup>6</sup> que eram muitas, tornou-se hábito o recurso aos cabelos compridos, lisos, por influência dos filmes de Dorothy Lamour, cujas cenas se passavam nos mares do sul do Oceano Pacífico, embalados ao som de música havaiana, verdadeira ou estilizada". Da mesma forma, a alusão à cidade de Miami deve-se, certamente, à adoção, em muitas edificações da Praia de Iracema, da estética *Art Déco*, estilo de larga difusão naquela cidade e de grande acolhida em Fortaleza como símbolo de modernidade (FIG.43). Sobre a ampla adoção daquele estilo a partir da década de 30 do século XX, Castro comenta : "A

<sup>64</sup> Peri Augusto. Jornal *O Povo*, 07 de fevereiro de 1946.

<sup>65</sup> "O Cinema Diogo figura como um marco de inquestionável relevância nos quadros da cultura, da civilização e da tecnologia cearenses (...)" (CASTRO, 1997:1)

sofreguidão com que a Fortaleza, estimulada por mecanismos novos, procurava inserir-se nos padrões de progresso pedia uma legitimação artística, concretizada pelas realizações materiais do modernismo internacional. Assim se elucida a impressionante rapidez da aceitação e a amplitude da assimilação da estética Art Déco pela cidade, símbolo explícito da integração da cidade a um mundo moderno, outrora distante”.

A comparação com outros lugares, prática existente desde os tempos em que era a Praia do Peixe, tentava, certamente, afirmar que a praia cearense teria sido um espaço diferenciado no contexto urbano local, com atributos de um território quer “exótico” ou “moderno”. Como já foi visto, a Praia de Iracema figurava, na década de 1930, como um ícone de modernidade. Nesse sentido, são ilustrativas as palavras de um antigo freqüentador do lugar: “Ir à Praia de Iracema, para nós, meninos daquele tempo, era ver um mundo novo...”<sup>66</sup>.

O relato idealizado do referido jornal segue alçando a praia à condição de “símbolo da terra cearense”, apesar de terem transcorridos apenas vinte anos desde a época em que a “Copacabana aldeota” (ver item 2.4) havia se inserido como local de uma nova sociabilidade:

*“A Praia de Iracema, através dos tempos, tem sido um símbolo da terra cearense. Quem por esse imenso Brasil, do sul, do norte e do centro, não ouviu falar na beleza da Praia de Iracema? Sim, a nossa tão falada praia, desde os romances de Alencar aos escritores da atualidade, aparecia como o orgulho dos filhos da Terra do Sol, que se envaideciam e faziam inveja aos seus irmãos dos outros Estados, inclusive os que se banham na praia grã-fina de Copacabana. Para nós, além disso, a Praia de Iracema tinha um significado especial. Qual o cearense que não teve uma namorada, passeando nas noites enlouradas, vivendo idílios de toda sorte, sob olhar cúmplice da lua? Em quantas jangadas casais ditosos mantiveram confidências amorosas? E quantos romances de amor não tiveram princípio à sombra amiga de um coqueiral? É por tudo isso que a gente de nossa terra contempla comovida a destruição da Praia de Iracema.”*

A legitimação da Praia de Iracema como um símbolo do Ceará apoia-se no romance de Alencar e na comparação com a “praia grã-fina de Copacabana”, o famoso balneário da então capital federal, que, tal como a cidade de Miami, simbolizava a almejada modernidade. A Praia de Iracema é, ainda, apresentada como um lugar “encantado”, cenário de romances, de referência importante para os cearenses e não apenas para uma parcela da população da cidade de

---

<sup>66</sup> Entrevista concedida à autora, em março de 1999.

Fortaleza, um argumento que tenta tornar consensual uma determinada leitura daquele espaço.

O tom saudoso da matéria lamenta os locais desaparecidos ( nomeadamente o Jangada Club, a estação de rádio dos Correios e Telégrafos, o Praia Clube, o Restaurante Ramón e a mudança do Ideal Clube), a maioria local de encontros da elite fortalezense , fato corroborado pelas palavras da jornalista Geraldina Amaral (1994): "Verdade foi-se o Ramón, foram-se pedaços de muito amor, foi-se uma história. O dourado "Jangada Clube"(...) pontificou na Praia de Iracema. Ali, nos velhos tempos, a sociedade fortalezense se reunia em acontecimentos raros, marcantes, fechados, 'raffinés' ". O jornalista Guilherme Neto (1994) explicita o público, que frequentava o "Jangada Clube", enfatizando, porém, aspectos de um local de boêmia:

*"Fernando Pinto possuía ali o seu Jangada Clube (...) Em torno do anfitrião, amigos seus, empresários e comerciantes, daqui e d'alem mar, autoridades públicas e artistas renomados (...) Numa parede, colorida, ficavam as impressões de visitantes famosos. De Orson Welles a Dorival Caymmi, de Silvio Caldas a outros grandes artistas internacionais, cantores, músicos, pintores, escritores e poetas, todos deixavam gravados seus pensamentos, seus versos, suas mensagens."*

A referida matéria segue apresentando uma exaltada louvação:

*"Na Praia de Iracema cada palmo de terra tem sua história. Tudo que ali foi edificado passou a ser apreciado pelos cearenses e por turistas que aqui aportavam. A Praia de Iracema não era admirada apenas, era mais que isso: venerada...Temos acompanhado com lágrimas nos olhos os trechos que vão sendo destruídos pelo mar. (...)*

*Pouca coisa salvou-se da nossa querida praia, da praia dos nossos amores, da praia mais bela do Brasil! Resta agora aos cearenses, amantes do sol e da liberdade, apêlar para o Mucuripe, com a sua enseada mansa como um lago, fazendo dali uma nova Praia de Iracema, a fim de não desaparecer por completo o prestígio de nossas praias."*

Na própria ocasião em que era destruída, reforça-se sua mitificação, apelando para que outro lugar se transforme numa "nova Praia de Iracema". A praia assume, nessa narrativa, uma conotação adjetiva, a sugerir os significados que lhe imputavam. Lamentando o espaço destruído e apelando para sua reconstrução, inaugura-se um discurso que seria recorrente em outros momentos da história do bairro.

Outro aspecto a destacar refere-se ao papel que os pescadores assumem nessa narrativa. São vistos como personagens pitorescos a compor a paisagem

do lugar, da mesma forma que o fazem os coqueiros, como ilustra uma passagem da parte que inicia o texto em análise: " Até os jangadeiros, que, mesmo dentro da miséria em que viviam, inspiram bonitas páginas aos poetas, desapareceram igualmente com os coqueiros..." :

*"Os banhistas , turistas e admiradores da Praia de Iracema lamentam, acima de tudo, a ausência das jangadas, que dali desapareceram como por encanto(...)E com o desaparecimento das jangadas, que inspiraram a Juvenal Galeno belos versos populares, perdeu a praia o ponto mais pitoresco da sua paisagem. Aos domingos, quando estavam de folga, sem a preocupação de enfrentar o oceano bravio para ganhar o pão com o pescado difícil, os jangadeiros realizavam corridas, proporcionando ao povo e aos visitantes ilustres matinais inesquecíveis(...)Com o desmoronamento da Praia de Iracema, nada temos mais a lamentar do que o desaparecimento dessas jangadas, nas quais os "heróis bronzeados do sol" escreviam páginas de heroísmo, dando provas de bravura de uma raça."*

Aos pobres, cabe desempenhar, na narrativa, a função que lhes é permitida, qual seja o de promotores do deleite e entretenimento de outros grupos. As representações que se constroem consagram-nos como elementos exóticos ou idealizados, diluindo, de forma velada, possíveis tensões e conflitos.

#### *Falas de Saudade: Canções*

No início dos anos 50, as falas de saudade iriam ficar registradas no cancionário popular. A primeira canção foi o *Baião de Iracema*, gravada, em 1953, por Marlene e Paulo Tapajós, com autoria de Humberto Teixeira, que então granjeava enorme popularidade, tendo vencido, por três vezes consecutivas, o concurso anual de compositores nacionais "Melhores do Rádio". Naquele ano, o afamado cearense visita o Ceará, após 22 anos de ausência, por ocasião das comemorações do Centenário da cidade de Iguatu, atendendo a um convite do Governo do Ceará. A revista *O Cruzeiro*, em sua edição de 4 de abril de 1956, dedica ampla cobertura a essa visita, abrindo a matéria com uma fotografia de página inteira, onde o artista aparece sentado sobre o enrocamento de contenção da Praia de Iracema, constando a seguinte legenda: "Humberto Teixeira, de volta ao Ceará, chora a perda da Praia de Iracema que a onda levou. O consagrado autor de "Parnaíba", "Kalu" e "Asa Branca", cantando, se dirige ao mar: "Responde, verde mar/ porque tu te zangou/ matando num abraço quem tanto te beijou ..." (FIG.30). Trata-se de um trecho do referido baião, cuja letra alude ao retorno do artista à sua terra natal para lamentar a destruição da praia:

### *EU VOU PRO CEARÁ*

*Eu vou pro Ceará, eu vou, eu vou, meu bem  
Meu povo tá chorando  
Vou lá chorar também  
Eu vou ver o mar, dizer para o mar  
Que respeite ao menos a casa do meu bem*

*Responde verde mar  
Por que tu te zangou  
Matando num abraço quem tanto te beijou  
A Praia de Iracema foi sempre o teu amor  
Não leve meu coqueiro  
Deixe em paz meu bangalô*

Na página seguinte, há um conjunto de cinco fotos pequenas, mostrando diferentes pontos da Praia de Iracema, lendo-se, abaixo de cada uma, trechos da música entremeados com outras frases no mesmo tom saudosista: "Que linda que tu foste, ô praia dos meus sonhos!...Hoje, desolação e calhaus onde antes foi alegria e dunas alvinitentes...". No final da matéria, lê-se que Humberto Teixeira foi recebido festivamente no Ideal Clube, "onde apresentou seu magnífico baião (de Iracema) intitulado 'Eu vou pro Ceará', já gravado por Marlene, que, tal estopim, alastrou-se pelo Estado inteiro, em menos de 3 dias, o que verificamos à nossa chegada nas diversas cidades do interior que visitávamos" (Revista O Cruzeiro – 4/4/1953, p. 84-88).

No carnaval do ano seguinte, Luís Assunção, à frente de sua Escola de Samba Lauro Maia, lança o samba *Adeus, Praia de Iracema*:

### *ADEUS, PRAIA DE IRACEMA*

*Adeus, adeus...  
Só o nome ficou...  
Adeus Praia de Iracema  
Praia dos Amores  
Que o mar carregou*

*Quando a lua te procura  
Também sente saudade  
De tudo que passou  
De um casal apaixonado  
Entre beijos, abraçado  
Que tanta coisa jurou  
Mas a causa do fracasso  
Foi o mar enciumado  
Que da praia se vingou*

Naquela ocasião, houve apenas uma precária gravação da música, em acetato, nos estúdios da Rádio PRE-9<sup>67</sup>, o que não obstou seu grande sucesso e a sua posterior adoção como uma espécie de "hino" da Praia de Iracema, consagrando-a como a "Praia dos Amores".

As canções fazem um relato poético da destruição da praia, apresentando elementos em comum: falam de casos de amor e do ciúme ou ira do mar. Reforçava-se, assim, no imaginário coletivo, a visão idílica, romanceada, daquele lugar. Nesse sentido, o baião de Humberto Teixeira, já consagrado nacionalmente como compositor, e a destacada reportagem da revista que, na ocasião, era a de maior circulação no país, apresentaram-se como instâncias autorizadas a legitimar aquela que teria sido "a mais bela praia do Brasil".

#### *Um Símbolo da Terra Cearense*

Como já foi visto, a destruição da faixa de praia importou em mudanças e no abandono de muitas das funções que o bairro abrigava, apesar da permanência nas lembranças, vinte anos depois, como um lugar idealizado, como ilustra uma matéria jornalística de meados dos anos 60. Com o título "Praia de Iracema pode voltar à plenitude dos Velhos Tempos"<sup>68</sup>, o texto trata das obras de implantação da Avenida Beira-Mar e de um plano do 6º Distrito de Portos e Vias Navegáveis para recuperação da faixa de areia daquela praia destruída:

*"E passou a simbolizar, por força de sua presença na música e na literatura, os mares bravios cor de esmeralda e o litoral de dunas alvinhentas e brisa com mãos de pluma. E, mais que tudo isso, a beleza. Porque o seu nome já sugeria a graça da mulher cearense, rediviva Iracema que se espreguiçava em suas areias. Inseriu-se na vida da cidade e, por muito tempo, constituiu-se num de seus elementos de atração. Nenhum intelectual que se desse a respeito deixaria de dedicar-lhe um soneto, um poema, uma crônica, ou uma reportagem reveladora do seu encanto."*

*Mas, se tudo passa sobre a terra, como escreveu o criador de Iracema, a praia que tomou o nome da heroína romanesca também passou. Passou no tempo e no espaço como o local preferido para as tertúlias dominicais de eugenia, de banho de sol sobre a areia morna, de cajus-amigos em heráldicos botecos".*

<sup>67</sup> Informação fornecida por Cristiano Câmara, colecionador e estudioso da música popular brasileira.

<sup>68</sup> Moraes Né. Jornal O Povo, 11 de abril de 1966.

Antecedendo a apresentação de detalhes técnicos do projeto, o texto faz referência aos versos do samba de Luís Assunção, aludindo ao "desaparecimento (...) da tradicional Praia de Iracema". A defesa de sua reconstituição apoia-se na afirmação de que a Praia de Iracema teria sido um local de forte referência simbólica para a cidade, sobretudo devido à produção de narrativas a seu respeito. Com esse argumento, enfatiza-se o papel de um grupo social, os intelectuais, como mentores da tessitura de uma determinada memória sobre a praia. A menção às palavras que encerram o romance homônimo, de José de Alencar, vêm, mais uma vez, tentar referendar uma invenção, qual seja a de que a "rediviva Iracema se espreguiçava em suas areias", contribuindo para acentuar as fabulações sobre o lugar. Após a argumentação sobre a importância que tivera a praia para a cidade, há a defesa de sua reconstrução:

*"As obras de proteção da Av. Beira-Mar não deverão significar o fim da Praia de Iracema, mas, ao contrário, podem e devem restituí-la aos banhistas, na exuberante plenitude dos velhos tempos, que fizeram desse recanto histórico de Fortaleza, um cartão de visitas da cidade".*

*"(...)A Praia de Iracema porventura [é] o nosso logradouro mais característico, em termos históricos, e, por via de consequência, o mais promocional em termos turísticos.*

*Praia do Peixe, onde aportavam as jangadas; Praia do Grauçá, com nome emprestado de marisco regional; e, finalmente, Praia de Iracema, como lhe chamou a nossa primeira cronista social, D. Adília de Albuquerque e como a denominamos até hoje – essa praia é um capítulo vivo da história da cidade, testemunha de ocorrências românticas e atos de bravura e não deve, por isso mesmo, ficar à margem do zelo municipal".*

Na narrativa, argumenta-se que o valor histórico da Praia de Iracema estaria arrimado em "ocorrências românticas e atos de bravura", referendando a afirmação de Conrjerton (1993:17) de que "a prática de reconstituição histórica (...) pode receber, de formas importantes, um impulso orientador da memória dos grupos sociais, e pode, por sua vez, dar-lhe um contorno significativo". Assim, aspectos de memórias individuais e das narrativas elaboradas sobre a Praia de Iracema como a "praia dos amores" são afirmados fatos históricos, como o foram os referidos "atos de bravura", certamente uma alusão à perigosa lida diária dos pescadores ou à já referida viagem que alguns deles fizeram ao Rio de Janeiro, em 1941, em precárias embarcações.

Quanto à defesa da reconstituição da praia, o mesmo pleito já havia sido feito duas décadas antes, conforme referido. Mais de 50 anos depois, ressurgiria idéia similar. No final da década de 1990 o projeto do aterro de 1Km de praia,

implantado no ano 2000, apelou para argumentos da mesma natureza, qual seja a de recuperar a "exuberante plenitude dos velhos tempos". Nesse sentido, são ilustrativos alguns dos comentários dos componentes da mesa que presidiu a audiência pública, promovida pela Prefeitura Municipal de Fortaleza, que discutiu o Projeto de Proteção e Regeneração das Praias de Iracema e Meireles, ocorrida em 22 de fevereiro daquele ano. Na ocasião, um dos integrantes da referida mesa afirmou que era "um saudosista com visão de futuro [ que queria ] ver outra vez sua bela Praia de Iracema". Referendando o comentário, foi dito, por outro componente, que "pessoas da alta sociedade passeavam lá". Finalmente, numa tentativa de justificar a larga faixa de praia onde nenhum uso estava sendo proposto, aliado ao descaso para com o restante da orla marítima, ainda foi dito que, na cidade, deve haver "uma praia onde possa acontecer tudo e outra em que não pode nada".

*"Um Ligeiro Perfume de Passado..."*

*"Aquele mar que vemos nos dá sempre saudade daquele que não veremos nunca."*

*Fernando Pessoa*

Caracteriza-se, assim, desde a destruição daquele espaço, o apego a uma fantasiosa época de ouro, construída por narrativas, que, revelando sempre a mesma interpretação dos fatos, atribuíram à Praia de Iracema a condição de um espaço edênico, um paraíso perdido, que, além do mar, o tempo carregou<sup>69</sup>. Ao afirmar que um de seus encantos era "um ligeiro perfume de passado"<sup>70</sup>, um assíduo frequentador do bairro, nas décadas de 1970 e 1980, traduziu, de forma lírica, uma das principais características das narrativas sobre aquele território: uma certa nostalgia, um desejo de se tentar recuperar o passado. Além desse aspecto, as matérias jornalísticas daquelas décadas e, até mesmo, da década de 1990, quando já eram profundas as mudanças nos usos e ocupação do bairro, mantêm os elementos que o qualificaram como bucólico e poético, como ilustram alguns trechos de matérias jornalísticas:

<sup>69</sup> Artur Eduardo Benevides, Mário Linhares e Otacílio de Azevedo figuram, entre os muitos outros de sua geração que dedicaram poemas ao lugar.

<sup>70</sup> Entrevista concedida à autora em 09.03.99.

*"A partir de uma igrejinha singela onde as famílias se encontram com Deus, aos domingos, tudo é poesia a semana toda"(...)Uma praia feliz, de qualquer forma, a praia do Lido, onde os mais líricos e românticos ainda se detêm para a curtição de uma saudade, recordações da velha Praia de Iracema de quantas e tantas tradições, todas afogadas nos "verdes mares bravios".*

*(Jornal O Povo, 18 de junho de 1978. Praia do Lido, um recanto alegre.)*

*"Desde o início do século a Praia de Iracema já era fonte de inspiração cultural. (...). O tempo não apaga a magia deslumbrante do lugar, conhecida também como praia dos amores."*

*(Jornal O Povo, Caderno Sábado, 3 de junho de 1995)*

Quando a especulação imobiliária começa a chegar ao bairro, diante da ameaça de transformações daquele quadro espacial, torna-se freqüente a menção de outros atributos, que vêm somar-se ao discurso saudosista, a exemplo de "bairro típico" ou "tradicional". Em 1981, sobre uma deliberação do Conselho de Desenvolvimento Urbano de preservar o bairro, um texto jornalístico informa: "(...) Enfim, a Praia de Iracema será preservada. O bairro mais típico da cidade ficará como um documento vivo do passado"<sup>71</sup>. São diversas as peças discursivas com esse teor, persistindo na década seguinte, como o suplemento "O Povo nos Bairros", do jornal homônimo, cuja primeira edição tratou do "aniversário" da Praia de Iracema: "A Praia de Iracema, mais tradicional bairro de Fortaleza, comemora, amanhã, 67 anos"<sup>72</sup>. Nesse sentido, são, também, ilustrativos os textos de Márcia Gurgel e Tarcísio Matos:

*"Em meio à quietude, a Praia de Iracema se derrama em saudade e revela, na paz do silêncio de suas ruelas, o passado da cidade. O bairro, o menor e mais típico de Fortaleza, sofre também a ameaça da especulação imobiliária (...) Afinal, aos construtores importa muito mais o lucro do que manter a tradição (...) A Praia de Iracema é um pedaço vivo do passado. (...) As ruas transbordam poesia, falam do passado, contam cenas de amor e saudade. (...) Humanizar significa exatamente conservar a poesia do bairro, a mais típica área de Fortaleza"*

*(Gurgel, Márcia. Depois do mar, a voragem da especulação imobiliária. Jornal O Povo, 26 de maio de 1980)*

*"Bem verdade que sua tradição e história, na resistência poética de seus cantores, fazem-na sempre bela. Mesmo distorcida no biotipo, Iracema guarda na essência segredos intransponíveis."*

*(Matos, Tarcísio. Iracema resiste como praia só no nome. Jornal O Povo, 29 de dezembro de 1991)*

O tom saudosista não se restringe aos atores sociais contemporâneos do período tido como a época áurea do bairro; ele também permeia o discurso dos

<sup>71</sup> Jornal O Povo, 28 de maio de 1981. Praia de Iracema será preservada.

<sup>72</sup> Jornal O Povo, 22 de maio de 1992.

que não vivenciaram historicamente os fatos constantes das narrativas, remetendo ao já referido aspecto da memória, analisado por Halbwachs (1990), como uma reconstrução a partir de dados reais e imaginários.

Como foi visto, os discursos sobre a "tradição" do bairro remontam à época da mudança de sua denominação. Com a adoção do nome de Iracema (vocábulo inventado por José de Alencar), personagem tornada "tradição cheia de poesia e de sentimento", se inaugura uma nova imagem do local, associada, principalmente, a grupos sociais melhor aquinhoados financeira ou intelectualmente - ricos, artistas, intelectuais. Conforme análise feita anteriormente, a nova "tradição" (Hobsbawn, 1984), constituiu-se com base na fruição do lugar sob a perspectiva daqueles grupos, ou seja: um espaço não voltado, preferencialmente, para residência permanente ou para o labor, mas sim vinculado à ruptura do cotidiano, ao lazer. Encobrendo a presença da população que já habitava a praia, as narrativas passaram a cantar a Praia de Iracema como um território idílico, um tanto exótico, bucólico, um "cenário de romances". As características de bairro típico ou tradicional, sugeridas pelos textos jornalísticos acima referidos decorreriam, certamente, dessas qualidades.

Esse discurso, que parece ser consensual e "neuro", permite entrever, ainda que de forma velada, aspectos de um conflito "mudo". A tradição que se consagrou, forjada nas primeiras décadas do século passado, enfatizando características lúdicas, contrapunha-se aos aspectos da cotidianidade dos que habitavam e trabalhavam no bairro. A própria natureza dos argumentos das narrativas (beleza, lirismo, etc) ameniza as relações de poder, que parecem não existir. A construção do simbolismo da Praia de Iracema, arrimada naquela tradição, está, pois, vinculada, a grupos que sempre dispuseram "dos meios econômicos e intelectuais, tempo de trabalho e de ócio, para imprimir (...) maior qualidade e refinamento" àquele território. (Canclini, 1994: 97).

### **3.3. Território Livre de Iracema ( "República Independente de Ipanema?")**

As narrativas sobre a Praia de Iracema prosseguiriam apresentando elementos que reforçavam seu estatuto de um lugar "especial", renovando sempre a "vocação mítica" daquele espaço. No final da década de 1960, a referência que a ela se faz numa canção revela tal aspecto: trata-se de *Tropicália*,

composta, em 1968, pelo cantor e compositor baiano Caetano Veloso, a qual alcançou significativa repercussão, tanto no meio intelectualizado quanto no ambiente de música popular, da qual abaixo se apresenta uma estrofe:

*"(...)No pulso esquerdo bang-bang  
Em suas veias corre muito pouco sangue  
Mas seu coração balança a um samba de tamborim  
Emite acordes dissonantes  
pelos cinco mil alto-falantes  
Senhora e senhores ele põe os olhos grandes  
Sobre mim  
Viva Iracema-ma-ma  
Viva Ipanema-ma-ma-ma-ma(...)"*

Segundo o próprio autor, aquela composição buscava traçar um esboço de aspectos da cultura brasileira ( seria uma "alegoria"), conforme seu depoimento (Veloso, 1997:184 a 187):

*"Pensando num velho samba de Noel Rosa chamado "Coisas nossas", que enumerava cenas, personagens típicos e características culturais da vida brasileira (...) imaginei uma canção que tivesse temática e estrutura semelhantes, (...)e valesse por um retrato em movimento do Brasil de então. (...) Imaginei colocar lado a lado imagens, idéias e entidades reveladoras da tragicomédia Brasil, da aventura a um tempo frustra(sic) e reluzente de ser brasileiro (...), tudo teria lugar ali – as palavras encontravam rimas; as idéias, contrastes e analogias; as imagens, espelhos, lentes e ângulos insuspeitados.(...) cada refrão tinha sua constelação de sugestões ou referências.(...)  
Depois, o par "Iracema" (...) e "Ipanema"(...) aproxima as duas praias, uma do Rio e a outra do Ceará, e as duas figuras femininas, uma do século XIX, outra do século XX, uma índia, outra branca, uma dando nome a uma praia (a praia de Iracema, em Fortaleza, foi assim batizada em homenagem à personagem de Alencar), outra tomando de uma praia seu nome (a garota de Jobim e Moraes é uma homenagem deles a Ipanema)."*

Assim, ao lado de "cenas, personagens típicos e características culturais da vida brasileira" citados na canção ( carnaval, planalto central, bossa, verde mata, luar do sertão, mulata, coqueiro, Amaralina, Bahia, Carmem Miranda, etc) figura a praia cearense, alçada, na perspectiva do universo simbólico da canção, a um componente revelador da " tragicomédia Brasil". Se, como afirma Caetano Veloso, "cada refrão tinha sua constelação de sugestões ou referências", a expressão "Viva Iracema-ma-ma / Viva Ipanema-ma-ma-ma-ma" remete a analogias entre as duas praias, certamente em decorrência de serem ambas revestidas de uma certa mitologia: a primeira, consagrada como a bela e poética praia destruída; a segunda, a " Ipanema boêmia, excêntrica e criativa, que, na década de 1960, se tornaria a 'Ipanema' oficial" (Castro,1999:277). O par Iracema/Ipanema remete, ainda, para a abordagem de outros aspectos que se

revelariam na década seguinte, vinculados à idéia de espaços de contracultura e/ou resistência política.

*"Viva Ipanema/ Viva Iracema"*

*"Baixo Iracema, Alto Astral...Inteligente, descontraída, participante, ligeiramente permissiva ...como definir melhor este pedaço da cidade que tem o doce mistério de nunca envelhecer?"*

*(Jornal O Povo, 19 de junho de 1988. Baixo Iracema, Alto Astral)*

Durante toda a década de 1970 e início da década de 1990, alguns locais da Praia de Iracema, principalmente o Restaurante Estoril e a ponte velha ("a ponte para o céu"), começaram a se constituir em ponto de encontros de grupos pertencentes a setores médios da população fortalezense, poucos residentes no bairro, a maioria de formação universitária, ou ligados ao universo artístico-cultural local (FIG.71 e 72):

*"(...)E por todos os anos 70, muitos nos encontrávamos quase que diariamente no Estoril para um bate-papo meio marginal e indignado, diante da total falta de perspectiva política em que o país estava afundado..."(Maia, 1995:69)*

Corriam os anos de acirramento da ditadura militar, correspondentes ao período iniciado com a promulgação do Ato Institucional Nº 5, que se estenderia até o ano de 1979. Nessa época, a cidade apresentava uma fértil produção cultural:

*"No movimento teatral surgiu em 1973 o GRITA, (...) com uma proposta inovadora de teatro popular. No cenário musical, o chamado "Pessoal do Ceará" vinha, desde o fim dos anos 60, revelando artistas cearenses no cenário nacional(...) A imprensa cultural viu surgir alguns jornais e revistas(...) Nas artes plásticas, a Casa de Cultura Raimundo Cela (...) impulsionava uma nova geração de artistas".(BARBALHO,2000:37).*

Nesse contexto, alguns locais do bairro foram eleitos, por integrantes desse grupo, como ponto de encontros. "A Praia de Iracema era uma Roma afetiva, todos os caminhos desaguavam lá...", "O Estoril era espécie de Meca noturna", recordam protagonistas daqueles tempos:

*"Era época da Bossa Nova, Poesia Concreta, Cinema Novo e a Praia de Iracema passou a ser espontaneamente ponto de encontro de intelectuais e artistas e o Estoril era o quartel general desse movimento. Violões, poetas...De repente, veio o golpe militar de 64 e o Estoril passou a ser espécie de local onde se estava*

*protegido(...). Parece que a repressão não tinha a coragem de entrar no Estoril. Era um lugar assim um pouco sagrado...*<sup>73</sup>

Muitos dos que passaram a vir ao Estoril eram egressos do bar "O Anísio", situado na avenida Beira-Mar, afamado por sua clientela de artistas e intelectuais. "O Anísio foi o principal local de encontro da cultura cearense" afirmou Luciano Maia, numa matéria jornalística intitulada "O Anísio: a História afetiva de uma geração", que anunciava o fechamento do estabelecimento<sup>74</sup>. Acorados, depois, no bar da Praia de Iracema, passaram a fazê-lo palco seja de veladas discussões de cunho político, seja de contestação dos costumes e da cultura ou seja simplesmente das possibilidades da vida noturna: bebida, violão, namoros. Em razão dos novos usos que passa a abrigar, aquele espaço passou a ser classificado, por alguns setores da sociedade fortalezense, como "local de comunistas, maconheiros e intelectuais cachaceiros", conforme depoimento de um dos entrevistados da pesquisa.

O bairro passa a ser tema de significativa produção artística, a exemplo dos escritos de Luciano Maia, Airton Monte e Rogaciano Leite Filho; da pintura de Hélio Rola; dos desenhos de Alano Freitas e Audifax Rios. O fato de se constituírem em grupo "formador de opinião" – proveniente da classe média, de formação universitária – contribuiu para que suas vivências no bairro passassem a lhe emprestar uma certa "identidade", conferindo-lhe atributos de "cenário lítero-etílico-cultural da noite de Fortaleza", "referencial artístico e político", além de fortalecer a imagem já existente daquele território como "reduto poético e boêmio", "local bucólico e sentimental", "musa inspiradora"<sup>75</sup>, como ilustra o depoimento de Paulo Linhares, à época em que era o secretário estadual de cultura<sup>76</sup>:

*"A Praia de Iracema tem essa característica, na nossa cidade, que ela se constituiu num espaço social, afetivo, das pessoas que sonham, que pensam, que escrevem, que pintam. (...) No início, (...) esse pedaço era um pedaço de veraneio, (...) era a segunda casa de quem tinha uma casa principal e essa era a casa de*

<sup>73</sup> Entrevista concedida à autora por pessoa ligada ao universo boêmio-intelectual da Praia de Iracema, em maio de 2000.

<sup>74</sup> *Jornal O Povo*, 06 de janeiro de 1985.

<sup>75</sup> Expressões coletadas em pesquisas no arquivo do jornal O POVO, em matérias sobre a Praia de Iracema.

<sup>76</sup> Iracema – Praia dos Amores. (Roteiro de Dulcinéa Gil. Direção de Produção de Beatriz Furtado. Direção Geral de Nilton Melo Almeida). Fortaleza, TV Ceará Canal 5, 1994.

veraneio. Então, fatalmente, acabou ficando uma coisa, de certa forma, bucólica, preservada, com a característica que a gente conhece hoje.

Num segundo momento, os artistas, os pintores vieram para aqui. Vieram, já na década de 70, atraídos pelo Estoril, que era antigo cassino dos americanos e que posteriormente se transformou em bar boêmio, e depois, na época da ditadura, num foco de resistência, de intelectuais, de pensadores. A partir daí, solidificou-se a Praia de Iracema como espaço social do pensamento, da inteligência da cidade".<sup>77</sup>

Na mesma direção aponta o pensamento de um integrante do grupo a que se refere Paulo Linhares, que identifica a Praia de Iracema como o lugar da *intelligentsia* da cidade:

*"Foi uma coisa enriquecedora aquele espaço acolá, importantíssimo para a cultura cearense, de certo modo. De certo modo não, lato sensu. Não concordo que a Praia de Iracema representava o pensamento de um grupinho. Naquele momento, estávamos antenados com tudo. Não tinha era gente morando na Praia de Iracema, diferente de Ipanema."*

A comparação com Ipanema sugere qualificar a Praia de Iracema com os mesmos elementos que caracterizaram a praia carioca àquela época: num contexto de repressão política e de rigorosa censura, a Praia de Ipanema passou a ser identificada como um espaço de "contravenção", congregando grupos sociais vinculados, principalmente, a diferentes áreas da arte e da cultura. Vale lembrar que, nas décadas de 1960 e 1970, ocorreu "o apogeu da Esquerda Festiva, da qual o Pasquim era um alegre porta-voz, e do mito de Ipanema, de que ele foi o grande estimulador" (Castro,2000:282). Segundo o autor, a expressão "esquerda festiva", criada, em 1963, pelo jornalista Carlos Leonam, designava "uma esquerda que não se julgava triste e que, mesmo quando as coisas estavam pretas, assumia seu amor a festas e rega-bofes" (Castro,2000:118). Ruy Castro sugere, ainda, que "a Festiva pode ter sido até uma contribuição original de Ipanema à esquerda mundial: mantinha acesa a chama revolucionária e, ao mesmo tempo, aplacava os ânimos mais exaltados que queriam partir para soluções armadas" (Castro,2000:118).

No início da década de 1970, um ponto da praia carioca, conhecido como Pier, foi, por excelência, o local desse espírito de "rebeldia", uma

---

<sup>77</sup> Transcrito de **Iracema – Praia dos Amores**. ( Filme em VHS, com roteiro de Dulcinéa Gil. Direção de Produção de Beatriz Furtado. Direção Geral de Nilton Melo Almeida). Fortaleza, TV Ceará Canal 5, 1994.

espécie de cenário privilegiado onde vicejavam idéias oriundas do movimento de contracultura<sup>78</sup>:

*"Durante três verões, até 1973, o Pier foi a liberdade no poder. Sexo, drogas, comportamento, vestuário, comprimento do cabelo, tudo era liberado. Era uma "república independente" nos piores tempos do regime militar: os anos Médici. Ao contrário do resto do país, que vivia sob a mais angustiante mordada de sua história (...) no perímetro do Pier só era proibido proibir. (...) Não era uma praia, era uma atitude." (Castro, 2000:297)*

O comentário que Heloisa B. de Hollanda e Marcos Gonçalves (apud Barbalho (2000:19) fazem sobre o o Tropicalismo é ilustrativo dos elementos que compunham o universo simbólico produzido em Ipanema: " (...) o foco da preocupação política foi deslocado da área da Revolução Social para o eixo da rebeldia, da intervenção localizada, da política concebida enquanto problemática cotidiana, ligada à vida, ao corpo, ao desejo, à cultura em sentido amplo".

Segundo Ruy Castro (2000:11), esse caráter transgressor do Pier fora apenas mais uma das "revoluções no comportamento, na moda, nas artes plásticas, no cinema, na música popular (...)" surgidas no bairro ao longo de sua história: "Ipanema mudou o jeito de o brasileiro escrever, falar, vestir-se ( ou despir-se ) e, talvez, até de pensar." Castro afirma que do grande "caldo cultural" decorrente da "convivência democrática de gente de todos os níveis" surgiu, nos anos 50 e 60, a " 'República de Ipanema' – uma província habitada por cosmopolitas e uma moderna Shangri-lá à beira-mar (...)", que perdurou até os primeiros anos da década de 1970 do século passado, quando a especulação imobiliária chegou ao bairro (Castro, 200:12 e 13). Enfatizando a crítica aos costumes e a contribuição a muitos aspectos da cultura brasileira, o autor defende que " de 1910 (...) até mais ou menos princípios dos anos 70, quando, segundo o consenso, encerrou-se o ciclo da

<sup>78</sup> "O movimento contracultural surgiu na década de 60 enquanto manifestação basicamente da juventude.(...) Vale salientar que a vanguarda dessa rebelião não representava os despossuídos ou o proletariado, mas a juventude das classes médias européia e americana. "(Barbalho,2000:17 e 18) . Alexandre Barbalho (2000:18)destaca duas linhas principais, mas não excludentes, naquele movimento: " Nos EUA, assumiu uma forma mais comportamental. A busca de novas relações com o mundo através do sexo, das drogas, do misticismo, no contato com a natureza, nas sociedades alternativas. Na Europa, teve uma face mais intelectual, acadêmica. Fazia uma crítica radical às tradicionais concepções de esquerda, surgindo daí a "Nova Esquerda". Além de mudanças comportamentais de parte significativa da juventude, Barbalho (2000:19 e 26) destaca o Tropicalismo e parte da produção artística dos anos 70 como acontecimentos decorrentes, no Brasil, daquele movimento.

'Ipanema clássica', nenhum outro bairro no Brasil teve uma tradição cultural tão rica ou de vanguarda".

O fato de ter se constituído em território com características boêmias, habitado e freqüentado por artistas e intelectuais, ensejou a mitificação que se percebe na aludida "Shangri-lá" de Ruy Castro. Apesar de inserida em estrutura urbana e social diversa, esse aspecto explica a comparação da Praia de Iracema com Ipanema, da mesma forma que já fora chamada, na década de 1920, em razão de outros atributos, de "Copacabana aldeota". Um entrevistado destaca esse aspecto "glamouroso" que credita ao bairro:

*"No fundo, cada intelectual, cada um de nós é culpado pela valorização da Praia de Iracema. Aconteceu igual a Ipanema. Culpados porque demos um certo charme ao bairro, demos tanto charme ao bairro, até um charme que ele não tinha... Todos os intelectuais, todas as canções que foram feitas, todo esse movimento boêmio-político-cultural que houve no Estoril, na Praia de Iracema, acabou dando um certo charme ao bairro e começou a atrair a especulação imobiliária. A gente é culpado por isso..."*

#### *Iracemitas e Estorilenses*

Alguns depoimentos de pessoas que eram identificadas como "estorilenses" ou "iracemitas" revelam diferentes matizes daquele grupo de intelectuais, ora enfatizando idéias de contestação dos costumes, ora realçando seu perfil politizado<sup>79</sup> :

*"Éramos filhos da burguesia, mas não queríamos ser burgueses. O mundo se dividia entre politizados e alienados (...) A Praia de Iracema era a negação da burguesia. Era o "anti-Náutico", o "anti-ideal", o "anti-baile de debutantes".*

*"Quem vivenciou esse período sabe (...) Em função da ausência de outros locais, o Estoril acolheu toda essa corriola. (...) As pessoas interessantes estavam lá. O Estoril abrigou essas pessoas todas, porque além do interesse natural pelo que acontecia na cidade, shows, boemia etc, constituía-se de um grupo saído da universidade (...) foi o período dos anos de chumbo (...) Havia ideário comum. A consolidação do Estoril como local de encontro tem também essa raiz ideológica. Um grupo enorme de professores, universitários, pessoas que saíam da universidade se abrigavam num lugar porque sabiam que estavam todos juntos."*

<sup>79</sup> Entrevistas concedidas à autora em março de 1999 e maio de 2000.

A utilização de termos como "iracemitas" e "estorilenses" define a existência de um grupo. Nesse sentido, é ilustrativo o livro "Estoril", de autoria de Luciano Maia (1995), que traça, como afirma Christiano Câmara, na apresentação, um "perfil sentimental" do edifício homônimo, evocando "muitas peripécias, transações, encontros, eventos e acontecimentos" envolvendo as diferentes gerações que por lá passaram (Maia,1995:32). O relato "costura" as histórias dos antigos freqüentadores e dos mais jovens, contemporâneos do autor, pois, como afirmou um entrevistado, "houve junção da nossa geração universitária, politizada, e que começou a conviver com esses seresteiros. Tanto é que, a partir disso, a nossa voz era a da música". Assim, os intelectuais apenas dão continuidade e reforçam a memória que vinha sendo construída da Praia de Iracema: primeiro, "romantismo"; depois, boêmia e, por fim, "rebeldia". Não há conflito de discursos, pois, oriundos do mesmo grupamento social - setores de classe média, de perfil intelectualizado e/ou artístico - partilhavam, antigos e novos boêmios, muitas práticas e valores comuns. Luciano Maia (1995:43) expõe as razões que o levaram a escrever o livro:

*"Pois bem, (...) comentei com alguns amigos sobre a idéia de homenagear o Estoril com o registro dessas lembranças. Afinal, é nossa própria história, não é verdade? A memória da cidade, não é verdade? Todos concordaram. E muita gente se juntou a mim neste projeto".*

A valorização das vivências dos "iracemitas" também pode ser percebida na fala de um entrevistado, quando, reportando-se àquele movimento "boêmio-artístico-cultural" e lamentando as transformações no uso do espaço do bairro, queixa-se da falta de memória dos "turistas da noite", que sucederam os antigos boêmios, sobretudo na década de 1990:

*"Quem freqüenta a Praia de Iracema hoje não tem a lembrança do que significou aquele espaço, não tem o significado histórico de todos os movimentos culturais que passaram por ali (...) Calçada, multidão, bicicleta, patins, cachorro, pit-bull, aquela mixórdia que empobreceu. E o que mais me dói é que essas pessoas não têm memória daquilo."*

Um aspecto da memória social refere-se à competência que têm alguns grupos sociais, integrados por artistas e intelectuais e/ou setores econômica ou politicamente dominantes, em registrar seu passado, tornando-o "memorável", digno de ser recordado, pois, ao contrário de grupos populares, têm

a "noção de origens legitimadoras" (Connerton, 1993:23 e 24)<sup>80</sup>. A necessidade desse registro revela-se, segundo Halbwachs (1990), com a dispersão do grupo que a mantém. Como foi visto, o autor ensina que a memória coletiva é um acervo de lembranças socialmente construídas e referenciadas a um grupo. Há, portanto, muitas memórias coletivas: "(...) Não existe memória universal. Toda a memória coletiva tem por suporte um grupo limitado no espaço e no tempo"(1990:86). Assim, a memória coletiva é uma memória viva, dinâmica, como são os grupos. No momento em que o grupo deixa de existir enquanto "comunidade afetiva", impõe-se registrar sua memória:

*"Quando a memória de uma seqüência de acontecimentos não tem mais por suporte um grupo, aquela mesmo em que esteve engajada (...), quando ela se dispersa por entre alguns espíritos individuais, perdidos em novas sociedades para as quais esses fatos não interessam mais porque são decididamente exteriores, então o único meio de salvar tais lembranças é fixá-las por escrito (...)" (Halbwachs, 1990:80).*

No que se refere à Praia de Iracema, há uma peça discursiva que permite perceber esse aspecto do esfacelamento da memória referido por Halbwachs. Trata-se do "Manifesto em Defesa da Praia de Iracema"<sup>81</sup>, subscrito, principalmente, por artistas e intelectuais, em 1984. A transcrição de grande parte do documento justifica-se pela necessidade de se perceber, a partir da visão do conjunto, a "atmosfera" que permeia o texto:

*"Praia de Iracema. Ruas quietas. Ruas calmas com esta vaga pacificação de subúrbios que acalma o coração da gente.  
Praia de Iracema. Pouco a pouco desfigurada, sua face modificada, violentada pela incompreensão, pela insensibilidade e pela ganância dos homens.  
Até quando seremos olímpicamente indiferentes aos nossos mais significativos monumentos? Até quando permitiremos esta continuada destruição de nossa memória coletiva?"*

<sup>80</sup> São exemplos dessa prática os livros de memórias 'Ela é Carioca', de Ruy Castro, anteriormente citado e, no contexto fortalezense, 'Sábado, Estação de Viver', de autoria de Juarez Leitão. No primeiro, traçando perfis dos protagonistas do que teria sido a tradição de vanguarda de Ipanema, o autor afirma sua convicção na grande influência que tiveram em aspectos diversos do comportamento e da cultura nacionais. Quanto ao segundo, ao se propor a contar a história boêmia de Fortaleza, o autor objetiva, em última instância, incluir nesse enredo um grupo de pessoas, realçando facetas das suas biografias.

<sup>81</sup> Na definição de Norberto Bobbio, o manifesto é a "forma típica de protesto dos intelectuais, do mesmo modo que a greve é a forma típica do protesto operário"(1993:57). Tendo como tema central, em última instância, a questão da violência na história, contra a qual se volta, um manifesto de intelectuais, entretanto, revela, como afirma o autor, sua ineficácia em razão da desproporção entre este instrumento e o fim a que se propõe, resultando, geralmente, apenas numa "declaração de boas intenções"(Bobbio, 1993:60).

*A Praia de Iracema nunca foi e nunca será um problema sentimental de pequenos grupos românticos de intelectuais, artistas e outros animais de nossa flora e fauna boêmia. A desfiguração da Praia de Iracema é um problema de todo o povo cearense, no sentido de que ela guarda, em suas ruas estreitas e pacatas, o retrato de uma Fortaleza antiga que está sendo assassinada dia-a-dia pelos donos da vida e do mundo. (...)*

*A Ponte Velha é o símbolo mais cruel de nossa lentamente assassinada memória histórica. De repente, quando abrimos os olhos para a importância de nossas lembranças nada mais existirá para ver e cuidar.(...)*

*Iracema querida, estás morrendo como um doente anestesiado sobre o leito. Foste ferida, apunhalada na calada da noite, atraçoada, vendida, leiloadada, repartida em lotes, transformada num simplório balneário de grã-finos. E só poderemos te curtir aos pedacinhos, homeopaticamente, e quem sabe não pagaremos pedágio aos donos do mundo por ti: meia hora de Estoril, cinco minutos de mar, dez mil cruzeiros de lua, dois mil de areia, um instantinho de luar. Ficarás ilhada, cercada, talvez se construam portões gigantescos em tua entrada e haveremos de pagar ingresso para te entrar, a ti que nos pertence como uma velha e confidente amiga, soberba namorada, lasciva amante, doce mãe salitrosa de tantos corações sonhadores e rebeldes. Onde estão as velhas canções? Os velhos marinheiros viajantes da tua noite, Iracema, meu amor? Onde estão teus moradores atuais, teus curtidores eventuais, teus habitantes temporários, teus adoradores circunstanciais nesta hora de agonia?*

*Ah, território livre de Iracema, ilha de liberdade onde as idéias mais diversas vagam pelo ar como pássaros brancos cortando o horizonte infinito de cada sonho vivido ou imaginado.*

*Fortaleza precisa de ti, Iracema, és necessária à sua identidade, para a fixação de suas raízes.(...)*

*Iracema, o tempo em ti custou a passar, congelou-se feito uma fotografia que nos permite resgatar a memória do que foste e do que fomos e da maneira como haveremos de ser.(...)*

*Ave, Iracema, marinha poesia dos nossos olhos. Sonho doce, agora talvez abortado como o sonho dos nossos filhos que não irão te ver como tu és hoje, lendária, feita de romances, prene de beleza, memória que nossos filhos não possuirão, de tão traídos."*

*Fortaleza, 01 de junho de 1984*

Uma primeira questão deve ser colocada: a afirmativa de que a Praia de Iracema "nunca foi e nunca será um problema sentimental de pequenos grupos românticos" parece ter no restante do manifesto a sua própria negação. Nesse texto, escrito com larga utilização de uma linguagem poética e metafórica, a natureza dos argumentos para a preservação do bairro deixa entrever o universo simbólico daqueles a quem aquele espaço "pertence como uma velha e confidente amiga, soberba namorada, lasciva amante, doce mãe salitrosa ...". O espírito onírico do "território livre de Iracema" surge, pois, quer na referida linguagem alegórica, remetendo às experiências lá vivenciadas por seus signatários, quer nas imagens espaciais citadas – a ponte velha, o Estoril. O

contraponto à hegemonia dessas impressões e imagens espaciais é a ausência de referências a aspectos e aos locais da cotidianidade dos moradores do bairro, que serão, mais adiante, citados neste texto.

Tendo como objetivo prestar solidariedade aos moradores do bairro e sensibilizar a população para luta pela sua preservação, o documento apresenta, entretanto, ausência de informações mais precisas para a consecução dos fins a que se propõe, emprestando maior relevo para o seu estatuto de peça literária, caracterizado por um discurso "fechado", afeto de maneira mais próxima a um "iracemista". Assim, o manifesto, mais do que uma conclamação, consiste num repositório de uma memória que define uma Praia de Iracema "lendária, farta de romances...". Nesse, conforme definiu Pierre Nora (1993), esse texto configura-se como um "lugar de memória".

Outro aspecto refere-se, como destaca Bobbio, à "pretensa função esclarecedora do intelectual" em sua condição de "protetor dos valores supremos": "a idéia mesma de um manifesto de intelectuais às autoridades políticas parte do pressuposto de que aquilo que os intelectuais pensam e dizem tem um valor exemplar, e, como tal, diretivo" (1993:61 e 62). Tal afirmação remete ao comentário de Cecilia Fonseca sobre o papel dos "homens de cultura" desde o Brasil colonial, que atuam como "porta-vozes das massas desprovidas de recursos para se organizarem politicamente, função que é legitimada por seu compromisso com a construção da nação e com a luta pela cidadania" (1997:9).

Nessa intenção de "iluminar a opinião pública", como definiu Bobbio, revela-se o papel dos intelectuais como "mediadores simbólicos" (Fonseca,1997:10), pela competência que têm em poder tornar consensuais, como afirma a autora, "valores relativos, atribuídos a partir de uma perspectiva e de um lugar no espaço social".

### **3.4. Outras Memórias**

"Não se pode falar de uma cultura, uma memória, um patrimônio. Trata-se do embate de forças (...)de questões da memória ou de memórias que foram vencidas ... Isso significa que a memória que se preserva ou aquela que é vencedora sempre encobre outras perspectivas e outros trabalhos de memória

que foram geralmente massacrados...". À luz das palavras de Dea Fenelon (1995:139) e considerando, como tenta mostrar este estudo, que há uma memória "vencedora" da Praia de Iracema, interessa, pois, desvendar a existência de outras memórias que se mantêm obscurecidas ao longo da história do bairro.

#### *Vozes da Praia do Peixe ( Ou Memórias Obscurecidas)*

*"Uma coisa que não é representada não é vista".  
Pedro Garoupa*

Caminhando pelo calçadão, próximo ao espigão defronte à Rua João Cordeiro, podem ser encontrados vestígios da antiga Praia do Peixe: alguns pequenos botes descansam na areia (FIG.68). Do outro lado da Rua Historiador Raimundo Girão, ainda habitam alguns dos antigos pescadores, ou seus filhos: João Bajana, Pedro Garoupa, Raimundo Poraquê, Orlando Coró, Batista Mero, Guaiuba. Das suas lembranças, surgem os nomes das jangadas: Jaraqui, Águia Feliz, Talismã, Faustina, Barra do Nordeste, Pau Pereira. Na fidelidade à tradição de serem apelidados com nomes de peixes ou na rememoração dos belos nomes das jangadas permanecem os ecos de uma memória esgarçada, quase perdida, a se apoiar no pequeno grupo remanescente.

A referência à Praia do Peixe surge, também, na fala de pessoas mais jovens. Uma usuária da "piscininha", que disse morar "perto da outra ponte", informou que, quando criança, costumava tomar banho de mar no local "onde dona Elisa fechou"<sup>82</sup>, lá onde era a Praia do Peixe". O filho de Pedro Garoupa, referindo-se àquela praia, tendo também usado a expressão "lá onde dona Elisa fechou", dá sua interpretação: "Quando o mar acabou com a Praia, os pescadores foram embora levando o nome...". Nessa explicação, há dois aspectos a considerar. Por um lado, a área do Poço da Draga efetivamente acolheu muitos dos que moravam e trabalhavam na velha Praia do Peixe. Mas pode-se afirmar que, nos ecos de uma memória que ainda ressoa, o simbolismo do nome de Praia de Iracema não tem guarida. Confirma-se, assim, que a mudança de denominação do lugar vincula-se estreitamente à visão dos grupos de elite.

<sup>82</sup> Trata-se de referência a Elisa Gradwol, proprietária da Inace, indústria naval instalada no Poço da Draga na segunda metade da década de 70.

Pedro Garoupa é um dos mais antigos moradores do bairro. Seu nome foi citado por Raimundo Poraquê, sapateiro, filho de Manuel Jacaré, como uma pessoa que tinha "muitas histórias para contar", sugerindo tratar-se de uma pessoa honorável na comunidade. No primeiro encontro, tivemos uma conversa informal, ocasião em que foi combinado que faríamos, no dia seguinte, um passeio pelas ruas do bairro.

Ao se apresentar, o velho morador da Praia do Peixe exibiu um pequeno texto que escreveu, contando um pouco de sua história:

*"Nasci em 1925 e cheguei na Praia do Peixe dois anos depois, trazido pela minha mãe Sinhá Garoupa (...) (que) passou a comercializar madeira de piúba e também jangadas. Ela foi a segunda mulher a fazer esse tipo de negócio".*

Embora nunca tenha trabalhado como pescador, recordou que "cantava a caninha verde" e que participava da "Dança do Fandango", da qual lembrou uma estrofe:

*"Sobe, sobe gajeiro  
Nessa marcha real  
A nau catarineta,  
tolina  
Vamos brincar no mar"<sup>83</sup>*

As referências de Pedro Garoupa sobre aspectos memoráveis da Praia de Iracema incluem alguns bem diversos daqueles mencionados pelos artistas, intelectuais, e boêmios iracemitas: "Dona Ricarda, a Rainha do Chá de Burro" que servia mungunzá com arroz doce, das cinco da tarde às cinco da manhã, no

<sup>83</sup> O Fandango consiste num auto com temática marítima, também conhecido como Marujada, Barca, Chegança de Marujos, Nau Catarineta. Segundo informação de Olga Paiva, a dança do Fandango, de larga difusão na costa cearense, era ainda praticada em Fortaleza, na Praia do Mucuripe, até o final dos anos 80. Ana Maria Kieffer (1999) explica as origens dessa representação popular: "A Marujada, Barca ou Nau Catarineta teatraliza, para muitos pesquisadores, a viagem empreendida pela nau Santo Antônio que zarpou do porto de Olinda, em 1565, levando para Portugal Jorge de Albuquerque Coelho, segundo filho do donatário da capitania de Pernambuco, e Bento Teixeira Pinto (...) Embora haja no relato de Bento Teixeira Pinto uma série de pontos em comum com a versão popular da Nau Catarineta, inclusive o episódio de canibalismo, esta mais nos parece uma síntese de muitas viagens, em diferentes tempos e lugares." A mesma autora apresenta a letra da cantiga "Romance da Nau Catarineta", que tem alguns versos em comum com aqueles citados acima:

*"Sobe, sobe meu gajeiro  
Meu gajeirinho real  
Vê se vê terras d'Espanha,  
Oh, tolina,  
Arelas de Portugal"*

local onde os pescadores "faziam suas merendas prediletas" – trecho em frente ao mar, onde atualmente encontra-se o Restaurante La Tratoria (FIG.59). Pedro Garoupa, numa "estranha prática arqueológica [foi] plotando (...) toda uma arquitetura imaginária" (Santos & Vogel, 1985:21). Apontando para um ponto do espigão, aproximadamente cem metros mar adentro, disse que ali fora o local de sua casa: "A nossa família morava no fim do paredão do Lido, que era onde ficava a baixa da praia". Sempre olhando para o mar, foi tentando localizar os antigos "botequins de madeira cobertos de palha" que lá havia: "o do Ricardo, o da Sinhá Garoupa, o do Seu Menuca e o do Seu Vicente". Percorrendo algumas ruas do morro, Pedro Garoupa foi cumprimentando conhecidos, parando aqui e acolá para uma breve conversa, enquanto revelava, tal como os velhos de Ecléa Bosi (1988), outros tempos presentes naquele espaço, identificando locais onde situavam-se o coqueiral da Maria Júlia, o sítio do Tancredo, as casas dos antigos moradores.

A sua fala parece mais revelar um tom saudoso, não demonstrando convicção sobre a importância que possam ter suas recordações. Em seu discurso, há, também, a incorporação de elementos de memórias afetas a outros grupos, que remontam à consagrada "época áurea" do bairro e que considera "coisa muito importante". Assim, citou o Restaurante Ramon, o clube do Fernando Pinto, "as primeiras famílias tradicionais que chegaram na Praia de Iracema". No aspecto de "absorver" outras memórias, a fala do entrevistado remete às reflexões de Nestor Canclini ao referir-se à "posição tibia ou vacilante" de grupos populares diante de sua cultura, "como se tivessem interiorizado a atitude desvalorizadora" que lhes dirigem grupos melhor aquinhoados intelectual ou financeiramente (1994:103). Mas indagado sobre o Estoril, Pedro Garoupa, revelando seu alheamento em relação às memórias que consagraram o mitificado edifício, o reduziu a aspectos de sua materialidade: "Era casa velha de taipa, minha senhora...".

*"Essas três ruas é uma lenda danada..."*

Apesar das grandes transformações sócio-espaciais em curso na Praia de Iracema há mais de duas décadas, subsistem aspectos que corroboram a afirmação de Halbwachs (1990) de que a memória é o que ainda pulsa na

consciência dos grupos. Uma dessas "reservas" da memória reside nas proximidades da Avenida Monsenhor Tabosa, assim definida por um antigo morador do local: "Essas três ruas é uma lenda danada...". Explicando-se, falou, inicialmente, dos nomes pelos quais eram designadas: Retiro do Bom Jesus, Altamira e Rua do Tancredo, que atualmente são as Ruas Atualpa Lima, Padre Justino e Dragão do Mar (FIG.5, 8, 37, 38, 39). Das recordações dos moradores mais velhos, emergem os dias de festa de Nossa Senhora da Saúde, a história do Onze Cearense (um time de futebol do bairro), a Escola de Samba Idealzinho. Maria Moreno lembra as festas de 1º de Maio "lá no Pedro Manchico". Ela chegou no bairro em 1935 "pra morar já nessa casa. Ainda nem existia a João Cordeiro; lá ficava a vacaria do finado João Carlos". Nenhuma referência é feita à Praia de Iracema "oficial", ou seja, boêmia, romântica ou "cultural".

Um aspecto que também avulta é a persistência dos vínculos de sociabilidade, apesar das mudanças no perfil sócio-econômico e físico-territorial do bairro. Nesse sentido, a Rua Padre Justino é bastante significativa. Ronaldo, um dos seus moradores, define o espírito de comunidade que ainda permanece: "A Praia de Iracema é um coração e a Padre Justino é uma artéria, uma veia muito importante (...) O mais importante é o povo. Se tiver um ai, tem um chá". O aspecto de solidariedade expresso em sua fala pode ser traduzido nas palavras de Magnavita (1995:154): "(...) um denso tecido de relações humanas, isto é, de parentesco e afetividades, propósitos, relações de trabalho, alegrias, sofrimentos e esperanças". Nesse sentido, parece simplista o comentário, anteriormente citado, sobre a "gente do morro", definida como "pessoas simples que dão valor a uma boa conversa na calçada, acompanhada de um joguinho de baralho" (ver item 3.1).

Percebem-se os laços existentes seja nesses aspectos da vida cotidiana, como ilustram as palavras de Ronaldo, seja num momento festivo, como a mobilização dos seus moradores para o "Forró da Pade", que lá acontece há vinte anos, no mês de junho. Numa visita feita à rua, no dia da festa, notava-se a mobilização coletiva em torno da montagem das barraquinhas, da ornamentação da via pública e de outros preparativos (FIG.40,41 e 42). À noite, a rua foi fechada para os carros, toda iluminada e repleta de bandeirinhas, cadeiras na calçada, o entra-e-sai das casas. O bar da esquina estava bem movimentado e, a poucos metros, no salão de beleza, ainda aberto àquela hora, as moças, com suas

roupas de dançar a quadrilha, faziam os últimos retoques no penteado. "Memória, festa, casa, rua, família, vida armavam um campo único de significados" (Santos,1986:63).

O depoimento de uma moradora do bairro, ex-integrante da Associação dos Moradores da Praia de Iracema à época da fundação da entidade, em meados da década de 1980, confirma a teia de relações existentes, ao mesmo tempo que indica diferentes visões do bairro e, em última instância do que pode ser considerado como patrimônio por uma comunidade, ou seja, os lugares em que habita sua memória:

*"Na Associação, o trabalho era muito mais aqui embaixo, Tabajaras, Potiguaras e até mais ou menos Tomás Lopes. Por mais que alcançasse a Padre Justino, não conseguíamos puxar (...) Mas o trabalho era mais aqui por conta da especulação. Era toda uma consciência por conta da invasão dos prédios (...) Quando começaram movimento no bairro, eles [ a comunidade do 'morro'] já estavam organizados de outra forma. Já faziam quadrilha, fechavam a rua (...) [Isso] nunca vai acabar. Até hoje, eles fecham a rua, fazem festa. Foi não foi...a Padre Justino existe por si só.(...) Aqui tinha uma classe média, o movimento daqui era de preservação da Praia de Iracema, discutir o zoneamento, o que deve ser construído, a densidade, era um grupo de pessoas de classe média. Infelizmente não eram setores populares (...) Nem o pessoal da Padre Justino e ou da Tomás Lopes participava ...Por incrível que pareça, o movimento de preservação na época era visto como coisa meio elitista..."*

Na rua e nos arredores, permanece, pois, uma memória ancorada em aspectos significativos de uma sociabilidade comunitária, "espaço de formação de sensibilidades e formação de sentido (...) articulando uma rede de intercâmbios que alimenta a cultura popular" (Paoli & Almeida,1996:190 e 191), revelando seu caráter pulsante, dinâmico, pois, como ensina Nora, "a memória é a vida, (...) em permanente evolução"(1993:9).

*"Memória Viva de Nossa Comunidade..."*

Fora dos limites oficiais do bairro, subsiste, esgueirando-se entre os muros de uma fábrica de óleos e de uma indústria naval, a favela do Poço da Draga, comunidade remanescente da vasta população de pescadores que habitava aquela área (FIG.7 e 8). Segundo dados de uma matéria jornalística de 1976<sup>84</sup>, a área abrigava, naquela época, milhares de pescadores vinculados à Federação

<sup>84</sup> Jornal O Povo, 13 de julho de 1976. Poço da Draga desapropriado.

das Colônias de Pescadores do Estado do Ceará. Além da pesca, muitos se ocupavam do conserto de embarcações ou prestavam serviços temporários numa pequena indústria naval instalada nas proximidades. Trata-se do local "que dona Elisa fechou" e que alguns, até hoje, ainda chamam de Praia do Peixe.

O texto apresenta uma descrição do lugar, evidenciando as precárias condições de habitabilidade e aspectos do cotidiano da comunidade:

*"(...)A área é suja, o mau cheiro está no ar, o local se alaga frequentemente, as condições de vida dos moradores é (sic) a pior possível(...)Alguns passam dias e dias (no mar) e o apurado não dá sequer para a alimentação da família. Vender? Só quando sobra. (...) E assim, vão passando pela vida, sempre ligada ao mar...(...) As mulheres consertam as velas que chegam rasgadas. Meninos e cachorros (como tem) brincam no pano branco, de muitos remendos. O cheiro de peixe está no ar, está no estômago, na vida de todos eles."*

O depoimento de um pescador revela seu enraizamento ao Poço da Draga, além de aspectos da história do lugar:

*"Sempre morei desses coqueiros grandes para a beira da praia. De primeiro, o mar ia até mais adiante, aqui era uma ilha, raso aqui, fundo acolá, até que o mar aterrou uma parte (...) Nesse tempo, a minha casa tinha mais de metro de altura e a água passava por baixo das estacas de sustentação"*

O relato, que permite entrever o sentido de pertencimento a um lugar, aliado a uma situação de exclusão, remete às novas frentes de discussão para a valorização da memória de comunidades não integradas à história "oficial", a exemplo das reflexões de Michel Pollack (1989). Destacando o interesse que tem havido em se esclarecer como se constituem e se formalizam as memórias, o autor afirma que, em contraposição a uma memória hegemônica, deve ser dada voz às "memórias subterrâneas" (1989:4). No que se refere ao Poço da Draga, permanece a memória de um grupo que tem sobrevivido ao alijamento do território que tradicionalmente ocupava, resistindo numa exígua faixa ao longo da antiga linha férrea, situação diversa daquela com que acenava a referida matéria jornalística:

*"Daqui há (sic) algum tempo ( o cheiro de peixe) desaparecerá e em seu lugar o fortalezense encontrará o verde, uma área de lazer, igual ao Rio de Janeiro. Para o Prefeito, não há opção. Ainda assim, qualquer medida a ser tomada levará em conta o sistema de vida de toda uma comunidade"*

Nesse sentido, deve ser ressaltada uma questão abordada por Linda Gondim (2001): a relevância do grupo social para o uso da memória como

instrumento político. A autora apresenta o depoimento<sup>85</sup> de D<sup>a</sup>. Rocilda, presidente da Associação dos Moradores do Poço da Draga (Gondim,2001:181 e 182 ), que enfatiza a luta da Associação pela posse da terra, salientando a falta de infra-estrutura e demais benesses urbanas. Referenciando-se na longa vivência no lugar, D<sup>a</sup> Rocilda afirma que "o Poço da Draga já é cultura" e denuncia o descaso para com a "memória viva" de sua comunidade. A partir de sua fala, Gondim enfatiza a possibilidade da utilização da "história vivida" do grupo para reforçar o direito à sua permanência no lugar, condição imprescindível para sua identidade e sobrevivência (2000:186)<sup>86</sup>.

A ausência de registros de aspectos da cultura popular remete à relação entre cidadania e história e entre cidadania e memória popular (Paoli & Almeida, 1996:185). Advertindo sobre a "exclusão das tradições e experiências populares da versão historiográfica oficial e, portanto, do patrimônio de uma sociedade", os autores defendem, como um ato de cidadania, que "depoimentos orais populares possam integrar o acervo historiográfico sobre o qual a interpretação histórica e política das sociedades possa ser ampliada e refundada". Assim, cabe retomar as sábias palavras de Pedro Groupa, quando afirmou que "uma coisa que não é representada não é vista..."

---

<sup>85</sup> Reproduzido pela autora a partir da transcrição dos debates havidos sobre o Projeto de Dinamização do Entorno do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, parte integrante do Plano Estratégico de Fortaleza.

<sup>86</sup> Este texto foi concluído quando estava em elaboração o projeto do Centro Multifuncional de Feiras e Eventos, com previsão da remoção daquela comunidade e a promessa de alojá-la nas suas proximidades.

## CAPÍTULO 4

### CONSTRUINDO OS LUGARES DE UMA MEMÓRIA

*"(...) Esse novo estágio cultural [Pós-Modernidade] vem ser caracterizado por substituir a realidade por sua dimensão virtual, isto é, pelo poder imagético que transmite (imagens) e pelas simulações que comportam (simulacro). Priorizando assim a dimensão estética, a cultura passa a assumir a condição de espetáculo, na efemeridade de sua duração. A História e a Memória compartilham desse espetáculo, nos bastidores do esquecimento e no palco do poder".*

*(Pasqualino Magnavita, Quando a História vira espetáculo do poder, 1995)*

Como já foi mencionado, a década de 1990 assinala grandes transformações sócio-espaciais e físico-territoriais na Praia de Iracema. No contexto das intervenções urbanas operadas em Fortaleza para cumprir a função de centro de serviços, ancorado no turismo, a orla marítima passa a ser *locus* privilegiado de ações do poder público e da iniciativa privada para atender às novas demandas ensejadas por aquela atividade.

Nesse cenário, inscreve-se a requalificação de lugares da Praia de Iracema objetivando torná-la atraente para cumprir aquele papel. A Praia de Iracema vai ressurgindo, assim, com outra roupagem, distanciando-se das características de pequeno bairro residencial que ainda detinha na década anterior, "mascarada (...) em espaços pitorescos ou exóticos" (Ferrara, 1994:48), adequados ao ávido consumo de bens simbólicos, próprio da atividade turística.

Como será visto, as ações governamentais, seja no planejamento ou em intervenções no espaço urbano, juntamente com os investimentos do setor privado, buscaram cristalizar uma tradição de bairro boêmio e "cultural", arrimada na memória coletiva de grupos sociais intelectualizados, obscurecendo a existência de outros grupos e de outras memórias. A partir do uso conveniente de referenciais passados, pode-se afirmar que, para legitimar a nova ordem, houve a institucionalização de uma memória, referendada por um discurso que, aparentando ser consensual, dilui os conflitos e dissimula relações de poder.

#### 4.1. A Área de Interesse Urbanístico da Praia de Iracema

*" (...)Em certos momentos, "a sociedade é obrigada a ligar-se a novos valores, isto é, a confiar noutras tradições que estão mais de acordo com as suas necessidades e tendências atuais".  
(Maurice Halbwachs, A Memória coletiva, 1991)*

Conforme referido, durante os anos iniciais da década de 1990, em razão do crescente afluxo de bares e restaurantes, a Praia de Iracema passa a assumir a função de pólo de lazer. Essas transformações seriam consolidadas por meio da legislação urbanística estabelecida para a área. Em 1992, foi aprovado o novo Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Fortaleza, em substituição à Lei Nº5122-A/ 1979, instituindo a Zona Especial - Área de Interesse Urbanístico da Praia de Iracema. A regulamentação dessa zona especial foi votada em 1995, em regime de urgência, através da Lei nº7814, de 30 de outubro de 1995, dividindo-a em três setores, para os quais foram propostas funções distintas(FIG.9).

O Setor 1, abrangendo a área do Poço da Draga e dos antigos armazéns, foi destinado à revitalização, com o incentivo aos usos habitacional, cultural, de lazer e hotelaria, possibilitando a construção de edifícios com até 16 pavimentos e edificações de grande porte, como casas de shows. O Setor 2, envolvendo a Rua dos Tabajaras e adjacências, entre a Ponte dos Ingleses e a Igreja de São Pedro, foi considerado área de preservação; e o Setor 3, definido pelas quadras ao norte da Avenida Historiador Raimundo Girão até a Rua Ildefonso Albano, foi destinado à renovação urbana. A Lei não apresenta qualquer arrazoado em relação à classificação proposta, nem explicita os conceitos de renovação e revitalização, fazendo-o apenas no que se refere à preservação, que, em seu 2º artigo, é definida como " manutenção do ambiente, no tocante ao parcelamento do solo, à volumetria e às características das edificações e às relações entre o espaço edificado e o não edificado".

No Setor 3, os padrões urbanísticos adotados propiciariam o necessário aparato legal para a implantação da "Baía de Iracema", um empreendimento (que não chegou a ser implementado) que previa o aterramento de uma área de 19 ha em torno do espigão existente à altura da Rua João Cordeiro. Contrariando as evidências históricas, já referidas no primeiro capítulo, o Setor 2 foi alvo de proteção, em detrimento do Setor 1, área que abriga um importante conjunto de

edificações, vinculado ao centro histórico de Fortaleza e, de forma direta, às atividades do antigo porto da cidade. Buscando esclarecer em que princípios foi ancorada aquela legislação e quais os possíveis conteúdos simbólicos que poderia expressar, foi tomado o depoimento de um integrante da equipe do Instituto de Planejamento do Município de Fortaleza – IPLAM, órgão municipal que, à época da elaboração da referida lei, foi responsável por sua elaboração. Sua explanação inicia-se com a divisão que foi proposta para a zona, destacando a importância conferida ao setor 2, definido como histórico:

*"Dividimos a Área de Interesse Urbanístico em três setores: um setor histórico e dois de ocupação diferenciada (...) O setor histórico é o setor tradicional. É o que pega a Praia de Iracema propriamente dita, como era conhecida (...) Não adiantava fazer legislação só para o miolo, miolo que estou falando é o tradicional mesmo da Praia de Iracema (...) O setor 1, na época, era só aqueles armazéns. Hoje, não. Com o Centro Cultural Dragão do Mar e com a utilização dos armazéns como restaurantes e casas de shows, já tem outra conotação, diferente daquela que a gente inicialmente encontrou quando da definição do zoneamento (...) [O setor 2] era o setor histórico conhecido da Praia de Iracema, porque o resto praticamente não tinha utilização nenhuma, com os armazéns desativados. Era o que era freqüentado pela população e que era conhecido como a área a ser preservada como um conjunto. Então, ficou como setor mesmo de preservação da zona".*

Alguns pontos podem ser assinalados nesse discurso, que concede um atributo especial ao setor 2. O fato de ter sido considerado histórico não se reporta a aspectos da ocupação do território ou sua inserção sócio-cultural ou econômica na vida da cidade de Fortaleza. Os argumentos referem-se a uma vaga noção de área "tradicional" ou "conhecida", não explicitando, porém que tradição é essa e por qual razão era conhecida. Entretanto, o argumento de que se tratava de área freqüentada pela população aponta para uma resposta. Conforme já referido, a Praia de Iracema foi-se constituindo, ao longo de sua história, em espaço de acentuada referência simbólica, identificado como território idílico, boêmio, atraindo sempre pessoas oriundas de estratos médios e/ou ligados ao universo artístico ou intelectual, com refinamento suficiente para partilhar de sua "aura romântica". As diferentes gerações, sucedendo-se no tempo, renovavam, ao gosto da época, apenas a forma de usufruir daquele espaço, mantendo, porém, um certo caráter elitista, tanto do ponto de vista cultural, como econômico. Assim, a definição de setor histórico, distanciando-se de uma maior precisão que o termo exige, aproxima-se de uma interpretação

subjetiva das vivências de alguns grupos sociais, que construíram a sua tradição. Numa palavra, ancora-se na memória desses grupos.

Privilegiado com a condição de área histórica que lhe foi atribuída, o setor 2 enseja um discurso preservacionista, traduzido pela preocupação com a manutenção do conjunto urbano, expressa nos padrões urbanísticos estabelecidos e na adoção de medidas como o levantamento fotográfico realizado pela Prefeitura por ocasião da elaboração da referida lei, visando o disciplinamento de reformas ou novas edificações. Dessa forma, a nova legislação, elaborada num momento em que a Praia de Iracema firmava-se como pólo de lazer e turismo na cidade, revela a intenção de fortalecer uma imagem apropriada ao novo papel que ela passa a desempenhar, desconsiderando, como será visto, outros usos que lá ocorriam, a partir da prevalência de uma "definição morfológica, tipológica, epidérmica que [objetivava] (...) a todo custo criar símbolos" (Marques,1995:97). Como será visto a partir da análise de alguns lugares, essa concepção cenográfica resultou num espaço turistificado, ou numa "ilha elitizada", como define Castelo(1997) (FIG.45,47,48,49,50). No que se refere a esse setor, o depoente anteriormente citado explica que "tem sido uma coisa bem aceita, até porque está em sintonia com a parte comercial. (...) A legislação está em sintonia com o que os freqüentadores querem e com a possibilidade do empresário botar seu negócio lá. (...)Não há conflito de interesses aqui".

A ênfase nos aspectos de preservação é abandonada na concepção do setor 1, onde o eixo do discurso passa a ser a viabilização econômica:

*"Ai, restavam esses dois setores aqui, que tinham uma finalidade (...) que já se sacramentou dentro da cidade, que era voltada para lazer, turismo e habitação(...)Você tem que conciliar interesse público com o interesse da iniciativa privada. Esse tipo de projeto aqui se casa bem com esse tipo de preocupação. Então, a legislação foi definida se pensando numa operação consorciada para esse trecho todinho".<sup>87</sup>*

Em referência ao setor que foi preservado, o Setor 1 surge apenas como a área que estava sem uso, à qual deveria ser emprestada maior visibilidade através de uma ação que a integrasse, também, ao circuito do lazer e do turismo. A solução encontrada foi a referida operação, onde a infra-estrutura - drenagem,

<sup>87</sup> A operação urbana consorciada consiste num dos instrumentos integrantes do Plano Diretor de Desenvolvimento Urbano de Fortaleza para implementação da política urbana, prevendo atuação compartilhada, em termos técnicos e/ou financeiros, entre o poder público municipal e a iniciativa privada quanto a intervenções físicas no espaço urbano.

praças, abertura de novas ruas - seria executada pelo Município e paga pela iniciativa privada, beneficiada com o aumento do índice de aproveitamento<sup>88</sup> na área. Quanto à comunidade do Poço da Draga, seria removida, mas contemplada com a construção de um conjunto habitacional nas imediações. A ênfase na valorização imobiliária obscurece a história daquele espaço, apesar do conjunto urbanístico lá existente ainda conservar, à época da elaboração da legislação, sua integridade no que se refere à volumetria, ao traçado das vias e, em grande parte, às características das edificações. Entretanto, para tornar a área atraente para os investidores, seria inviável a proteção mais abrangente da área:

*"No Setor 2, o tradicional mesmo da Praia de Iracema, o conjunto como um todo seria "inexível". Se estaria preservando todo o conjunto. Nesse caso específico aqui [Setor 1], a gente não estaria tratando do espaço urbano como um todo. Estaria tratando de edificações (...) Tinha umas cinco ou seis edificações (...) que a gente queria até inclusive sair com uma legislação de tombamento. Mas, por outro lado, se você queria viabilizar economicamente esse trecho aqui, você tinha que dar uma ocupação. (...) A gente estava com um projeto de preservação e de requalificação do espaço urbano. (...), mas tinha que criar incentivos para quem fosse investir para que essa renovação acontecesse (...) o empresário só vai se tiver uma atração".*

Em consequência dessa abordagem, que privilegiou um tipo de uso e ocupação vinculado a interesses empresariais, a preocupação com a preservação do patrimônio arquitetônico comparece de forma tangencial, que se revela, por exemplo, na ausência de um inventário dessa área. Assim, apenas imóveis isolados, e de notório conhecimento, como os prédios da antiga Alfândega e da Casa Boris<sup>89</sup> são reconhecidos como portadores de valor (FIG.15 e 16) :

*"A gente não esqueceu isso aqui como uma área histórica da cidade, que passasse a ter uso completamente dissonante (...) Pelo contrário, isso tudo foi analisado. Só que pra gente, são duas coisas diferentes: aqui [setor 2], a gente queria que todo espaço urbano fosse preservado da forma como estava lá, obviamente com algumas adaptações, mas que o conjunto espelhasse aquilo que sempre foi. Aqui [Setor 1], não, aqui seria já uma renovação."*

Ao Setor 1 não foi consignada, portanto, a importância do conjunto, perspectiva que respeitaria suas especificidades de sítio histórico, cuja ocupação remonta ao início do século XIX. Permitindo a construção de edifícios de cerca de

<sup>88</sup> Na referida lei, o índice de aproveitamento é definido como o "quociente entre a área parcial de todos os pavimentos do edifício e a área do terreno".

<sup>89</sup> A Casa Boris foi um dos estabelecimentos comerciais de exportação e importação mais pujantes no final do século XIX e início do século XX.

50 metros de altura no local, a legislação não resguardou a qualidade da ambiência em que se inserem as edificações antigas, passando a se constituir, principalmente, em instrumento de valorização imobiliária (IAB,1995). Apesar da referida operação consorciada não ter sido efetivada, a área já apresenta sinais de verticalização, como ilustram os prédios erguidos no início da Rua dos Tabajaras, defronte à Ponte Metálica (FIG.44)<sup>90</sup>.

O Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, um conjunto com 13.000m<sup>2</sup> de área construída, inaugurado oficialmente em 1999, foi, assim, erguido de acordo com as aquelas determinações urbanísticas. Conforme referido, sua implantação resultou em grandes mudanças na área dos armazéns, que se transformou num núcleo de vida noturna de alguns grupos sociais. Pode-se, assim, afirmar que aquele espaço foi "absorvido" pela "Iracema boêmia": transformou-se em território de um lazer elitizado, ancorado no novo estatuto da área como lugar de uma fruição "refinada", pois, em última instância, trata-se do "lugar da cultura" (FIG.51,52 e 53). Nesse sentido, cabe a observação de Oriol Bohigas sobre bairros antigos, que têm se transformado em locais para "snobs": "áreas apropriadas para uma elite de artistas, intelectuais, burgueses e sobretudo especuladores, que vêem nesses conjuntos urbanos um modo de sublinhar sua distinção" (Oriol Bohigas apud Canclini, 1994:105). Esses novos usos, que excluem a população das áreas vizinhas, mais especificamente do Poço da Draga, fizeram aflorar uma série de conflitos, traduzidos na violência e insegurança da área. Apesar dos esforços da direção daquele Centro em interagir com os moradores da comunidade, o depoimento da líder comunitária Rocilda Lima Ferreira, sugere o distanciamento existente: "A gente recebe convites, os meninos vão ao planetário, ao Rodin, ao Le Parc (duas grandes exposições realizadas em 2000 e 2001, respectivamente). Mas a vida continua a mesma, o Dragão não influi"<sup>91</sup>.

Esse quadro de violência pode ser ilustrado com dois anúncios publicitários, onde se observam diferentes apropriações que agentes privados

<sup>90</sup>Cabe, também, ressaltar que, com inexistência de legislação que proteja o patrimônio arquitetônico da área, a situação do conjunto fica muito vulnerável com o projeto do Centro Multifuncional de Feiras e Eventos, que poderá acarretar uma grande valorização dos terrenos em seus arredores.

<sup>91</sup> Furlani, Clarisse. Comunidade resiste à beira-mar. Jornal O Povo, 29 de novembro de 2001.

fizeram da localização de um empreendimento imobiliário nas proximidades do referido centro cultural (FIG. 54 e 55). O primeiro anúncio, datado de dezembro de 2000<sup>92</sup>, refere-se ao "charme de Iracema vizinho ao Centro Cultural (...): No olho desse furacão de alegria e beleza, no centro de tudo o que é bom, ergue-se majestosamente o Residencial Dragão do Mar". Quase um ano depois, em novembro de 2001<sup>93</sup>, o mesmo edifício seria anunciado com outra chamada totalmente diversa: "Na Praia de Iracema sem o rebuliço".

Tanto as determinações do zoneamento, concebidas sob a ótica da viabilização econômica de um empreendimento, quanto os desdobramentos do que efetivamente ocorreu com a implantação do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura indicam a história encoberta com o manto de uma memória. Consagrando o setor 2 como histórico, foi conferido um *referendum* à memória de alguns grupos. Por outro lado, essa memória, legitimada, "invade" o Setor 1, transformado num lugar cenográfico, de uso restrito a alguns grupos sociais, dificultando ou mesmo tornando incompreensível a leitura de outras temporalidades contidas naquele espaço, de importante referência para a história da cidade.

#### 4.2. A "Iracema História" e os Agentes do Setor Privado

Na falta de evidências para apoiar a condição de área "tradicional", são inventadas tradições para a Praia de Iracema, no sentido atribuído por Hobsbawn(1984), com repercussões na configuração daquele espaço. Para tanto, contribuíram os padrões urbanísticos expressos na Lei Municipal 7814/1995 como, por exemplo, as determinações de seu artigo 32, inciso III, que se referem a elementos de fachada integrantes do vocabulário do ecletismo, próprio da ocupação inicial daquele território, indicando um desenho "desejável" para a área e sugerindo uma "invenção" de passado.

*"Será permitida a projeção em até 30 cm (...) de elementos decorativos das fachadas, compreendendo: frisos, cornijas, balcões e similares, mesmo que a edificação seja implantada no alinhamento do passeio (...)"*.

<sup>92</sup> Jornal O Povo, 4 de dezembro de 2000. Caderno Classificados.

<sup>93</sup> Jornal O Povo, 10 de novembro de 2001. Caderno de Economia.

Referendado pela lei e no rastro de uma Iracema "histórica e simbólica" que surgia, o espaço configurado pela Rua dos Tabajaras e adjacências (a "Iracema boêmia") passou a apresentar uma arquitetura "à moda antiga", mais suntuosa, mais ornamentada, uma hipérbole do que outrora existira. Ao casario original (FIG.43), sobrepueram-se, através de reformas ou novos prédios, cópias desfiguradas, buscando remeter a um passado mitificado, inspiradas em modelos exógenos, sem vínculos com aquele lugar, remetendo a um "mundo da fantasia" (FIG.45,46,47,48,49 e 50). O alegórico substituiu o real. Mas não se trata de exclusividade da Praia de Iracema, até mesmo porque consiste em desdobramentos da chamada arquitetura pós-moderna, de matrizes norte-americana e europeia. Como ensina Fortuna (1995:11), com a emergência da cultura midiática, "a representação está a tornar-se mais real que a realidade", ou seja, a imagem tem prevalência sobre a experiência direta com a realidade. Sérgio Rouanet (1987:233) refere-se à desmaterialização do mundo social, que se torna "signo, simulacro, hiper-realidade". No contexto da sociedade do espetáculo, do domínio de uma cultura visual, os lugares são alvo de intervenções estetizantes, para torná-los mais atraentes, especialmente em locais de destinação turística:

*"Ao mesmo tempo, esta lógica de satisfação do consumidor tem efeitos não desprezíveis sobre os locais de destino turístico, desde a submissão à lógica mercantil de numerosos aspectos materiais e não-materiais da sociedade, da economia e da cultura locais, até à alteração da fisionomia ambiental e morfológica dos lugares." (Fortuna, 1995: )*

Nesse sentido, é significativo o depoimento do autor do projeto do Bar Siriguela, situado na Rua dos Tremembés (FIG.47), que "admite que a intenção do estilo clássico do bar é exatamente fazer com que as pessoas pensem que ele foi reformado (...) como se fosse uma coisa antiga que fosse preservada"<sup>94</sup>. Outro exemplo de "patrimônio" criado para construir a idéia de tradição é uma edificação situada na Avenida Almirante Tamandaré, vizinho à Boate Alfândega, onde instalou-se um antiquário (FIG.49). Trata-se de um galpão reformado na década de 1990, cujo muro recebeu um tratamento de fachada (a existência de uma só fileira de telhas denuncia a "maquiagem"), para sugerir um casario antigo, idéia reforçada com a inscrição "1893" no coroamento de um frontão(FIG.50).

<sup>94</sup> Aleteia Patricia. Lei não protege Praia de Iracema. Jornal O Povo, 17 de fevereiro de 1997.

A apropriação, por agentes privados, de ícones e do "espírito" do bairro assumiu, também, outras formas, como demonstram alguns exemplos. Em meados da década de 1990, uma peça publicitária de uma revendedora de pneus (Gerardo Bastos), veiculada nos canais de televisão de Fortaleza, apresentava, em filme preto e branco, um carro de passeio, de modelo antigo, trafegando pela Rua dos Tremembés, tendo como pano de fundo um pequeno conjunto de três sobrados construído na década de 1980 (FIG.46). A intenção do filme era sugerir a antiguidade e tradição da referida casa comercial. Aspectos vinculados à sua história ou aos atributos do bairro também foram apropriados por empresários do setor imobiliário, a exemplo da denominação de muitos edifícios lá construídos (Hotel Tabajaras, Edifício Mirante de Iracema, Edifício Lido, Edifício Estoril, entre outros). O depoimento de um corretor de imóveis, apresentado por Sousa (1996), é significativo:

*"O fator localização é primordial ao sucesso do empreendimento, assim como um estudo anterior do potencial da área, tais como: acesso, comércio local, área de influência, características sócio-econômicas, potencial de vendas, equipamentos urbanos. E na Praia de Iracema encontramos todos esses itens para a implantação de qualquer empreendimento imobiliário. A Praia de Iracema guarda hoje um pedaço da história de Fortaleza e do Ceará, é significativo o nome de suas ruas, a preservação de seu patrimônio histórico e o próprio nome do bairro – Iracema, já que homenageia o grande escritor cearense. Tudo isso faz com que muita gente procure a Praia de Iracema".*

Até mesmo o cardápio de uma casa de pasto, o Bar e Restaurante Pontal de Iracema, foi composto de pratos com nomes de pessoas e de lugares do bairro, agrupados por afinidades (FIG.83). Assim, por exemplo, as entradas referiam-se a antigos moradores ou personagens da Praia de Iracema, as carnes homenageavam os boêmios seresteiros da década de 1950, os frutos do mar recebiam nomes de integrantes da boêmia intelectual, as massas eram designadas pelos nomes indígenas das ruas e as pizzas com nomes de lugares de referência simbólica para alguns grupos (Ponte dos Ingleses, Ponte Metálica, Estoril, Iracema Plaza, Lido).

A partir desses exemplos e, como será visto, com a análise de intervenções governamentais no bairro, pode-se afirmar que a Praia de Iracema foi-se constituindo como um "bairro temático", baseado numa livre interpretação de seu próprio passado.

### 4.3. O Calçadão

*"O lugar tem um encantamento especial. Nele é proibido pronunciar a palavra tristeza e o verbo mais conjugado é sorrir. A felicidade de muita gente teve este local como cúmplice anônimo. Falo da Praia de Iracema, que se antes era bela e mística, agora com o carinho da Prefeitura de Fortaleza, virou orgulho do fortalezense e cartão postal de nossa cidade."*

*(Antônio Cambraia, Praia de Iracema, 1993)*

No início de 1994, é inaugurado o calçadão da Praia de Iracema, área de passeio contíguo à faixa de praia, entre a Ponte dos Ingleses e o Edifício Lido, dando continuidade à urbanização iniciada no trecho da Avenida Aquidabã (FIG.10). Tratava-se da implementação de um projeto mais amplo da Prefeitura, objetivando requalificar a orla marítima, entre o late Clube e a referida ponte, para as novas demandas de lazer e do turismo, como ilustra o depoimento de Marcelo Teixeira, vice-prefeito à época do início das obras: "O calçadão vai dar um novo visual à orla da Praia de Iracema, principalmente para os hóspedes dos hotéis que ficam nas proximidades. A área ganhou nova dimensão."<sup>95</sup>

Segundo o autor do projeto do calçadão, arquiteto Paulo Simões, a premissa que norteou a proposta foi potencializar o quadro que já vinha se definindo, ou seja, privilegiar o lazer noturno em detrimento da função de moradia: "Que tipo de lazer cabia na Praia de Iracema? Bar, Lazer noturno mesmo. Então, isso aí foi previsto. Quando a gente fizer esse projeto, o que vai acontecer é que vai sair todo mundo de lá, vão deixar de morar lá e vai virar bar, vai virar boate". O técnico informa que o projeto teve, também, o objetivo de disciplinar o que já vinha ocorrendo de forma desordenada, regularizando a obtenção de alvarás de funcionamento e inibindo a invasão de terrenos de marinha. Nesse sentido, a obra do calçadão inscreve-se como a primeira obra governamental naquele território, visando qualificá-lo para as funções que a legislação de uso e ocupação do solo, aprovada no ano seguinte, lhe concederia.

Implantada num momento em que a Praia de Iracema se consolidava como principal foco de lazer noturno da cidade, a obra do calçadão inseria-se num programa de intervenções urbanísticas, levado a cabo tanto pela Prefeitura quanto pelo governo estadual, como estratégia de legitimação política, objetivando a construção simbólica de uma "moderna" Fortaleza

<sup>95</sup> Jornal O Povo, 16 de janeiro de 1993. Calçadão da Beira-Mar à Praia de Iracema terá 6 quilômetros.

(Gondim,2000:8,19). Os discursos de Cláudio Pereira, presidente da Fundação de Cultura de Fortaleza e de Antônio Cambraia (1993), integrante do mesmo grupo político de Juraci Magalhães, cuja administração dera início àquele projeto, expressam essa meta:

*"A Praia de Iracema é patrimônio afetivo de toda a cidade. A Prefeitura ao reurbanizá-la faz uma declaração de amor aos fortalezenses".<sup>96</sup>*

*"Este é o meu projeto político. Executarei em toda a sua plenitude, apesar dos obstáculos. Iremos construir uma Fortaleza Saudável e a Praia de Iracema presenciará a alegria desta conquista, sendo uma gentil parceira de nossa vitória".*

Na mesma direção aponta o discurso do Prefeito Juraci Magalhães (1993) apresentando, entretanto, a utilização de referenciais passados para legitimar as novas intervenções, como no texto intitulado "A Felicidade que Ficou...", em que faz um elogio às obras do calçadão, consignando-lhe o mérito de ter devolvido a "praia dos amores", transformada numa "recordação viva".

*"Transformar a cidade em um verdadeiro e integrado "cenário do encontro". Isto só seria possível se a grande preocupação fosse no sentido não só de resgatar a história da cidade, mas também de cultivar a poesia de sua cultura e revitalizar a antropologia da saudade(...). Não foi por acaso que sobretudo na reforma da Praça do Ferreira e na reurbanização da Praia de Iracema houve uma nítida associação da saudade com os projetos arquitetônicos (...). O importante é que a Praia de Iracema está aí como um cartão postal, como uma recordação viva, um pedaço da história, como um poema de amor, para felicidade dos seus moradores e admiração dos olhos de todas as cores que a olham como um recanto mágico de beleza e como a concretização de uma decisão política fundamentada na humanização e na cidadania. O retorno da "praia dos amores que o mar carregou" no fundo do meu coração me envaidece e me desperta profundamente a saudade que no dizer do poeta Manuel Bandeira : " é um bem maior que a felicidade porque é a felicidade que ficou".*

#### *A Praia de Iracema como um simulacro de si mesma*

Um passeio pelo calçadão revela características de um lugar destinado a reforçar a imagem da Praia de Iracema como detentora de um passado digno de ser lembrado: no seu curto trajeto, há profusão de marcos referenciais, próprios para o usufruto turistificado daquele espaço. Essa excessiva semantização

<sup>96</sup> Iracema, a Praia dos Amores. Caderno Cultural N°9, capa. Edições Fundação Cultural de Fortaleza, 1993.

objetiva evocar aspectos de sua história, tentando construir uma idéia de tradição. (FIG.10). No trecho da Avenida Historiador Raimundo Girão, há a presença solitária da lanchonete "Bebelu", assinalando o lugar do antigo Restaurante Cirandinha (FIG.57). Mais adiante, na altura da Rua Ildefonso Albano, há um mirante com a escultura de Iracema, de autoria do artista Zenon Barreto (FIG.58). Depois, a partir da inflexão que faz defronte ao edifício Lido, chega-se ao Largo Luís Assunção, onde uma placa informa uns poucos dados biográficos do "poeta da Praia de Iracema" (FIG.59). Segue-se, nas vizinhanças do Restaurante Tratoria, uma pequena arcaria ("arcos expectantes)", sugerindo um monumento ao retorno da "praia dos amores". Mais à frente, há o Largo do Mincharia, defronte à casa homônima, que funciona como um pequeno clube fechado (FIG.60). Depois, mais "arcos expectantes". Confrontando com a Rua dos Tremembés, há um pequeno largo que se denominou Praça Jáder de Carvalho, a poucos metros do Centro Cultural (ou Restaurante) Estoril (ver item 4.5) (FIG.46). Finalmente, defronte à ponte reformada (ver item 4.6), uma pequena escultura do artista Ascal.

O tratamento dado a alguns lugares do calçadão permite compreender como foi utilizada uma memória, em detrimento de outras, para amalgamar a tradição da Praia de Iracema. Nesse sentido, podem ser citados, para ilustrar a memória "vencedora", os casos do Restaurante Cirandinha e do Largo do Mincharia. Há, ainda, o Estoril e a Ponte dos Ingleses, que, apesar de integrados ao calçadão, destacam-se por sua carga simbólica, sendo, neste texto, analisados em separado.

O Restaurante Cirandinha situava-se na antiga Avenida Aquidabã, ladeado por outros pequenos estabelecimentos e por precárias habitações, todas ocupações irregulares, tendo sido adotado, nas décadas de 1960 e 1970, por muitos dos freqüentadores do Restaurante Lido, granjeando ambos fama de locais de boêmia:

*"Situado na Praia de Iracema, em área que no passado era de prostituição e malandragem, sem urbanização, com casebres por todos os lados, seus donos enfrentaram e ganharam o desafio de selecionar clientes e garantiram tratamento e respeito".<sup>97</sup>*

<sup>97</sup> Jornal O Povo, 23 de julho de 1992.

É essa seleta clientela que, em 1993, com a implantação da primeira etapa do calçadão, conduzirá um movimento para que se preserve o local, tendo a acolhida do então Prefeito Antônio Cambraia:

*"O único imóvel que será preservado é o restaurante Cirandinha, um dos mais tradicionais da Praia de Iracema. A Prefeitura entendeu que o Cirandinha, pelo valor histórico que representa para o bairro, deve permanecer no local", justifica Marcelo Teixeira, superintendente da Sumov, o órgão responsável pela execução do projeto".<sup>98</sup>*

Poucos meses depois, o mesmo jornal, ao anunciar que o restaurante seria desapropriado e reconstruído no novo calçadão, informa que foram os artistas e a "alegre boemia" que sensibilizaram o prefeito para fazer o acordo<sup>99</sup> (07.04.93). Passados alguns anos, o local onde existiu o Restaurante Cirandinha foi transformado na iluminada Lanchonete Bebelu, que permanece como testemunho da vontade de louvar a memória de um grupo restrito (FIG.57). A homenagem, uma concessão do poder público, revela um ato administrativo baseado numa determinada visão de mundo, incompreensível para os grupos aos quais aquela memória é estranha, o que faz lembrar o ensinamento de Paul Connerton (1993:3):

*"No que diz respeito, em particular à memória social, constatamos que as imagens do passado legitimam geralmente uma ordem social presente. É uma regra implícita pressupor uma memória partilhada entre os participantes em qualquer ordem social. Se as memórias que têm do passado da sociedade divergem, os seus membros não podem partilhar experiências ou opiniões"*

O Largo do Mincharia tem uma história semelhante. Mincharia era o apelido de Antônio Aurilo Gurgel Nepomuceno, comerciante ligado ao universo boêmio da Praia de Iracema. Tendo falecido em 1985, um grupo de amigos resolveu homenageá-lo fundando a Casa do Mincharia, sediada à Rua dos Pacajus, onde funciona um bar e um restaurante que, até bem pouco tempo, era de acesso restrito aos que integram a associação (FIG.60,61 e 62). Defronte àquele clube, havia uma casa assobradada, que, apesar do mau estado de conservação, mantinha a integridade de sua estrutura e demais elementos arquitetônicos. Integrante do casario original, o imóvel tinha condições de abrigar atividades diversas. Nesse sentido, houve sugestões, tanto de técnicos da

<sup>98</sup> Jornal *O Povo*, 16 de janeiro de 1993. Calçadão da Beira-Mar à Praia de Iracema terá 6 quilômetros.

<sup>99</sup> Jornal *O Povo*, 07 de abril de 1993. Cirandinha será desapropriado e reconstruído no novo calçadão.

Prefeitura, quanto de pessoas ligadas ao bairro, para destiná-lo a usos distintos, como a instalação de um centro de informações da Prefeitura. Entretanto, a partir da proposta de um vereador, houve a desapropriação do imóvel e posterior demolição para dar lugar ao Largo do Mincharia, que durante muito pouco tempo pode ser usufruído de forma ampla. Um quiosque foi construído no centro daquele espaço, onde esparramam-se mesas e cadeiras, passando a ser usado como uma extensão da casa do Mincharia.

Assim, o que era um espaço de conagração privado, um clube de amigos, ganhou, através de um ato de política urbana, uma dimensão pública. Depois, o espaço que poderia ter permanecido de fruição pública, foi privatizado. Ou seja, investiu-se no público para fazê-lo, posteriormente, de um uso quase privado. Nesse caso, mais uma vez, surge a prevalência de uma memória afeta a grupos melhor aquinhoados intelectual e economicamente.

#### **4.4. Os Lugares (dos) Esquecidos**

Enquanto é venerada a memória de uns, é esquecida a memória de outros. A alguns espaços é dada visibilidade; outros subsistem como uma concessão, não como um privilégio, o que pode ser ilustrado com dois pontos de encontro consagrados: a piscininha e o "banco" (Fig.10). Tentando entender a inserção destes lugares no cotidiano da população do bairro como espaços que propiciam a construção de laços de sociabilidade, e, portanto, da permanência da memória dos grupos que os freqüentam, lancei mão da observação participante, pois, como ensina Gilberto Velho, através desse tipo de pesquisa, torna-se possível "captar, na devida complexidade, as peculiaridades (...) de segmentos mais desprivilegiados e de tradições e visões de mundo mais afastados dos padrões que têm norteado, predominantemente, as decisões de política cultural"(1984:38).

Diferentes motivações explicam a escolha destes lugares como objeto específico de observação. Designada com um afetuoso nome, a piscininha, há décadas é um espaço tradicional de banho e lazer de habitantes da Praia de Iracema e de outros locais de Fortaleza. Quanto à visita ao "banco", o qual um de seus freqüentadores denomina "banco dos aposentados", foi sugerida por Raimundo Poraquê, que exerce o ofício de sapateiro (ver item 3.4).

A piscininha, única área que preserva um ambiente natural de praia no trecho do calçadão entre a "Ponte dos Ingleses" e o Edifício Lido, surgida em decorrência da implantação do enrocamento de pedras no final da década de 1940, ocupa, na maré alta, aproximadamente 230 metros de extensão por 50 metros de largura, nas imediações da Rua dos Tremembés<sup>100</sup> (FIG.7,10,63,64 e 65). Na elaboração do projeto do calçadão, os técnicos da Prefeitura empenharam-se em conservar a área da piscininha, tendo, inclusive, discutido algumas possibilidades de desenho com membros da comunidade local. Entretanto, em que pese o esforço no sentido de resguardar aquele espaço tão caro aos seus usuários, alguns aspectos conflituosos, decorrentes de sua relação com o calçadão, podem ser salientados.

Estive na piscininha em abril e junho de 2000, em dois dias de sábado. Na primeira vez, cheguei às 11:00 h; ela ainda estava vazia, pois a maré alta só ocorreria no meio da tarde. Já havia uma moradora do Poço da Draga, com sua filha, lanche na mão, encostada na mureta do Estoril, aguardando a hora do banho (no pátio externo do centro cultural, ou melhor, do restaurante, todas as cadeiras estavam vazias, mas a mulher mantinha-se de pé). Uma hora depois, aproximou-se, correndo, um grupo de crianças, de pés descalços, calções surrados, bola na mão, gritando: "A piscininha já está enchendo!". Pareciam conhecedores do ritmo intermitente do local.

Na segunda visita, cheguei mais cedo, às 9:30 da manhã. A maré já estava alta e os banhistas estavam chegando: uns já dentro d'água, outros esgueirando-se por entre as pedras, para descer do nível da calçada para a areia. Vinham de bairros diversos, como Piedade, João XXVIII, Monte Castelo, além de outros mais próximos. A maioria era constituída de garotos ou pequenos grupos familiares. Dentre os adultos que pude abordar, muitos eram antigos freqüentadores do local e passaram a trazer os filhos. Ao aproximar-se o meio-dia, poucos ainda permaneciam na piscininha. Todos os bares e restaurantes estavam fechados, à exceção do "Sobre o Mar" (FIG.63), uma casa de pasto de alto padrão voltada, preferencialmente, para um público de turistas, de onde um funcionário observava, curioso. Calçadão vazio. Por volta de uma hora da tarde, aparece um

<sup>100</sup> Informações fornecidas pela Secretaria Municipal de Desenvolvimento Territorial e Meio Ambiente.

vendedor de lanche (suco com salgado), que apregoa: "Cinquenta centavos é a merenda...".

Em razão da prevalência da fruição turística, o projeto do calçadão fez apenas uma concessão à piscininha, disciplinando o seu uso, que hoje dá-se segundo algumas regras, ou seja: a presença dos pobres é admitida desde que cumpram seu papel, que permaneçam um pouco "invisíveis". "Você sabia que eles eram mais arrojados, arrojados não, mais atirados, mais descontraídos?", comentou um informante. O calçadão parece ter restringido o lazer dos grupos que não "combinam" com o espaço turistificado da Praia de Iracema. Nesse sentido, é ilustrativo o depoimento de Valéria Brandão, moradora do bairro desde criança e ex-vice-presidente da Associação de Moradores da Praia de Iracema:

*"A piscininha era o passeio que era pra todo mundo. A gente encontrava de A a Z. O Estoril não. O Estoril à tarde, sim,... Tinha a ponte metálica, tanto iam os meninos pra ver o por do sol e tocar violão, como iam os pescadores. Era realmente da comunidade, era o quintal da comunidade. Nós perdemos o quintal (...) Eu tenho que pedir licença pra eu pescar na ponte, não pode mais pescar na ponte. Eu não posso tomar mais banho na piscininha, porque se tiver alguém ali de algum restaurante, manda tirar. É complicado. A não ser na maré alta, que a invasão é muito grande. Pode não tirar, mas intimidada. Eles botavam toalha ali no chão e você sabe que são pobres, farofa ... Incomoda a visão ali do hotel [ Hotel Tabajaras ]. Eles [ os frequentadores ] falam que intimidada."*

Efetiva-se, assim, uma assepsia sócio-espacial, expressa nas formas de apropriação do espaço permitidas a diferentes grupos sociais. Além desse aspecto, na passarela dos "simbolismos", a piscininha transformou-se apenas no banho de mar dos pobres, sem o "glamour" ou a legitimidade de outros lugares, como o Estoril e a Ponte dos Ingleses. Entretanto, apesar do acesso difícil pelas pedras escorregadias, do olhar inibidor do funcionário do restaurante dos turistas, da mureta de alvenaria que um dia construíram dentro dela para domesticar suas águas, a pequena praia resiste sem precisar que a ela sejam feitas referências. Mas será que permanecerá se o usufruto do calçadão fosse, sobretudo, diurno?

A mesma persistência no uso de um espaço verifica-se no "banco dos aposentados". No sentido de esclarecer aspectos do trabalho de campo que realizei, cabe informar como conheci "Seu" Poraquê, que, conforme referido, me informou da existência daquele ponto de encontro. Num passeio exploratório pelo bairro, nas proximidades da Rua Tomás Lopes, deparei-me com uma pequena jangada sendo consertada por seu proprietário, um "pescador de fim de semana"

com quem conversei sobre os objetivos de minha pesquisa, numa "sondagem" preliminar para identificar possíveis informantes. Foi-me, então, sugerido o nome do sapateiro, filho do famoso Manuel Jacaré (ver item 2.5). Não foi difícil encontrá-lo, pois se trata de profissional conhecido da vizinhança. Numa conversa informal, em que fui até convidada, por sua esposa, para um cafezinho com tapioca na cozinha de sua casa, "Seu" Poraquê sugeriu que eu fosse ao "banco", onde haveria outras pessoas com quem conversar. Marcamos o encontro para a tarde do dia seguinte.

O banco é imperceptível a quem passa desavisado pelo calçadão. Na verdade, não existe um banco, mas uma série de assentos improvisados, arranjados por seus usuários (um precário banco de madeira, um bloco de concreto, entre outros), colocados lado a lado, como se fosse um longo banco de praça. O banco fica encostado ao muro do Edifício Lido, numa exígua área que a Prefeitura dotou de alguns equipamentos para ginástica e intitulou de "Centro Esportivo da Praia de Iracema" (FIG.66,67 e 69).

Quando o sol começa a baixar, por volta do meio da tarde, o muro, muito alto, passa a fornecer boa sombra e aí os frequentadores habituais começam a chegar. A maioria mora no bairro ("no morro"), descende dos antigos jangadeiros e quase todos têm idade acima de 50 anos, como Zezinho da Canjica(55), Graça(69), Roberto (51), Bafafá, Orlando Coró (65), Seu Otávio(69), Cazuza (61), Francisco Vidal, "o rei da sorte"(63), Pedro Mota(69), Edilson(31), Chiquinho, "o briteiro"(49), Joca Branco, Batista Pescador Meró, Raimundo Poraquê. Muitos são profissionais autônomos, como encanador, vendedor de bilhetes de loteria ou sapateiro, como "Seu" Poraquê. "Jogando conversa fora", seus frequentadores comparecem quase diariamente ao encontro informal, exceto aos domingos, e lá permanecem até cerca de cinco h da tarde, quando acentua-se o movimento de pedestres no calçadão.

O "banco" é uma instituição essencialmente masculina, onde fui recebida com certa deferência por ter me identificado como pesquisadora. "Vai lá hoje?" é a senha para se indagar de alguém se irá ao banco. Dizem que não sabem há quanto tempo existe aquele encontro. Uns arriscam dizer que ali sempre foi um local de reunião, tendo ocorrido, até a década de 1980, junto ao muro do Restaurante Lido, onde foi erguido o edifício homônimo. Explicam que ali aportavam as jangadas, desde o tempo em que havia muitos pescadores. Do

banco, ainda se divisa, ao longe, junto ao espigão, as poucas jangadas dos que ainda vão ao mar(FIG.68).

O banco exemplifica, pois, uma forma de uso do espaço consagrada pela população, pois, para ser significativo, nunca precisou de melhorias nem de "visibilidade". Entretanto, a instalação de uma placa sinalizando o referido "centro de esportes" mostra o desconhecimento daquele tradicional ponto de encontro, que, para continuar existindo, necessita apenas da garantia de uso do exíguo lugar onde sempre ocorreu. Nesse sentido, ouvi um relato significativo: tratava-se de um velho morador da Praia de Iracema, que, desde sua meninice, tinha por hábito sentar-se, para tomar uma fresca, no local onde atualmente encontra-se o Hotel Praia Centro. Hoje, senta-se na calçada e continua aguardando a brisa ...

Recentemente, outra intervenção da Prefeitura veio reforçar o desconhecimento daquele tradicional ponto de encontro. Aos equipamentos de ginástica já existentes, foram acrescentados outros, obstando o descortino da paisagem e dificultando, dada a área diminuta, a formação de pequenas rodas de conversa. Uma fotografia mais recente, feita em novembro de 2001, à tarde, mostra o banco vazio (FIG.69). Uma abordagem mais criteriosa, como sugere Gilberto Velho, revelaria, certamente, outros locais para situar os referidos equipamentos. Como será visto, de forma bem diversa têm sido tratados os locais afetos a outros grupos, legitimados pelo capital econômico, cultural ou político de seus usuários.

### 3.5. O Estoril

*"Não há nenhum local que identifique mais Fortaleza que a Praia de Iracema. É onde está o Estoril, reduto de boémia e lazer predileto dos poetas, que se inspiram no mar, na ponte metálica, para escrever seus versos".*

*( Antônio Cambraia, Praia de Iracema, 1993)*

*"Do mesmo modo, os objetos e práticas só são liberados para uma plena utilização simbólica e ritual quando se libertam do uso prático."*

*(Eric Hobsbawn, A Invenção das Tradições, 1984)*

*Aspectos da História do Estoril*

Conforme referido na primeira parte deste texto, o edifício do Estoril, contemporâneo à criação da Praia de Iracema, atravessa a história do bairro em permanente mutação, adaptando-se às distintas épocas: a Vila Morena, residência da família Porto, que teve a construção iniciada em 1925, foi transformada, seguidamente, no cassino dos americanos na década de 1940 (FIG.70), no bar e restaurante dos boêmios seresteiros nas décadas de 1950 e 1960, no espaço predileto da boêmia intelectual nas décadas de 1970 e 1980 (FIG.71 e 72), e, finalmente, em Centro Cultural da Prefeitura e restaurante, na década de 1990 (FIG.74 e 75). Atualmente, prevalece essa última função, pois apenas a pequena área do pavimento superior é ocupada pelo referido centro.

Apesar do mau estado de conservação, a edificação manteve sua integridade física, o que se explica, em parte, por ter sido permanentemente ocupada e em razão do isolamento do bairro por cerca de quarenta anos. Nos anos iniciais da década de 1980, com a ameaça da construção de edifícios de apartamentos e o início da destruição sistemática do casario original, o Estoril é alçado à condição de ícone da causa preservacionista da Praia de Iracema, encabeçada pela Associação de Moradores da Praia de Iracema - AMPI, com apoio, sobretudo, da comunidade intelectual.

A partir desse movimento, o vereador Samuel Braga, apresentou, em 1986, projeto de lei instituindo normas de preservação e conservação do Estoril, aprovado pela Câmara Municipal. Na ocasião, a presidente da AMPI, Lúcia Penaforte, comentou: "Acho que não há nenhuma oposição a esse respeito, pois se trata da preservação de local que representa a própria história de artistas, poetas e boêmios intelectuais, que hoje despontam no cenário cultural, tanto no Ceará, como no resto do país"<sup>101</sup>. A assinatura da Lei nº 6119, de 19 de setembro de 1986, pela prefeita Maria Luísa, deu-se, significativamente, à meia-noite daquele dia., no próprio Estoril. A referida lei estabelecia a manutenção das características arquitetônicas do imóvel, a delimitação de uma zona de preservação no seu entorno e a imediata restauração e recuperação.

No mesmo ano, reforçando a idéia do Estoril como patrimônio cultural e afetivo, seria lançado o livro *Estoril*, de autoria de Luciano Maia. Na apresentação dessa obra, Rogaciano Leite Filho afirma (apud Maia, 1995:14):

<sup>101</sup> Leite Filho, Rogaciano. Estoril: a luta pela preservação da história. Jornal O Povo, 14 de junho de 1986.

*"O Estoril [edifício], como só o brilho da humanidade é capaz de fazer, transformou-se em ponto, luz e referência. A sua história guarda a emoção de poetas, seresteiros, intelectuais, artistas (...) Luciano Maia (...) [é] um estorilense que escreve sobre breves instantes, sonhos que ficaram em cada um de nós e agora se unem em uma só história coletiva (...) Um livro de estima, de afeto, aberto a futuras histórias (...) Livro que é também voz contra a prepotência e o poder que sepulta em cada escombro a memória de Fortaleza".*

Entretanto, nenhuma medida foi efetivamente adotada para conservação do edifício, em razão da falta de regulamentação da referida lei e, principalmente, dada a fragilidade financeira de seu arrendatário, continuando a funcionar como restaurante em precárias condições físicas e de higiene. Fato ilustrativo do simbolismo do Estoril junto a alguns segmentos sociais é que, tendo sido interdito, em 1989, por falta de segurança e limpeza, o Restaurante foi reaberto, no dia seguinte ao fechamento, por intervenção direta do então prefeito Ciro Gomes. Na matéria jornalística que noticia o fato, lê-se que "o fechamento do Estoril tinha levantado muita polêmica entre alguns de seus principais freqüentadores"<sup>102</sup>.

Nos anos seguintes, prosseguiriam, de forma menos coesa, os apelos para a preservação do edifício, resultando na elaboração de um projeto de tombamento pela Secretaria de Cultura do Estado, que, entretanto, não foi efetivado. Continuava o processo de deterioração do Estoril, com a frequência de público já diminuída:

*"Ninguém em volta notou que o prédio caía aos poucos, a praia se urbanizava, os tempos eram outros. Os da geração 64/75, já melhores de vida, foram se afastando. Iam só de passagem. Assim como quem tem uma avó velha que mora longe e temos obrigação. A velha era o Estoril do começo dos anos 90".<sup>103</sup>*

Em 1992, com o objetivo de transformá-lo num centro cultural, a Prefeitura desapropria o imóvel e, no ano seguinte, efetua o seu tombamento. O interesse pelo edifício dá-se num momento em que a Praia de Iracema passa a ser requalificada para a atividade turística, como demonstra o depoimento do diretor de turismo da Fundação de Cultura de Fortaleza: "A Praia de Iracema já é uma zona especial de turismo na cidade. O Estoril poderá canalizar vários acontecimentos culturais que visam movimentar a cidade nesse sentido"<sup>104</sup>. (

<sup>102</sup> Jornal O Povo, 24 de junho de 1989. Reabertura do Estoril autorizada por Ciro.

<sup>103</sup> Tribuna do Ceará, 15 de janeiro de 1996. Estoril ou Ex-toril.

<sup>104</sup> Jornal O Povo, 16 de janeiro de 1993. Calçada da Beira-Mar à Praia de Iracema terá 8 quilômetros.

Jornal *O Povo*, 16.04.93). Quanto à idéia de transformá-lo num centro cultural, cuidava-se de implementar uma das atribuições conferidas à Fundação Cultural pela Lei Orgânica Municipal, qual seja a de criar centros culturais nos bairros (Artigo 243). Um técnico da Prefeitura informa alguns aspectos da decisão:

*"Como a Praia de Iracema estava num 'boom' (...) essas coisas a gente tem que entender também, o Cláudio<sup>106</sup> questionou: por que não o primeiro centro cultural de bairro na Praia de Iracema? Porque era bairro assim mais afeito a esse tipo de coisa. Em reunião de Secretários, foi decidido que o primeiro bairro a ter centro cultural seria a Praia de Iracema. Que prédio? Estoril, pela sua história."*

Entretanto, em abril de 1996, o edifício desaba, não resistindo às fortes chuvas daquele mês<sup>107</sup> (FIG.73). O fato é largamente noticiado e são diversos os depoimentos indignados diante do "assassinato histórico", como definiu Aírton Monte. O prefeito Antônio Cambraia assume, então, o compromisso de sua imediata reconstrução, para funcionar como centro cultural. O técnico explica a concepção do projeto:

*"Quando ele caiu, a idéia era fazer diferente. Mas a maior resistência foi da Fundação Cultural, ligada ao meio cultural da Praia de Iracema: 'Queremos o Estoril de novo'. Por que prédio novo? Porque poderia fazer programa novo. É difícil mexer com a memória da cidade. Houve comoção..."*

Com pequenas alterações em relação à planta original e a alguns elementos ornamentais, o edifício foi reconstruído à semelhança do velho Estoril, inaugurado em maio do ano seguinte, passando a funcionar como um espaço para eventos culturais, além de abrigar um bar e restaurante. Atualmente, é essa última função que prevalece, voltado, sobretudo, para um público de turistas.

#### *O Estoril como Patrimônio Cultural*

Como foi visto, há diversos edifícios contidos numa mesma forma espacial, suscitando recordações distintas, como ilustra o depoimento do filho do primeiro proprietário do imóvel, José Magalhães Porto, em 1977, quando o Estoril era

<sup>106</sup> O técnico refere-se a Cláudio Pereira, que então presidia a Fundação de Cultura de Fortaleza.

<sup>106</sup> Entrevista em junho de 2000.

<sup>107</sup> Inicialmente, desabou a torre e grande parte da edificação. Depois, durante as obras de reconstrução, ruiu o restante.

considerado o "QG da boemia intelectual": "Hoje, não gosto nem de passar defronte à casa onde fui menino feliz, ao lado de meus pais e meus irmãos. Acho que a transformação de nossa casa foi uma deterioração. Um lar bem constituído ali viveu (...) E hoje? Nada mais do que uma casa noturna, por onde não deixa de desfilarem uma série de vícios e maus costumes (...)"<sup>108</sup>.

Prevalencia, contudo, uma visão mitificada da antiga Vila Morena, *locus* privilegiado da Iracema boêmia e idílica. Em diversos discursos, comparecem, mesmo por simples desinformação, impropriedades ditas no sentido de conferir distinção ao edifício, como, por exemplo, a afirmação de que sua arquitetura "mistura o barroco metropolitano com o colonial sertanejo"<sup>109</sup> ou que "é a única construção de taipa que se conhece com mais de um pavimento"<sup>110</sup>. Da mesma forma, há outros depoimentos de pessoas autorizadas política ou intelectualmente, expressando valores que legitimam uma visão idealizada do edifício. Nesse sentido, é ilustrativo o julgamento que faz do Estoril o ex-prefeito de Fortaleza e atual titular da Secretaria Municipal de Cultura, o poeta Barros Pinho. Segundo reportagem do Jornal O Povo, para ele :

*"O Estoril é o encontro do passado com o presente e ponto para o futuro da cidade: "Lá as noites levam os intelectuais a baterem com a testa no sof". Acredita que é muito mais que um simples símbolo: "É uma realidade argamassada no sonho, na solidão e na ânsia de uma Fortaleza sentimental".<sup>111</sup>*

Entretanto, já se passaram quinze anos da fala do ex-prefeito e, como ensina Milton Santos, não há um sentido fixo presente numa forma espacial, dado que "o espaço é um sistema de valores, que se transforma permanentemente" (1997:83). A ascensão do Estoril a patrimônio cultural remonta àqueles anos, a partir do movimento encetado por grupos a ele afeitos. Contudo, a sanção oficial, através do tombamento, dá-se no contexto de turistificação da Praia de Iracema,

<sup>108</sup> Nogueira, Carvalho. A Vila Morena dos Porto. O Estoril dos Boêmios. Jornal O Povo, 28 de agosto de 1977.

<sup>109</sup> A afirmação é de Oswald Barroso e Silas de Paula, utilizada, posteriormente, com frequência, em textos que versam sobre o Estoril, como na justificativa ao projeto que resultou na lei de proteção do imóvel. Não existe um estilo denominado "barroco metropolitano" nem tampouco um "colonial sertanejo".

<sup>110</sup> Grande parte dos edifícios da arquitetura colonial brasileira foram construídos de taipa ( taipa de pilão), a exemplo de importantes conjuntos residenciais urbanos, com edificações de mais de um pavimento, como Ouro Preto. Mesmo a taipa de sopapo, menos resistente, utilizada no Ceará, foi o método construtivo adotado, algumas vezes, em casas assobradadas no interior do Ceará.

<sup>111</sup> Leite Filho, Rogaciano. Estoril, a luta pela preservação da história. Jornal O Povo, 14 de junho de 1986.

quando há uma apropriação daqueles sentidos consignados ao edifício visando sua inserção numa outra ordem. Conforme referido, apesar dos discursos a favor de sua preservação após a aprovação da lei que instituiu normas de proteção, o pouco interesse do poder público no caso acarretou a destruição do edifício, causando comoção junto a alguns segmentos, que passaram a exigir sua reconstrução. A exigência afetiva de grupos com prestígio intelectual, associou-se a possibilidade de se fazer uso de uma memória "adequada" para fortalecer a Praia de Iracema como um lugar de tradição, gerando novo interesse para com o Estoril. Tal fato remete à noção do patrimônio como "capital cultural", como define Canclini (1994:97):

*"A reformulação do patrimônio em termos de capital cultural tem a vantagem de não representá-lo como um conjunto de bens estáveis e neutros, com valores e sentidos fixos, mas sim como um processo social que, como o outro capital, se acumula, se renova, produz rendimentos de que os diversos setores se apropriam de forma desigual".*

Cabe destacar que a reconstrução de um edifício que deixou de existir é fato inédito em Fortaleza. Num passado recente, nas décadas de 1970, 1980 e 1990, edificações de importância histórica e arquitetônica, como o prédio da Fenix Caixerai, no centro da cidade e a Itapuca Vila (FIG.20), em Jacarecanga, foram destruídas sem maiores repercussões. Além desses imóveis, de notório valor no contexto estadual, convém lembrar a existência de outros edifícios, outros bares, outros locais, espalhados pelos bairros da cidade, sem visibilidade ou prestígio para se tornarem patrimônio.

A reconstrução do Estoril inscreve-se, assim, como mais um importante evento de consagração da memória boêmia da Praia de Iracema. Abandonado nos anos anteriores à sua ruína (como uma "avó velha"), pois o grupo que o freqüentava havia se dispersado, restava ao Estoril a função de "lugar de memória", na concepção de Nora (1989:14,15):

*"A memória transformada por sua passagem em história: (...)Ela se apoia inteiramente sobre o que há de mais preciso no traço, mais material no vestígio, mais concreto no registro, mais visível na imagem.(...)Menos a memória é vivida do interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através delas.(...) O sagrado investiu-se no vestígio que é a sua negação".*

A reconstrução da ex-Vila Morena possibilitou uma acentuada utilização política, tornando-o um dos principais símbolos da reurbanização da Praia de

Iracema como a possibilidade de uma Fortaleza mais "humana e saudável", lema das administrações de Juraci Magalhães e Antônio Cambraia. Em maio de 1995, a Prefeitura implementou um intenso calendário de atividades, para comemorar o suposto aniversário do bairro, coroado com a reinauguração do edifício. Na placa que assinala esse acontecimento, pode-se ler: "31 de maio de 1995 – Reinauguração do Estoril – 70º Aniversário da Praia de Iracema", estabelecendo o ressurgimento do edifício e da praia, sete décadas após ter deixado de ser a Praia do Peixe<sup>112</sup>.

Contudo, a mitificação do Estoril transcendeu aquele contexto político, sendo apropriada por outros segmentos. A história da edificação, envolta numa certa magia de boémia e romantismo, onde, aparentemente, não há conflitos, seja de classes, seja de visão de mundo, autorizava a sua utilização como símbolo de uma Fortaleza desejável. Esse aspecto pode ser ilustrado com a análise de algumas imagens, como a capa do "Guia de Fortaleza", a lista telefônica do ano 2000, ilustrado com o trabalho de Isabella de Araújo Costa Lima, intitulado "Vila Morena", onde o edifício é anunciado como "uma jóia do nosso patrimônio histórico e mais um motivo de orgulho do povo cearense" (figura que ilustra a capa desta dissertação). O Estoril é representado em meio a um jardim com árvores frutíferas e profusão de espécies ornamentais, animais como araras e pavões, uma fonte jorrando água e, até mesmo, um pequeno lago com cisnes. Apesar de evidências de que alguns desses elementos possam ter existido<sup>113</sup>, o edifício surge numa concepção idealizada, qual o éden. Outra utilização consiste na freqüente inserção de fotografias do edifício em cartões postais, em meio a outros locais que, supostamente, expressam a cidade de Fortaleza (FIG.76 e 77).

Uma imagem significativa refere-se ao material gráfico da campanha do candidato do Partido Comunista do Brasil, Inácio Arruda, nas eleições para

<sup>112</sup> O suplemento "O Povo nos Bairros", do Jornal O Povo, de 22 de maio de 1992, informa da existência de da Lei Municipal N°3548, de 1968, que estabelece o dia 23 de maio como o "aniversário" da Praia de Iracema. Entretanto, numa pesquisa feita no arquivo da Câmara Municipal de Fortaleza, a referida lei não foi localizada.

<sup>113</sup> Numa matéria jornalística da década de 1980, há o depoimento de uma antiga moradora da Praia de Iracema, Maisa Mota, sobre a Vila Morena: "Um lugar muito bonito. O coronel criava uma variedade de aves. Cisnes brancos e pretos viviam num pequeno lago artificial" (Leite Filho, Rogaciano. Jornal O Povo, 02 de agosto de 1985. "Praia de Iracema: saudade e resistência" (02/08/85).

prefeito de Fortaleza, no ano 2000, onde se percebe que tanto os segmentos identificados com a esquerda quanto os de direita fazem uso da Praia de Iracema como ícone. O candidato foi apoiado por todos os partidos de esquerda e, pela primeira vez desde a ascensão do PMDB à Prefeitura de Fortaleza, em 1990, a hegemonia daquele grupo político foi ameaçada. O referido material contém os mesmos elementos do folder do "Encontro da Cidade – Fortaleza 274 anos", promovido pela coligação que o apoiava, naquele mesmo ano (FIG.78 e 79). Em sequência, num "passeio do oeste para o leste de Fortaleza, aparecem os lugares que, certamente, objetivam "traduzir" a cidade: o Teatro José de Alencar, a réplica da Coluna da Hora, a Catedral Metropolitana, o monumento do Cristo Redentor, o Estoril, a antiga estátua de Iracema e o Farol do Mucuripe.

#### *Centro Cultural ou Restaurante?*

Conforme referido, o Estoril foi reconstruído para funcionar como um "espaço irradiador de arte e cultura", pois, como afirmou o funcionário da Prefeitura, "(...) O bairro padrão para iniciar um negócio desses era a Praia de Iracema"<sup>114</sup>. Contudo, atualmente, prevalece a função de restaurante, restando apenas o pavimento superior para a Fundação de Cultura de Fortaleza. Ocorreu uma privatização do espaço público, como assinala a mureta que foi posteriormente construída, separando do calçadão seu território asséptico, vigiado por um segurança que permanece bem defronte à piscininha. Quanto ao uso, uma imagem ilustra a distância do que ora existe para o que foi antes concebido (abrigar um centro de cultura): no entardecer do dia 12 de junho de 2000, "Dia dos namorados", o Restaurante Estoril estava sendo decorado com grandes corações de balões vermelhos, num veemente convite ao usufruto do cardápio especial que seria oferecido naquela segunda-feira (FIG.75).

Outro momento significativo foi um evento promovido pelo restaurante reunindo seus antigos frequentadores, naquele mesmo mês. Segundo rezava o convite, "uma confraternização com os amigos que vivenciaram as grandes noites do Casarão Vila Morena (...) Um raro momento de reencontro com um passado ainda recente, em que poetas, intelectuais e boêmios criaram e preservaram a história da arte e da inteligência do Ceará". Segundo a promotora de eventos da

casa, a idéia era "trazer de volta o pessoal", fazendo com que ocupassem um "cantinho" do Estoril (junto ao bar, na área externa), um lugar que não era muito usado, mais escuro, para que se sentissem "mais a vontade". Compareceram cerca de 60 pessoas, numa festa em que houve alguns discursos e música da década de 70. Algumas sugestões foram feitas no livro de assinaturas: "mesa sem toalha, tira-gostos mais simples", "descontrair o ambiente, pendurar a conta"; "que, ao chegarmos, tenhamos liberdade de sairmos quando bem entendermos. Não nos cobrem posturas, trajes, etc"; "Não às toalhas chiques, aos maitres de sorriso forçado... Mas também um sim aos poetas maravilhosos! Deixe(...) umas mesas para que os poetas subam em cima para falar o que estiverem sentindo, deixe um ou dois pratos mais em conta para aquele petista que não tenha tanto dinheiro...".

Na intenção de uma homenagem à memória que legitimou a reconstrução do edifício, os protagonistas dos eventos que consagraram aquele espaço, num determinado momento, foram transformados em instrumentos de uma especulação simbólica. Ao uso político de uma memória, objetivando um referendun à implantação de um centro cultural, que reforçaria a desejada idéia de tradição do bairro, sucedeu uma utilização enquanto mercadoria, com a possibilidade de ser, até mesmo, consumida como mais uma atração no espaço alegórico, próprio para o turismo, do novo Estoril.

### 3.6. A Ponte dos Ingleses

*"A restauração da Ponte não será de forma agressiva, mas respeitando os públicos, que durante todos estes anos souberam preservar um dos mais autênticos signos da cearensidade".*

*(Paulo Linhares)<sup>115</sup>*

Conforme já referido, a Ponte dos Ingleses, construída no início da década de 1920, foi assim denominada numa alusão à firma Norton Griffts Co., responsável pela obra. A sua implantação objetivava melhorar as condições de desembarque, pois o porto da cidade funcionava, precariamente, na Ponte da

<sup>114</sup> Entrevista à autora, em maio de 2000.

<sup>115</sup> Jornal O Povo, 03 de junho de 1995. Suplemento O Povo nos Bairros. Projetos agregam cultura e arte.

Alfândega (ou Ponte Metálica). Entretanto, resultando inacabada, nunca funcionou como ancoradouro, passando a ser utilizada para atividades lúdicas diversas, como passeios, pescaria, etc. Num depoimento datado de 1990, uma antiga moradora da Praia de Iracema contava "com saudosismo o tempo em que os poetas e pessoas de elite passeavam por aquele local..."

Durante os anos em que o Estoril congregou pessoas do meio artístico e a intelectualidade boêmia, a Ponte dos Ingleses (ou Ponte Velha) como passou a ser chamada<sup>116</sup>, que fica a pequena distância (FIG.72), foi intensamente utilizada por um público identificado, também, com o restaurante. "Uma ponte para o céu", "Uma ponte que leva ao pôr do sol" foram, entre outras, expressões usadas para designá-la e que ilustram o usufruto daquele espaço: encontros, rodas de conversa, violão e o descortino da bela paisagem. Referindo-se à década de 1970, um freqüentador da Praia de Iracema, querendo qualificar como "hippie" o público usuário da ponte, afirmou: "Pra lá, ia o pessoal do *mato*". A população do bairro também usava a ponte, principalmente para pescar ou como trampolim para mergulhos no mar.

Por nunca ter passado por reparos, a Ponte Velha foi apresentando contínua deterioração em sua estrutura. Em 1989, o mesmo autor do projeto de lei que instituiu normas de preservação para o Estoril, vereador Samuel Braga, encaminhou proposta semelhante para a Ponte dos Ingleses, argumentando, na justificativa: "Pescaria, surf, lazer, contemplação, sem esquecer ainda o turismo, é tudo que a velha ponte pode oferecer ao povo fortalezense, principalmente aos boêmios e aos amantes da natureza". Reforçando uma imagem da ponte identificada com alguns segmentos, uma matéria jornalística daquele ano afirmava: "Por que preservar a ponte metálica? Além de ser um ponto turístico, aglutinando pessoas dos mais diversos tipos (*inclusive as que não têm nada a ver com o ambiente*) [ grifo meu ], de lá pode-se ver bellissimo pôr-do-sol"<sup>117</sup> Apesar da legislação que estabelecia normas de preservação e conservação<sup>118</sup>, a ponte continuou abandonada, tendo sido interditada em 1990, dado o comprometimento de sua estrutura. O descaso, denunciado com freqüência pela imprensa, persiste até 1994, ano em que é anunciada, pelo Governo do Estado, a sua reforma. Na

<sup>116</sup> A Ponte dos Ingleses também é chamada, equivocadamente, de ponte metálica. Essa forma de designação cabe à outra ponte, dita da Alfândega, mais antiga.

<sup>117</sup> Jornal O Povo, 24 de abril de 1989. Iracema defende sua ponte.

<sup>118</sup> Lei Nº6512 de outubro de 1989

ocasião, declarou o então Governador Ciro Gomes: "A Ponte Metálica é um símbolo de Fortaleza que não pode ficar decomposto. Ela é um espaço de afirmação de nossa identidade cultural. Foi aqui que a cidade começou".<sup>119</sup> Esse discurso laudatório agrava mais ainda o esquecimento da outra ponte, a verdadeira Ponte Metálica, ou Ponte da Alfândega, que efetivamente funcionou como o porto da cidade, um importante marco referencial da história da cidade, que permanece abandonada. (FIG.80,81 e 82).

Percebe-se, através desses discursos, que a Praia de Iracema passa a ser encampada, também, pelo Governo do Estado, como o espaço de referência simbólica da cidade. Na época, o calçadão já havia sido implantado e estava em curso a reconstrução do Estoril. A reforma foi concebida para a ponte tornar-se o primeiro módulo da implementação de um projeto de grande impacto, o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, ambos realizados segundo projetos dos arquitetos Fausto Nilo e Delberg Ponce de Leon. Cobia, pois, construir o caráter da ponte como espaço portador de amplos significados para a cidade, e não apenas para alguns grupos. A ponte ressurgue com feição pós-moderna, com a adoção de novos elementos arquitetônicos que concorreram para fixar uma nova imagem, passando a abrigar outros usos, mais apropriados para o consumo do turismo.

Para Linda Gondim, a intervenção do Governo do Estado consistia em estratégia de reconquista de uma hegemonia perdida desde 1990, quando o grupo do médico Juraci Magalhães, do PMDB, assume a Prefeitura de Fortaleza:

*"Nesse contexto, pode-se interpretar como tentativa de reconquistar a hegemonia política na capital as diversas intervenções do governo estadual no espaço urbano de Fortaleza, uma vez que estas não se resumem a projetos de impacto regional ou de caráter metropolitano (...); incluem, também, projetos de âmbito mais restrito, como a urbanização da Ponte dos Ingleses e o Centro Cultural Dragão do Mar, ambos na Praia de Iracema, nos quais a Prefeitura não tem participação". (Gondim, 2000:19).*

A Praia de Iracema configura-se, assim, como espaço de enfrentamento político de grupos distintos (ver item 2.8), que se utilizam de discursos que visam reforçar a tradição do bairro, que abrigaria lugares de "afirmação cultural", "signos de cearensidade". Nesse sentido, vale registrar um protesto público sobre aquelas intervenções no bairro, expressando que as decisões de política urbana e cultural

<sup>119</sup> Jornal O Povo, 17 de junho de 1994. Governo Estadual gastará U\$500 mil na Reforma da Ponte.

não são consensuais, mas permeadas pelo conflito. Trata-se de um artigo de autoria de Themístocles de Castro e Silva, um jornalista conservador e defensor dos governos militares. Intitulado "Ponte" e "Estoril"<sup>120</sup>, o jornalista faz uma crítica ao Governo do Estado e à Prefeitura pelos investimentos feitos na recuperação daqueles lugares, argüindo que "não representa[m] nada para o Ceará, em matéria de história ou cultura":

*"Ao contrário do que afirmou Fagner, aquilo[ a ponte ] nunca inspirou ninguém, pelo menos no bom sentido. Muito ao contrário, virou antro de marginais, pederastas e prostitutas. (...) É apenas a banda de uma obra que não deu certo".*

O jornalista refere-se às obras de recuperação por que passara o Passeio Público - "O Passeio, sim, tem valor histórico" - lamentando, também, que "continua a ser o que era: antro de prostituição e de marginais". Entretanto, integrante de outro grupo, afirma a memória que lhe é cara:

*"De qualquer maneira, porém, o Passeio, durante o dia, lembra Fortaleza da década de 40, com o Bar Caio Prado cheio de intelectuais de verdade... (...) Mas a "Ponte dos Ingleses", que estão chamando de "Ponte Metálica", não lembra nada. Temos, no interior, restos de pontes muito mais importantes."*

Dando seqüência à crítica, o Estoril é classificado apenas como "um pardieiro como qualquer outro", "um modesto restaurante de fim de farra. E nada mais":

*"Com o movimento de 64, a esquerda o elegeu para seus encontros e suas rodadas de bebida. Nunca foi "foco de resistência" coisa alguma. Há dias, na TV, numa espécie de mesa-redonda sobre a "importância histórica" do Estoril, uma senhora saiu-se com esta: -"Eu fui militante do Estoril"."*

Com a mesma visão, Themístocles de Castro e Silva refere-se, ainda, ao Cirandinha, afirmando que tentaram criar uma polêmica em torno daquele restaurante: "Nunca foi além de uma churrascaria de segunda classe, mas por pouco não batizaram de "monumento histórico" ou coisa que o valha". Retomando o apelo em relação à inoportunidade das obras da ponte e do Estoril, conclui: "A história e a cultura do Ceará estão sendo vítimas de um embuste".

O artigo do jornalista remete à constatação de Halbwachs (1990) de que há tantas memórias quantos sejam os grupos. Sem entrar no mérito dos argumentos utilizados, impõe-se reconhecer que a construção dos referidos

<sup>120</sup> Jornal O Povo, 28 de junho de 1994.

lugares como patrimônio está estreitamente vinculada às vivências de grupos restritos e apresentada como se fosse consensual para toda a cidade.

Conforme referido, os discursos que justificam aquelas intervenções diluem os conflitos, a exemplo do desprezo pela Ponte Metálica, que tem resistido, qual a comunidade do Poço da Draga, situada em suas imediações, e que pode vir a ser tragada pela voracidade do Centro Multifuncional de Feiras e Eventos, o megaprojeto que ameaça instalar-se naquele lugar. Os discursos também dissimulam relações de poder, amenizadas sob o signo da cultura e da beleza, através do uso das memórias de alguns grupos sociais para legitimar intervenções que favoreciam a imagem política de seus promotores, no contexto da emergência de uma Fortaleza palatável para o consumo do turismo, "moderna" e "desejável".

## CONCLUSÃO

A Praia de Iracema parece estar sempre sendo reinventada. No começo, em substituição à singela denominação de Praia do Peixe, seu novo nome a insere nos padrões de uma sociabilidade refinada, que perdura até a destruição, pelo mar, de uma porção de seu território, passando a ser chorada como o espaço idílico do *dolce far niente* de um tempo em que todos eram felizes... Depois, passou a ser identificada como um lugar um tanto *underground*, escolhida, nas décadas de 1950 e 1960, pela "boêmia seresteira" e, nas duas décadas seguintes, pela "boêmia intelectualizada". Na década de 1990, o bairro renasce para novas apropriações, privilegiado como o *locus* do lazer e do turismo. Desde então, as invenções adquiriram nova escala: requalificada uma porção de seu território como espaço "histórico e tradicional", referendada pela legislação urbanística específica para a área, o bairro tem seus limites ampliados informalmente para conter o Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, que potencializa sua imagem como lugar de uma fruição elitizada. Mais recentemente, suas fronteiras têm-se expandido em direção ao mar, anunciando a onipresença da Praia de Iracema, seja no areal criado com a justificativa de trazer de volta a antiga praia, seja na proposta do governo estadual de uma grande península artificial, caso do Centro Multifuncional de Feiras e Eventos, que surge no rastro do Dragão.

Pode-se, assim, afirmar que a Praia de Iracema, qual o personagem de Alencar, tem sido reinventada para tornar-se uma tradição local. Vale lembrar que, para legitimar sua obra como uma lenda do Ceará, o grande romancista afirmou, poeticamente, sobre *Iracema*: "uma história que me contaram nas lindas várzeas onde nasci, à calada da noite, quando a lua passeava no céu argenteando os campos, e a brisa rugitava nos palmares"(apud Braga,1965:33). No que se refere ao bairro homônimo, há, como foi visto, a hegemonia de algumas memórias a dar sustento e legitimação à imagem do lugar como um espaço tradicional, apoiado num suposto passado de ouro, o paraíso do lúdico ou do "cultural".

Impunha-se, pois, compreender a construção social daquelas memórias e os elementos que a compunham. Por outro lado, cuidava-se de revelar que há

outras memórias que pulsam nos interstícios da Praia de Iracema. Assim, meu objetivo foi decifrar, através de um processo interpretativo, que tradições foram invocadas para legitimar a requalificação de espaços da Praia de Iracema, tornando-os adequados para a fruição do turismo e do lazer, buscando, também, decifrar "se, em que medida e como as formas simbólicas servem para estabelecer e sustentar relações de dominação nos contextos sociais em que são produzidas, transmitidas e recebidas" (Thompson, 1995:18).

A pesquisa mostrou que a utilização conveniente das memórias que se tornaram "honoráveis" obscureceu a diversidade de comunidades que compõem o bairro. No espaço cenográfico e iluminado em que tem se convertido a Praia de Iracema, revela-se, pois, a exclusão social, podendo-se afirmar que persiste, em nova versão, o objetivo "civilizatório" iniciado quando da utilização daquele espaço, por novos grupos, nas primeiras décadas do século passado. Nesse sentido, é oportuna a advertência que faz Magnani (Magnani & Morgado, 1996:180):

*"Decisões relativas ao uso do espaço não podem ser tomadas em função de apenas uma lógica que supostamente decide o que é bom, conveniente e bonito para a cidade: há outros pontos de vista, decorrentes da existência de outros atores sociais com suas tradições, modos de vida, hábitos – igualmente legítimos (...)"*.

Como tem sido evidenciado por diversos autores (entre os quais Halbwachs, 1990; Bosi, 1987), a garantia do pleno usufruto de um espaço por um determinado grupo é condição necessária para a permanência de uma memória. Assim, entende-se o depoimento do filho de Pedro Garoupa, morador do bairro, quando afirma que tem saudade do tempo em que, na sua rua, "todo mundo era compadre". No que se refere a formas de apropriação do espaço, é significativa sua queixa, que vai de encontro à visão que parece consensual: "O calçadão acabou com o lazer da Praia de Iracema ...".

Entretanto, cabe enfatizar que não se busca sacralizar a presença desses grupos, estabelecendo novas "mitologias" (Paoli, 1992:27). Iluminar sua existência foi a possibilidade de estabelecer um contraponto, uma tensão no aparente consenso de uma visão instituída que não tem contemplado as memórias sem "prestígio", a qual tem permeado decisões de política urbana para a Praia de Iracema, com importantes desdobramentos no que se refere à utilização do espaço público. Nesse sentido, importa utilizar a memória social como esteio para

a valorização de espaços que acolhem o cotidiano dos diversos grupos sociais, sobretudo os de menor renda, que não dispõem de capital econômico ou intelectual para a disputa desigual numa cidade que se reproduz sob o primado da fruição turística.

Por outro lado, a mesma visão que tem consagrado a memória de alguns grupos sociais também tem embotado a importância da preservação de conjuntos arquitetônicos, que, como páginas escritas (Calvino, 1990), permitem compreender a evolução urbana de Fortaleza, contribuindo para consolidar a memória da cidade e, em consequência, para a construção da cidadania. Como lembra Hobsbawm (1984), toda mudança precisa da sanção do precedente, uma advertência necessária para uma metrópole que tem subvertido, violentamente, práticas, saberes e lugares historicamente consagrados, como se tivesse um destino inexorável a cumprir...

FIGURAS



**PLANTA DA CIDADE DE FORTALEZA, ELABORADA PELO PADRE MANUEL DO REGO MEDEIROS, EM 1858, APRESENTANDO O TRACADO EM XADREZ E A EXPANSÃO DA ÁREA EDIFICADA. OBSERVA-SE A OCUPAÇÃO NAS IMEDIAÇÕES DA RUA DA ALFÂNDEGA, ATUAL RUA DRAGÃO DO MAR.**

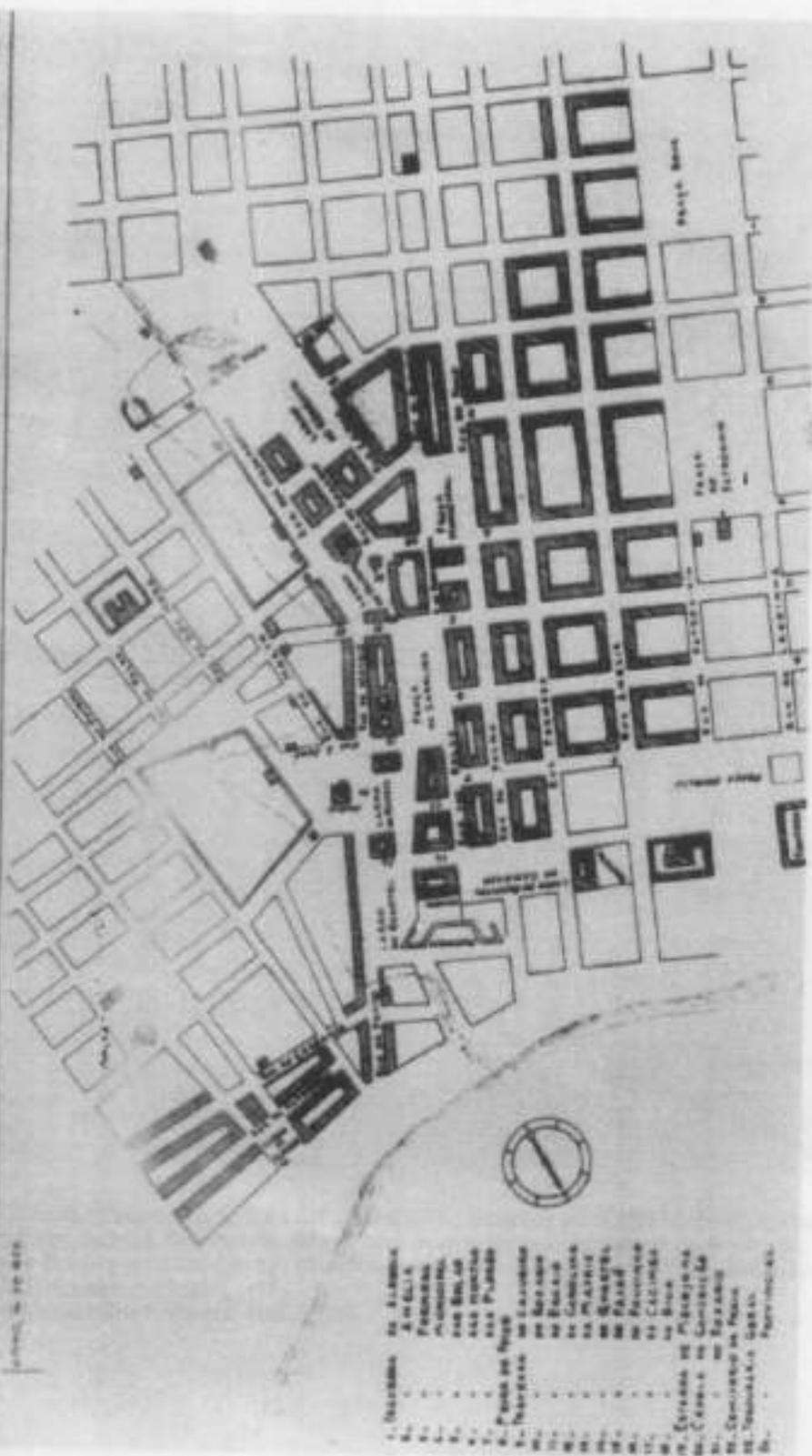


FIGURA 2 - Planta da cidade de Fortaleza, elaborada pelo Padre Manuel do Rego Medeiros, em 1858, apresentando o traçado em xadrez e a expansão da área edificada. Observa-se a ocupação nas imediações da Rua da Alfândega, atual Rua Dragão do Mar. (Fonte: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1980, p. 22)

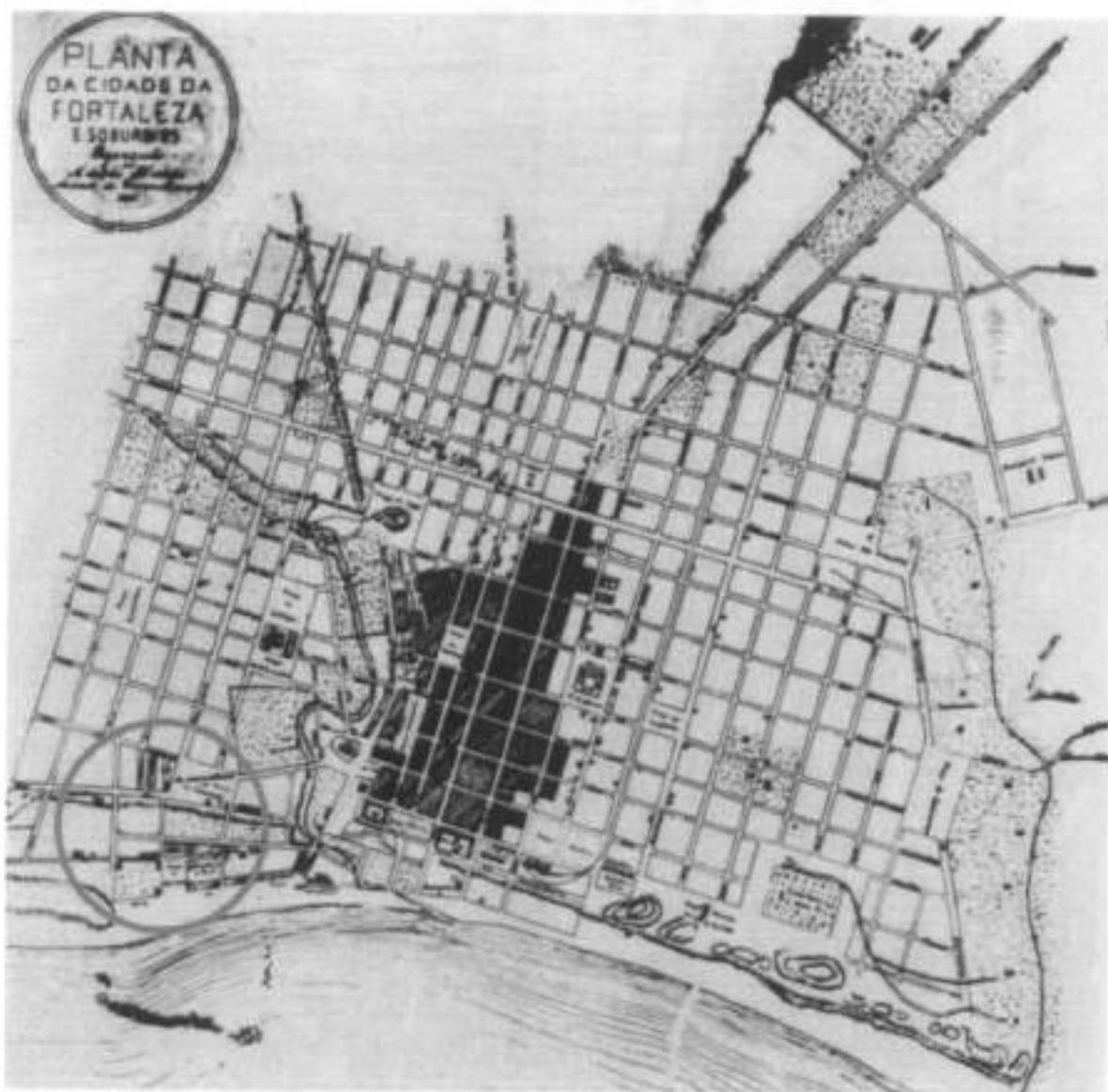


FIGURA 3 - "Planta da cidade de Fortaleza e Sobúrbios/1875", realizada por Adolfo Herbster. Apresenta a área efetivamente ocupada, definida pelo circuito de avenidas integrados pelo Boulevard do Imperador, Boulevard Duque de Caxias e Boulevard da Consolação (Avenida Dom Manuel). Mostra, também, a expansão da cidade. (Bairro da Prainha indicado com círculo).  
(Fonte: Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1980, p. 26)



**LEGENDA**

- 1 Poço da Draga
- 2 Armazéns do Porto
- 3 Antiga Alfândega
- 4 Seminário da Pratinha
- 5 Av. Monsenhor Taboia
- 6 Rua Dragão do Mar
- 7 Torres Telegráficas
- 8 Coqueiral da Maria Júlia
- 9 Av. Rui Barbosa

Faixa praiana do bairro, vinculada ao balneário.

FIGURA 4 - Planta de Fortaleza, em 1929. A planta mostra que a área ao norte da atual Avenida Historiador Raimundo Girão já estava toda loteada. Apareceram as torres de telegrafia que ficavam na Praia de Iracema, os armazéns do porto, os edifícios da velha Alfândega, entre outros lugares. (Fonte: Arquivo da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Territorial)



**FIGURA 5 - Levantamento integrante do Plano de Remodelação e Extensão da cidade de Fortaleza, de autoria de Saboya Ribeiro.**  
 (Fonte: Arquivo Secretaria Municipal de Desenvolvimento Territorial)



**LEGENDA**

- Baixo da Praia de Iracema
- Eixos Viários
- ⋯ Eixo Ferroviário

FIGURA 6 - Planta da cidade de Fortaleza, com indicação de alguns bairros e principais vias.



FIGURA 7 - Fotografia aérea, com indicação dos limites oficiais do Bairro Praia de Iracema.  
(Fonte: CD-ROM Fortaleza Digital/Foto: Aerofoto Nordeste)



FIGURA 8 - Levantamento Aerofotogramétrico de Fortaleza.



**LEGENDA**

- 1 Antiga Alfândega (atual Caixa Econômica)
- 2 Casa Borris
- 3 Centro Dragão do Mar de Arte e Cultural
- 4 Biblioteca Pública
- 5 Edifício DNOCS
- 6 Estoril
- 7 Igreja de São Pedro
- 8 Hotel Iracema Plaza

SETOR 1 - Área de revitalização urbana. Incentivo aos usos habitacionais, cultural, de lazer e hotelaria, permitindo a construção de edificações com até 16 pavimentos.

SETOR 2 - Área de preservação urbana. Manutenção dos ambientes no que se refere aos usos e gabaritos (máximo 3 pavimentos)

SETOR 3 - Área de renovação urbana. Estímulo à renovação urbana, com incentivo aos usos de habitação e hotelaria

FIGURA 9 - Área de Interesse Urbanístico da Praia de Iracema (Lei No. 7814 de 30/10/1995)



**LEGENDA**

- 1 Escultura Aescal
- 2 Ponte dos Ingleses
- 3 Estoril
- 4 Piscininha
- 5 Praça Jäder Carvalho
- 6 Largo do Mincháfia
- 7 Largo Luís Assunção
- 8 Arcos
- 9 Local do Banco
- 10 Escultura Zenon Barreto
- 11 Lanchonete Bebelu

FIGURA 10 - Planta do Calçadão da Praia de Iacema



FIGURA 26 - Capa de um exemplar da Revista Fortaleza, do ano de 1935, onde a Praia de Iracema figura entre os principais ícones urbanos de Fortaleza.  
(Fonte: Arquivo Nirez)



FIGURA 27 - Embalagem do Sabonete Iracema, do ano de 1928, um dos muitos produtos designados com o nome do personagem de Alencar (Fonte: Arquivo Nirez)



FIGURA 28 - Embalagens dos cigarros Deus e Mar e Imperador, da Fábrica de Cigarros Iracema, de 1928. A primeira mostra o monumento ao Cristo Redentor, na Praia, nas imediações da Praia do Peixe, inaugurado em 1922. A segunda traz a imagem de D. Pedro II, ao lado da famosa frase: "Sacrificarei o último brilhante da minha coroa, mas não morrerá um cearense de fome". A figura de Iracema aparece representando o Ceará. (Fonte: Arquivo Nirez)



FIGURAS 31 e 32 - Casas populares situadas à Rua Dragão do Mar, remanescentes da ocupação inicial daquela via.  
(Fotografia: Valéria Jacinto/novembro de 2001)



FIGURAS 33 e 34 - Casas da década de 1930, situadas à Rua Tigipiô, exibindo feição Art Decó. Os exemplares da FIGURA 33 ainda apresentam alguns elementos da arquitetura eclética.  
(Fotografia: Valéria Jacinto/novembro de 2001)



FIGURAS 35 e 36 - Edifícios de apartamentos das décadas de 1950 e 1960, situados à Rua Ararius.  
(Fotografia: Valéria Jacinto/novembro de 2001)



FIGURAS 37, 38 e 39 - Aspectos de usufruto da calçada da Rua Padre Justino, onde subsistem fortes laços de sociabilidade. "A Padre Justino (...) é uma veia muito importante (...) Se tiver um ai, tem um chá". (Fotografia: Valéria Jacinto novembro de 2001)



FIGURAS 40,41 e 42 - Aspectos da preparação da Rua Padre Justino, para o "Forró da Pade", festa junina que mobiliza a comunidade da rua e dos arredores.  
(Fotografia: tirada pela autora, em novembro de 2000)



FIGURA 43 - Exemplar remanescente do casario da década de 1930, exibindo estética Art Decô, situado à Rua dos Potiguaras.  
(Fotografia: Tiago Veras/junho de 2000)



FIGURA 44 - Edifício de apartamentos situado no início da Rua dos Tabajaras, defronte à Ponte Metálica.  
(Fotografia: Valéria Jacinto/novembro de 2001)



FIGURA 45 - Agrupamento de pequenas casas, de frente ao Restaurante Estoril, reformadas para novos usos na década de 1990.  
(Fotografia: Valéria Jacinto/novembro de 2001)



FIGURA 46 - Conjunto de três pequenos sobrados, construído na década de 1980 para abrigar escritórios de arquitetura, situado de frente ao pequeno largo que se denominou Praça Jader de Carvalho.  
(Fotografia: Valéria Jacinto/novembro de 2001)



FIGURA 47 - Edificação situada à Rua dos Tabajaras, esquina com Rua dos Tremembés, concebida com a ideia de aparentar um imóvel antigo que tivesse sofrido uma reforma.  
(Fotografia: Tiago Veras/junho de 2000)



FIGURA 48 - A mesma edificação da fotografia anterior, reformada no ano de 2001.  
(Fotografia: Valéria Jacinto/novembro de 2001)

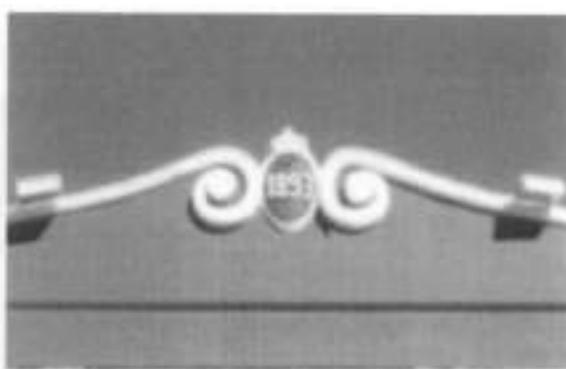


FIGURA 49 e 50 - Antiquário vizinho à Boate Alfândega, situada à Avenida Almirante Tamandaré, uma "invenção" de patrimônio construída na década de 1990. Observar inscrição no frontão: 1893.  
(Fotografia: Tiago Veras/junho de 2000)



FIGURA 51 - Inserção do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura na área dos armazéns do velho porto, alterando o tecido urbano pré-existente. Observar, no meio da fotografia, quadra remanescente do antigo conjunto.  
(Fonte: Postais Panorama/Foto Chacon)



FIGURA 52 - Edificações assobradadas, na quadra em que foi construído o Centro Dragão do Mar de arte e Cultura, reformadas para uso de bares e restaurantes, principalmente.  
(Fotografia: Valéria Jacinto/novembro de 2001)



FIGURA 53 - Conjunto de antigos galpões defronte ao Centro Dragão do Mar de Arte e cultura, com a nova roupagem implementada pelo Projeto Cores da Cidade.  
(Fotografia: Valéria Jacinto/novembro de 2001)

## O charme de "Iracema" vizinho ao Centro Cultural.

Fortaleza vive um boom cujo epicentro é a Praia de Iracema. Por ser geograficamente próxima e quase totalmente tombada pelo patrimônio, tornou-se a zona de valorização mais vertiginosa do país. No alto desse furacão de elegância e beleza, no centro de tudo que é bom ergue-se majestosamente a Residência Dragão do Mar.

### APARTAMENTOS

- ECOLOGICAMENTE: com frente para o mar.
- DEMOCRATICAMENTE: igual a uma vila para o mar.
- LIVREMENTE: mais variedade e tipo (grupos de condôminos).
- Home Theater coletivo com 100 poltronas.
- No cobertura: piscinas, fitness, sauna, salão e bar.
- Segurança máxima, garagens deslocalizadas.
- Restaurantes, salão de jogos (boliche, etc).

Condomínio mínimo opcional.  
R\$ 97,76 / apto. hoje.

Ver placa demonstrativa no local.

Com esta localização não precisa de tantas vantagens.



219.1717  
272.3233

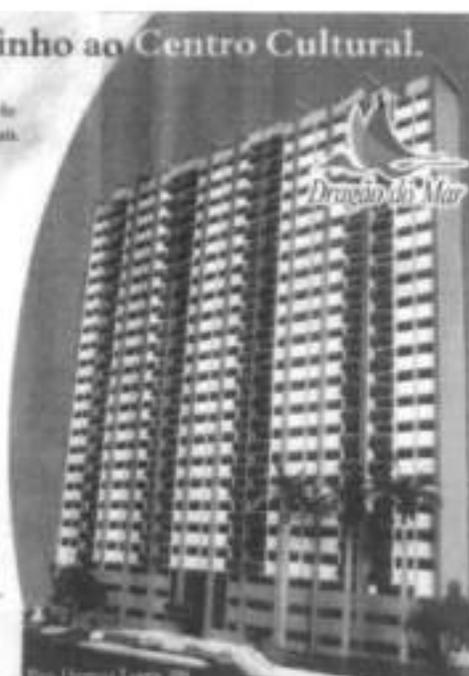


FIGURA 54 - Anúncio de um edifício de apartamentos, evidenciando as vantagens de ser situado na agitada Praia de Iracema.

(Fonte: Jornal O Povo, edição de 4 de dezembro de 2000)

## NA PRAIA DE IRACEMA SEM O REBULIÇO

Prestações a partir de R\$ 405,00

- Programa: 2 quartos, 2 WC, sala ampla com cozinha, varanda e estufa.
- Restaurantes e salão para jogos.
- Colchão e almofadas sob encomenda.
- NÚCLEO TOTAL COM 110,00 m<sup>2</sup> (110,00 m<sup>2</sup> de área)

Rua Tomás Lopes, 200 esquina com Dragão do Mar

219.1717 - 272.3233

FIGURA 55 - Anúncio do mesmo edifício da figura anterior, ressaltando que sua localização dista da agitação do bairro.

(Fonte: Jornal O Povo, edição de 21 de novembro de 2001)



FIGURA 56 - Aspecto do aterro da faixa de praia, entre o espigão à altura da rua João Cordeiro e a Avenida Rui Barbosa. Ao fundo, a Lanchonete Bebelu.  
(Fotografia: Valéria Jacinto/ novembro de 2001)



FIGURA 57 - Lanchonete Bebelu, onde situava-se o restaurante Cirandinha.  
(Fotografia: Valéria Jacinto/ novembro de 2001)



FIGURA 58 - Escultura do artista plástico Zenon Barreto, um marco da implantação do calçadão, em 1994.  
(Fotografia: Valéria Jacinto/ novembro de 2001)



FIGURA 59 - Largo defronte do Edifício Lido, designado como Largo Luis Assunção, local onde era servido o "chá de burro" aos pescadores. Ao longe, vê-se "arcos expectantes".  
(Fotografia: Valéria Jacinto/ novembro de 2001)



FIGURA 80 - Largo do Mincharia, onde foi implantado um quiosque que serve de extensão da Casa do Mincharia (a edificação com paredes de cor rosa, ao fundo da fotografia). Observar os diferentes revestimentos de piso: mosaico no calçadão e pedra portuguesa no local onde havia um sobrado que foi demolido. (Fotografia: Valéria Jacinto/novembro de 2001)



FIGURA 61 - Pintura em parede externa da Casa do Mincharia, retratando o boêmio homenageado (com bonê) e um grupo de amigos. (Fotografia: Tiago Veras/junho de 2000)



FIGURA 62 - Detalhe da fachada da Casa do Mincharia, que, até recentemente, era de acesso exclusivo dos sócios da agremiação. (Fotografia: Tiago Veras/junho de 2000)



**FIGURA 63** - Piscininha da Praia de Iracema, em fotografia de 1997, tirada a partir do enrocamento de pedras que a limita.  
(Fonte: *Jornal Canto da Iracema*, No. 9, dezembro de 1999/Foto: *Tempo D'Imagens*)



**FIGURA 64** - Piscininha, numa manhã de sábado.  
(Fotografia: Valéria Jacinto/novembro de 2001)



**FIGURA 65** - Piscininha vista a partir da Ponte dos Ingleses. A edificação de dois pavimentos, no meio da fotografia, é o Restaurante sobre o Mar. Ao fundo, o Hotel Tabajaras e o Edifício Mirante de Iracema.  
(Fotografia: Tiago Veras/junho de 2000)



FIGURA 66 - O "banco" - um precário assento de madeira, uma pedra, um bloco de concreto feito pelos próprios frequentadores. (Fotografia tirada pela autora/junho 2000)



FIGURA 67 - Placa fixada no muro do Edifício Lido, onde o banco fica encostado. (Fotografia tirada pela autora/junho 2000)



FIGURA 68 - As poucas embarcações dos que ainda pescam, principalmente como lazer. Ao fundo, o espigão na altura da Rua João Cordeiro. (Fotografia: Valéria Jacinto/novembro de 2001)



FIGURA 69 - Equipamento de ginástica fixado defronte ao banco, numa fotografia tirada no meio da tarde. O banco está vazio. (Fotografia: Valéria Jacinto/novembro de 2001)



FIGURA 73 - Destroços do Restaurante Estoril, ruído em abril de 1994, em razão das fortes chuvas daquele mês.  
(Fonte: Mais, 1995, p. 12)



FIGURA 74 - Estoril reconstruído, funcionando como Centro Cultural da Praia de Iracema, pertencente à Prefeitura Municipal de Fortaleza.  
(Fonte Brascard Edições de Postais/Fotografia: Tiago Santana)



FIGURA 75 - Estoril sendo decorado para a noite do "Dia dos Namorados".  
(Fotografia tirada pela autora/junho de 2000)



FIGURA 76 - Estoril e Ponte dos Ingleses figurando como ícones urbanos.  
(Fonte: Postais Panorama / Foto Chacon)



FIGURA 77 - Estoril inserido entre imagens sugestivas de uma "Fortaleza turística".  
(Fonte: Brascard Edições de Postais Ltda / Fotos de Celso Oliveira, Tiago Santana e Cláudio Lucchegi)

# ENCONTRO DA CIDADE

## FORTALEZA 274 ANOS

### PROGRAMAÇÃO

Dia 06.01 - Sábado  
 9:00 - Abertura  
 9:15 - Sessão de encerramento dos 274 anos da cidade de Fortaleza - Canal Mundial de Cabo.  
 9:30 - Conferência Política - Tema: "O Futuro das Cidades Brasileiras: diante do Decadente do Estado Brasileiro"  
 Conferencistas: JOSÉ DARCIO - Pres. Nacional do PT / RENATO BARRETO - Vice Presidente Nacional do PCdoB  
 10:15 - Apresentação de Diretrizes para o Programa de Governo dos Esquerdistas  
 10:45 - Intervalo  
 11:00 - Debate  
 14:00 - Encerramento.



FIGURA 78 - Folder do seminário "Encontro da Cidade - Fortaleza 274 anos", promovido pela coligação dos partidos de esquerda que apoiaram a candidatura do deputado Inácio Arruda à Prefeitura de Fortaleza, em 2000. O Estoril aparece vizinho à "Estátua de Iracema".

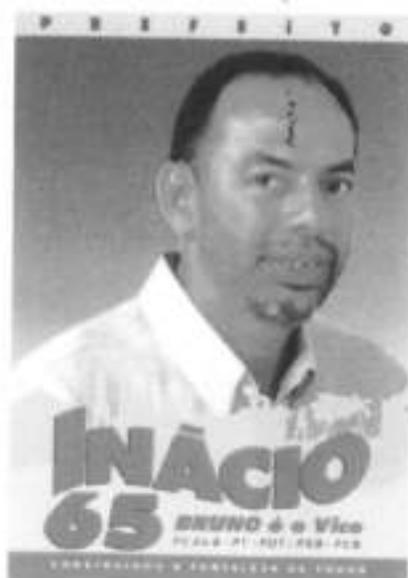


FIGURA 79 - Material de campanha do deputado Inácio Arruda à Prefeitura de Fortaleza, apresentando, como na figura anterior, ícones da cidade (perfil urbano em cor amarela).



FIGURA 80 - Ponte dos Ingleses, reformada em 1994, segundo projeto dos arquitetos Fausto Nilo e Delberg Ponce de Leon. (Fonte tirada pela autora/junho de 2000)



FIGURA 81 - Ponte Metálica, onde funcionou o antigo porto da cidade, em adiantado estado de deterioração. (Fonte: Postais Panorama/Foto chacon)



FIGURA 82 - Contraste entre as duas pontes da Praia de Iracema. (Fonte: Postais Panorama / Foto Chacon)

# Frutos do Mar



Visto do Presidente do Estado do Ceará, Dr. Juracy de Almeida, obra do Porto de Fortaleza em 1922, obra concluída que ficou conhecida como "Porto das Igrejas" ou "Porto Velho" e hoje denominada oficialmente de Porto Metálico (Algarim Neves).

- C 22 – BACALHAU À LUCIANO MAIA  
*(bacalhau, alho, batatas, molho branco, óleo e cebola)*
- C 23 – PARGO À CARLINHOS MORAES  
*(pargo do reino, molho branco, pimentão, tomate, batatas e alcaparras)*
- C 24 – FILÉ DE PARGO À ALANO FREITAS  
*(molho de castanha, cebolas e creme de leite)*
- C 25 – FILÉ DE PARGO À HÉLIO ROLA  
*(espinafre, camarão, molho branco, cogumelos e creme de leite)*
- C 26 – CAMARÃO À ROGACIANO LEITE  
*(camarão, molho branco, cebola, alho e batata)*
- C 27 – CAMARÃO À AIRTON MONTE  
*(camarão empadado, cebolas e óleo de milho)*
- C 28 – LAGOSTA À AUGUSTO PONTES  
*(lagosta, molho de leite, tomate, cebola batata e batatas)*
- C 29 – CAMARÃO A MAINHA  
*(camarão, molho branco, cebola, batatas, leite de leite e cebola)*
- C 30 – PEIXADA À AUDIFAX RIOS  
*(peixe, cebola, batatas, molho de leite)*

FIGURA 83 - Página do Cardápio do Restaurante e Bar Pontal de Iracema, que vigorou em meados da década de 1990, homenageando personalidades da Praia de Iracema.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Maurício de Almeida. **Sobre a Memória das Cidades**. In: Território / LAGET, UFRJ - ano III, n.º 4, Rio de Janeiro, Garandmond, 1998.
- ADERALDO, Mozart Soriano. **História Abreviada de Fortaleza e Crônicas sobre a Cidade Amada**. Edições UFC / Casa de José de Alencar, Fortaleza, 1974.
- ADUFC et alii. **Fortaleza, Cidade Fragmentada**. Adufc, Fortaleza, 1990.
- ALENCAR, José de. **Iracema**. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1965.
- AMARAL, Geraldina. Praia de Iracema. In: **Iracema, a Praia dos Amores**. Caderno Cultural N°9, p.22. Fortaleza, Edições Fundação Cultural de Fortaleza, 1993.
- AUGÉ, Marc. **Não Lugares: Introdução a uma antropologia da Supermodernidade**. Campinas, SP, Papirus, 1994.
- AZEVEDO, Miguel Ângelo de (Nirez). **Fortaleza, Ontem e Hoje**. Fortaleza, Fundação de Cultura DE Fortaleza, 1991.
- BACHELARD, Gaston. **A poética do Espaço**. São Paulo, Martins Fontes, 1993.
- BARBALHO, Alexandre. **Cultura e imprensa alternativa : a revista de cultura O Saco**. Fortaleza, Editora da Universidade Estadual do Ceará, 2000.
- BARROSO, Gustavo. **Mississipi**. Rio de Janeiro, Edições O Cruzeiro, 1961.
- BENEDITO, Francisco. **Caminhando por Fortaleza**. Fortaleza, 1999, Destak Gráfica e Editora.
- BENJAMIM, WALTER. **Magia e Técnica, Arte e Política**. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.
- BOBBIO, Norberto. **Os Intelectuais e o Poder**. São Paulo, 1997, Editora UNESP.
- BONFIM, Marly Gadelha. **A Descaracterização de um Bairro Popular: Um Estudo de Caso da Praia de Iracema**. Fortaleza, 1988, mimeo.
- BORDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa, Difel, 1989.

- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembrança de velhos**. São Paulo, T.A. Queiroz : Editora da Universidade de São Paulo, 1987
- \_\_\_\_\_. Memória da Cidade: Lembranças Paulistanas. In **O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo, Departamento do Patrimônio Histórico de São Paulo, 1992.
- BRAGA MONTENEGRO. Iracema, um Século. In Alencar, José de. **Iracema**. Fortaleza, Imprensa Universitária, 1965.
- CALVINO, Ítalo. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo, Cia. das Letras, 1991.
- CÂMARA, Cristiano. O Estoril. In **Estoril – A Vila Morena da Praia de Iracema**. Caderno Cultural N°13, P.13. Fortaleza, Edições Fundação Cultural de Fortaleza, 1994.
- CAMARGO, Aspásia. Os Usos da História Oral e da História de Vida: Trabalhando com Elites Políticas In: **Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, IUPERJ/Campus, Vol.27, n.º 1, 1984.
- CAMBRAIA, Antonio. Praia de Iracema. In **Iracema, a Praia dos Amores**. Caderno Cultural N°9, p.1. Fortaleza, Edições Fundação Cultural de Fortaleza, 1993.
- CAMINHA, Adolfo. **A Normalista**. Rio de Janeiro, Editora Três, 1973.
- CAMPELO COSTA, Antonio Carlos. Praia de Iracema. In: **Iracema, a Praia dos Amores**. Caderno Cultural N°9, p.28. Fortaleza, Edições Fundação Cultural de Fortaleza, 1993.
- CANCLINI, Nestor Garcia. – O Patrimônio Cultural e a Construção Imaginária do Nacional. In **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional** , Rio de Janeiro, N°23, p.95-115. Rio de Janeiro, IPHAN, 1994.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. A Natureza do Espaço Fragmentado. In: Santos, Milton (Org.). **Território, Globalização e Fragmentação**. São Paulo, Hucitec, 1994.
- CARVALHO, Gilmar de. **Madeira Matriz: Cultura e Memória**. São Paulo, Annablume, 1998.

- CARVALHO, José Murilo de. **A Formação das Almas: O Imaginário da República no Brasil**. Companhia das Letras, São Paulo, 1990.
- CASTRO, José Liberal de. **Fatores de Localização e de Expansão da Cidade de Fortaleza**. Fortaleza, Edições UFC, 1977.
- \_\_\_\_\_. Cartografia Urbana Fortalezense na Colônia e no Império e Outros Comentários. In **A Administração Lúcio Alcântara**. Fortaleza, Prefeitura Municipal de Fortaleza, 1982.
- \_\_\_\_\_. Ceará, sua arquitetura e seus arquitetos. In **Cadernos Brasileiros de Arquitetura: Panorama da Arquitetura Cearense**, Volume I. São Paulo, Projeto Editores, 1982.
- \_\_\_\_\_. Arquitetura Eclética no Ceará. In: FABRIS, Annateresa (org.). **Ecletismo na Arquitetura Brasileira**. São Paulo, Nobel/Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- \_\_\_\_\_. **Fortaleza, Tempos de Guerra**. Fortaleza, Secretaria de Cultura, Turismo e Desporto do Estado do Ceará, 1988.
- \_\_\_\_\_. **O Cinema Diogo e a Cidade**. Fortaleza, Mimeo., 1997.
- CASTRO, Ruy. **Ela é Carioca: uma Enciclopédia de Ipanema**. São Paulo, Companhia das Letras, 1999.
- COLARES, Ciro. As Moças Indeléveis da Praia de Iracema. In: **Iracema, a Praia dos Amores**. Caderno Cultural N°9, p.5. Fortaleza, Edições Fundação Cultural de Fortaleza, 1993.
- CONNERTON, Paul. **Como as Sociedades Recordam**. Editora Celta, 1993, Oeiras, Portugal.
- CORBIN, Alain. **O território do vazio: a praia e o imaginário ocidental**. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- DE DECCA, Edgar S.. Memória e Cidadania. In: **O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo, Departamento de Patrimônio Histórico de São Paulo, 1992.
- DUVIGNAUD, Jean. Prefácio. In: Halbwegs, Maurice. **A Memória Coletiva**. São Paulo, Editora Vértice, 1990.

- da Bahia, 1995.
- FERRARA, Lucrecia D'Alessio. Do mundo como imagem à imagem do mundo. In: Santos, Milton (Org.). **Território - Globalização e Fragmentação**. São Paulo, Hucitec, 1994.
- FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janaína (org.). **Usos e Abusos da História Oral**, Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- FONSECA, Maria Cecília Londres. **O patrimônio em processo**. Rio de Janeiro, UFRJ/IPHAN, 1997.
- \_\_\_\_\_. Referências Culturais: Base para Novas Políticas de Patrimônio. In **O Registro do Patrimônio Imaterial**. Brasília, Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Fundação Nacional de Artes, 2000.
- PREFEITURA MUNICIPAL DE FORTALEZA. **Fortaleza, Evolução Urbana (1603/19679)**. Fortaleza, Imprensa Oficial do Ceará, 1980.
- FORTUNA, Carlos. Turismo, Autenticidade e Cultura Urbana. In: **Revista Crítica de Ciências Sociais**, nº 43, outubro de 1995.
- GIRÃO, Blanchard. A Praia do Destino Azul. In: **Iracema, a Praia dos Amores**. Caderno Cultural Nº9, p.9. Fortaleza, Edições Fundação Cultural de Fortaleza, 1993.
- GIRÃO, Raimundo. **Geografia Estética de Fortaleza**. Fortaleza, Banco do Nordeste do Brasil (Programa de Reedições de Livros de Autores Nordestinos), 1979.
- GONDIM, Linda M. P. **Desenho Urbano e Imaginário Sócio-Espacial da Cidade: A Produção de Imagens da "Moderna" Fortaleza no Complexo Cultural Dragão do Mar (Estudo de Caso)**. Projeto de Pesquisa. Falls Church-Va (EUA), 1997, mimeo
- \_\_\_\_\_. (org.). **Pesquisa em Ciências Sociais; o projeto de dissertação de mestrado**. Fortaleza, Edições UFC, 1998.

- \_\_\_\_\_. **Desenho Urbano e Imaginário Sócio-Espacial da Cidade: A Produção de Imagens da "Moderna" Fortaleza no Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura.** (Relatório de Pesquisa submetido à Fundação Cearense de Amparo à Pesquisa). Fortaleza, 2000, mimeo.
- \_\_\_\_\_. A Construção Social da Memória na Moderna Fortaleza. In AGUIAR, Odílio Alves et ali (org). **Olhares Contemporâneos: cenas do mundo em discussão na universidade.** Fortaleza, Edições Demócrito Rocha, 2001.
- GUTIERREZ, Ramón. História, Memória e Comunidade: O Direito ao Patrimônio Construído. In: **O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania.** São Paulo, Departamento de Patrimônio Histórico de São Paulo, 1992.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo, Editora Vértice, 1990.
- HARVEY, David. **Condição Pós-Moderna: Uma Pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural.** São Paulo, Edições Loyola, 1999.
- HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence. **A invenção das tradições.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.
- INSTITUTO DE ARQUITETOS DO BRASIL – DEPTº CEARÁ. **Preservação do Patrimônio Histórico e Artístico em Fortaleza: o caso da Praia de Iracema.** Fortaleza, 1995.
- JUCÁ, GISAFRAÑ NAZARENO MOTA. **Verso e reverso do perfil urbano de Fortaleza (1945-1960).** São Paulo: Annablume; Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto do Estado do Ceará, 2000.
- KIEFFER, Ana Maria. **Teatro do Descobrimento: Música no Brasil nos séculos XVI e XVII.** In Teatro do Descobrimento: Memória Musical Brasileira. São Paulo, Sony Music/OESP Gráfica, 1999.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** Campinas, Editora da Unicamp, 1996.
- LEITÃO, Juarez. **Sábado, Estação de Viver.** Fortaleza, Editora Premium, 2000.
- LEITE PEREIRA, Lúcia Maria. Esfera privada e esfera pública na trajetória da elite mineira. In In VON SIMSON, Olga M. (org.). **Os Desafios Contemporâneos da História Oral.** Campiñas, Editora da Unicamp, 1996.

- LOPES, José Stênio. **Aspectos Sociais da Vida de Fortaleza**. In Clã Revista de Cultura, Nº16. Fortaleza,UFC, 1947.
- LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo, Livraria Martins Fontes Ltda., 1988.
- LUCENA, Célia. Tempo e espaço nas imagens da lembrança. In SIMSON Olga Rodrigues de Moraes Von. (Org.) **Os Desafios Contemporâneos da História Oral**. Campinas, UNICAMP, 1997.
- MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. **Dom Casmurro**. São Paulo, Novo Brasil Editora Brasileira Ltda, 1984.
- MAGNANI, José Guilherme Cantor & MORGADO, Naira. Futebol de várzea também é Patrimônio. In **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Nº23, p.175-184. Rio de Janeiro, IPHAN, 1996.
- MAGNAVITA, Pasqualino Romano. **Quando a História Vira Espetáculo do Poder**. In ZANCHETTI, Sílvio; MARINHO, Geraldo; & MILLET, Vera (Orgs.). **Estratégias de Intervenções em Sítios Históricos**. Recife, UFPE, 1995..
- MAIA, Luciano. **Estoril**. Fortaleza, Expressão Gráfica e Editora Ltda, 1995.
- \_\_\_\_\_. Desde os Tempos de Arlete. In: **Iracema, a Praia dos Amores**. Caderno Cultural Nº9, p.9. Fortaleza, Edições Fundação Cultural de Fortaleza, 1993.
- MAGALHÃES, Juraci. A Felicidade que Ficou... In: **Iracema, a Praia dos Amores**. Caderno Cultural Nº9, p.3. Fortaleza, Edições Fundação Cultural de Fortaleza, 1993.
- MARQUES DOS SANTOS, Afonso Carlos. Entre a Destruição e a Preservação: Notas para o Debate. In: SCHIAVO, Cléia & ZETTEL, Jaime (org.). **Memória, Cidade e Cultura**. Rio de Janeiro, Ed. VERJ, 1997.
- MARQUES, Sônia. As Estratégias de Lugares de Memória: Um Novo Elo entre Cultura e Política. In ZANCHETTI, Sílvio; MARINHO, Geraldo; & MILLET, Vera (orgs.). **Estratégias de Intervenção em Sítios Históricos**. Recife, UFPE, 1995.
- MARX, Murilo. **Cidade Brasileira**. Edições Melhoramentos Ed. Da Universidade de São Paulo, 1980.

- MEIHY, José Carlos Sebe. Definindo História Oral e Memória. **Cadernos CERU**, São Paulo, n.º 5, série 2, 1994, pp. 52-60
- MONTENEGRO, Abelardo F.. **A Praça do Ferreira (Tentativa de Interpretação do Ceará Moleque)**. Fortaleza, Editora ª Batista Fontenele, 1959.
- NETO, Guilherme . Os Três Coqueiros. In: **Iracema, a Praia dos Amores**. Caderno Cultural Nº9, p.12. Fortaleza, Edições Fundação Cultural de Fortaleza, 1993.
- NORA, Pierre. Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares. In: **Projeto História**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, nº 10, São Paulo, PUC, 1993.
- OLIVEIRA, Márcio de. **Uma abordagem do imaginário brasileiro: a presença do mito da construção de Brasília**. Curitiba, 1996, Mimeo.
- OLIVEIRA PAIVA, Manoel. **A Afilhada**. São Paulo, Editora Anambi S.A., 1961.
- PAOLI, Maria Célia. Memória, História e Cidadania: O Direito ao Passado. In: **O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania**. São Paulo, Departamento de Patrimônio Histórico de São Paulo, 1992.
- PAOLI, Maria Célia & ALMEIDA, Marco Antônio. Memória, Cidadania, Cultura Popular. In **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, Nº24, Rio de Janeiro, IPHAN, 1996.
- PATETA, Luciano. Considerações sobre o Ecletismo na Europa. In: FABRIS, Annateresa (org.). **Ecletismo na Arquitetura Brasileira**. São Paulo, Nobel/Editora da Universidade de São Paulo, 1987.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. Relatos orais: do "dizível" ao "indizível". In VON SIMSON, Olga M. (org.). **Experimentos com histórias de vida**. São Paulo, Vértice, 1998.
- PINTO, Júlio Pimentel. Os Muitos Tempos da Memória. In **Projeto História**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, N.º 17, São Paulo, PUC, 1998.
- POLLAK, Michel. Memória, Esquecimento, Silêncio. In: **Estudos Históricos**, Revista da Associação de Pesquisa e Documentação Histórica da Fundação Getúlio Vargas, v.2, nº 3, São Paulo, Edições Vértice, 1989.

- PONTE, Sebastião Rogério. **Fortaleza Belle Époque: Reformas Urbanas e Controle Social 1860 – 1930**. Fortaleza, Fundação Demócrito Rocha, 1999.
- QUEIROZ, Rachel de. **O Quinze**. Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio Editora S.A. 1984.
- REIS, Nestor Goulart. Algumas Experiências Urbanísticas do Início da República / 1890/1920. In **Cadernos de Pesquisa do Laboratório de Estudos sobre Urbanização, Arquitetura e Preservação**. São Paulo, USP, Agosto de 1994.
- ROCHA, Antônio Martins da. **O mar e a Expansão Urbana de Fortaleza**. Monografia de Curso de Aperfeiçoamento. UFC, 1984
- RODRIGUES, Adyr Balastreti. **Turismo e Espaço - Rumo a um Conhecimento Transdisciplinar**. São Paulo, Hucitec, 1987.
- ROUANET, Sérgio Paulo. **As Razões do Iluminismo**. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- ROTEIRO SENTIMENTAL DE FORTALEZA: **Depoimentos de História Oral de Moreira Campos, Antônio Girão Barroso e José Barros Maia**. Coordenadores: Simone de Souza e Sebastião Rogério Ponte. Fortaleza: UFC – NUDOC/ SECULT – CE, 1996.
- SAMUEL, Raphael. História Local e História Oral. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, vol. 9, n.º 19, pp.219-43, set.89/fev. 90.
- SANTOS, Carlos Nelson F. dos. Preservar não é tomar. Renovar não é pôr tudo abaixo. **Revista Projeto N.º 86**. São Paulo, Editora Projeto, 1986.
- \_\_\_\_\_. **A cidade como jogo de cartas**. São Paulo, Projeto Editores Associados Ltda / Niterói, EDUFF, 1988.
- SANTOS, Carlos Nelson F. dos & VOGEL, Arno (Coord.). **Quando a Rua Vira Casa: a apropriação de espaços coletivos em um centro de bairro**. São Paulo, Instituto Brasileiro de Administração Municipal / Centro de Pesquisas Urbanas/ Projeto Editores, 1985.
- SANTOS, Milton. **Espaço e Método**. São Paulo, Nobel, 1985.

- \_\_\_\_\_. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo. Razão e Emoção.** São Paulo, Editora Hucitec, 1997.
- SEGRE, Roberto. Havana: O Resgate Social da Memória. In: **O Direito à Memória: Patrimônio Histórico e Cidadania.** São Paulo, Departamento de Patrimônio Histórico de São Paulo, 1992.
- SILVA, José Borzachiello. **Os Incomodados não se Retiram.** Fortaleza, 1982.
- SILVA NETO, Napoleão Ferreira. **O Palácio da Cultura – Poder e Arquitetura.** Fortaleza, Expressão Gráfica e Editora Ltda, 2000.
- SOUSA, Francisco de Assis Faustino. **O Turismo e a Produção do Espaço na Praia de Iracema.** Fortaleza, UFC, 1996, mimeo.
- THOMSON, Alistair. Reconstituindo a Memória; Questões Sobre a Relação entre a História Oral e as Memórias. **Projeto História,** São Paulo, abr. 97.
- THOMPSON, John B. **Ideologia e Cultura Moderna: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa.** Petrópolis, Vozes, 1995.
- TUAN, Yi-Fu. Espaço e Lugar; a perspectiva da experiência. São Paulo, DIFEL, 1983.
- VELOSO, Caetano. **Verdade Tropical.** São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- VELHO, Gilberto. Antropologia e Patrimônio Cultural. In **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,** Nº 20. Rio de Janeiro, SPHAN/ Fundação Nacional Pró-Memória, 1984.
- \_\_\_\_\_. A Grande Cidade Brasileira: sobre heterogeneidade e diversidade culturais. In **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional,** Nº 21. Rio de Janeiro, SPHAN/ Fundação Nacional Pró-Memória, 1986.

## OUTRAS FONTES

### Jornais

#### *Década de 1920*

- Jornal O Povo, edições de 17 e 18 de fevereiro de 1928.

#### *Década de 1940*

- Jornal O Povo, 16 de janeiro de 1946. A Praia de Iracema acha-se inteiramente abandonada.
- Jornal O Povo, 24 de janeiro de 1946. Estão novamente em perigo as casas da Praia de Iracema.
- Menezes, Raimundo. Fortaleza foi uma cidade que progrediu com a Guerra. Jornal O Povo, 28 de janeiro de 1946.
- Peri Augusto. A Tragédia da Praia de Iracema, Jornal O Povo, 07 de fevereiro de 1946.
- Sarasate, Paulo. Encantos da velha Praia do Peixe são cousas do passado. Jornal O Povo, 6 de abril de 1946.
- Jornal O Povo, 27 de abril de 1946. Uma nova investida do oceano contra a praia.

#### *Década de 1950*

- Jornal O Povo, 18 de janeiro de 1950. Serão inauguradas todas as instalações do Náutico.

#### *Década de 1960*

- Jornal O Povo, Coluna Mundanismo, edições de 08 e 10 de fevereiro de 1960.
- Morais Né. Praia de Iracema pode voltar à plenitude dos velhos tempos. Jornal O Povo, 11 de abril de 1966.

#### *Década de 1970*

- Jornal O Povo, 12 de janeiro de 1970. Suplemento Utilidade Pública, Seção Panorama.
- Jornal O Povo, 13 de julho de 1976. Poço da Draga desapropriado.
- Nogueira, Carvalho. A Vila Morena dos Porto. O Estoril dos Boêmios. Jornal O Povo, 28 de agosto de 1977.
- Jornal O Povo, 18 de junho de 1978. Praia do Lido, um recanto alegre.

### *Década de 1980*

- Gurgel, Márcia. Depois do mar, a voragem da especulação imobiliária. *Jornal O Povo*, 26.05.80
- *Jornal O Povo*, 28 de maio de 1981. Praia de Iracema será preservada.
- *Jornal O Povo*, 05 de junho de 1984. Manifesto em Defesa da Praia de Iracema.
- Barroso, Oswald & Silas de Paula. Serão os Iracemitas Dom Quixote? *Jornal O Povo*, 09 de junho de 1984.
- *Jornal O Povo*, 02 de agosto de 1984. Praia de Iracema contra a força da grana que ergue e destrói coisas belas”.
- *Jornal O Povo*, 16 de novembro de 1984. Praia de Iracema – Reduto histórico e cultural em busca de sua preservação.
- *Jornal O Povo*, 06 de janeiro de 1985. O Anísio: a História afetiva de uma geração.
- *Jornal O Povo*, 28 de de julho de 1985. Entidades vêm ameaça à Praia de Iracema.
- Leite Filho, Rogaciano. Praia de Iracema: saudade e resistência. *Jornal O Povo*, 02 de agosto de 1985.
- *Jornal O Povo*, 20 de novembro de 1985. Praia de Iracema perde sua identidade.
- Leite Filho, Rogaciano. Estoril, a luta pela preservação da história. *Jornal O Povo*, 14 de junho de 1986.
- *Jornal O Povo*, 19 de junho de 1988. Baixo Iracema, Alto Astral.
- *Jornal O Povo*, 24 de junho de 1989. Reabertura do Estoril autorizada por Ciro.

### *Década de 1990*

- Jaguaribe, Elisabete. Praia de Iracema quer o fim do caos. *Jornal O Povo*, 03 de julho de 1991.
- Matos, Tarcísio. Iracema resiste como praia só no nome. *Jornal O Povo*, 29 de dezembro de 1991.

- Jornal O Povo, 22 de maio de 1992. A Praia de Iracema, mais tradicional bairro de Fortaleza, comemora, amanhã, 67 anos.
- Jornal O Povo, 16 de janeiro de 1993. Calçadão da Beira-Mar à Praia de Iracema terá 6 quilômetros.
- Jornal O Povo, 03 de abril de 1993
- Jornal O Povo, 07 de abril de 1993. Cirandinha será desapropriado e reconstruído no novo calçadão.
- Jornal O Povo, 17 de junho de 1994. Governo Estadual gastará US\$500 mil na Reforma da Ponte.
- Jornal O Povo, 28 de junho de 1994.
- Gurgel, Márcia. Poetas encantados fazem de Iracema sua musa inspiradora. Jornal O Povo, Caderno Sábado, 03 de junho de 1995.
- Jornal O Povo, 03 de junho de 1995. Suplemento O Povo nos Bairros.
- Tribuna do Ceará, 15 de janeiro de 1996. Estoril ou Ex-toril.
- França, Rodrigo. Praia de Iracema é a musa inspiradora da cidade. Jornal Diário do Nordeste, 13 de dezembro de 1996.
- Aleiteia Patrícia. Lei não protege Praia de Iracema. Jornal O Povo, 17 de fevereiro de 1997.
- Castelo, Roberto Martins. Novos Arranjos Arquitetônicos. Jornal O Povo, Caderno Sábado, 01 de novembro de 1997.

#### *Década de 2000*

- Jornal O Povo, 4 de dezembro de 2000. Caderno Classificados.
- Furlani, Clarisse. Comunidade resiste à beira-mar. Jornal O Povo, 29 de novembro de 2001.
- Jornal O Povo, 10 de novembro de 2001. Caderno de Economia.

#### **Revistas**

- Revista Ceará Ilustrado. Edições N°13, 16, 22, 23 e 24 de 1924. Edições 47, 51, 52, 57 e 70 de 1925.

- Revista A Jandaia. Edições de N°48 e 56 de 1925.
- Revista O Cruzeiro, edição de 4 de abril de 1953, p 84-88.

#### **Leis**

- Lei Orgânica do Município de Fortaleza, 1990.
- Fortaleza. Lei Municipal N° 6119, de 19 de setembro de 1986. Institui normas de proteção, preservação e conservação ao imóvel onde se situa o Restaurante Estoril.
- Fortaleza. Lei Municipal N° 6512, de 12 de outubro de 1989. Institui normas de proteção, preservação e conservação da Ponte Metálica (Ponte dos Ingleses) e adota outras providências.
- Fortaleza. Lei Municipal N° 7814, de 30 de outubro de 1995. Dispõe sobre o parcelamento, o uso e a ocupação do solo na Zona Especial – Área de Interesse Urbanístico da Praia de Iracema, instituída pela Lei N°7061, de 16 de janeiro de 1992, PDDU-FOR e dá outras providências.

#### **Filme**

- Iracema – Praia dos Amores. Filme em VHS, com roteiro de Dulcinéa Gil e direção de produção de Beatriz Furtado. Direção Geral de Nilton Melo Almeida. Fortaleza, TV Ceará Canal 5, 1994.